



Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PROPEG
Campus de Pau dos Ferros
Departamento de Letras Vernáculas - DLV
Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional - PROFLETRAS
Unidade Pau dos Ferros
Br 405, Km 153, Bairro Arizona, CEP 59800-000, Pau dos Ferros/RN
Fone (84) 3351 2560/ Fax 3351 3909/ E-mail: profletras.pferros@gmail.com/ Site: propeg.uern.br/profletras



KARLENA RAQUEL FERREIRA UNIAS

***FUNK: DO CANTAR AO FALAR - O LÉXICO DE JOVENS DA
PERIFERIA DE FORTALEZA***

**Pau dos Ferros – RN
2020**

KARLENA RAQUEL FERREIRA UNIAS

***FUNK: DO CANTAR AO FALAR- O LÉXICO DE JOVENS DA
PERIFERIA DE FORTALEZA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado Profissional – Profletras), oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia – Pau dos Ferros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

Pau dos Ferros – RN
2020

Catlogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

F383f Ferreira Unias, Karlana Raquel
 FUNK: DO CANTAR AO FALAR - O LÉXICO DE
 JOVENS DA PERIFERIA DE FORTALEZA. / Karlana
 Raquel Ferreira Unias. - Pau dos Ferros, 2020.
 119p.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.
Dissertação (Mestrado em Programa de Mestrado
Profissional em Letras). Universidade do Estado do Rio
Grande do Norte.

1. Léxico. Significados. Construção de sentidos. Funk.
I. Pontes, Antônio Luciano. II. Universidade do Estado do
Rio Grande do Norte. III. Título.

FUNK: DO CANTAR AO FALAR- O LÉXICO DE JOVENS DA PERIFERIA DE FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado Profissional – Profletras), oferecido pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia – Pau dos Ferros, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Pontes Luciano

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Orientador

Prof. Dr. Ananias Agostinho da Silva

Universidade Federal Rural do Semi-Árido - URFESA
Examinador Interno

Profa. Dra. Tatiana Lourenço de Carvalho

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Examinador Externo

Profa. Dra. Socorro Maia Fernandes Barbosa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN
Suplente

Pau dos Ferros – RN
2020

Aos meus pais, Helena e Carlos, que sempre me apoiaram e acreditaram no meu potencial. E ao meu filho, Pedro Henrique, o grande amor da minha vida e o meu maior incentivador.

AGRADECIMENTOS

A Deus por sempre ser minha luz, meu refúgio e meu guia em todos os momentos;

Aos meus pais, Helena e Carlos, por todo carinho e cuidados proporcionados a mim. Pelas orações e pedidos de proteção, que nunca falharam nessas várias viagens a Pau dos Ferros, e por me ensinarem a não desistir dos meus propósitos;

Ao meu filho amado, Pedrinho, por ser meu maior incentivo e por ser compreensivo nos momentos que precisei me ausentar para frequentar as aulas, superando a saudade, mas sobretudo me passando força para não desistir dos meus estudos;

Ao meu adorável orientador Antônio Luciano Pontes, por ter aceitado ser meu orientador e me proporcionar momentos riquíssimos de puro aprendizado e de bom humor. Sem dúvidas, não poderia ser outra pessoa a me orientar;

Aos meus queridos alunos participantes desta pesquisa, por aceitarem o convite e pelas importantes colaborações a este trabalho, além de me permitirem não apenas ensinar, mas também aprender com eles em cada aula;

A todos meus professores do ProfLetras, Ananias, Marcos Nonato, Rosângela, Vanice, Edileuza, Socorro, Clécida, Lúcia e Diana, por todos os ensinamentos de inestimado valor que contribuíram tanto para minha pesquisa, quanto para minha formação profissional e pessoal como um todo, fazendo valer à pena toda a distância por mim percorrida durante todo o curso;

Aos maravilhosos professores Tatiana e Ananias, por aceitarem fazer parte da banca avaliadora deste trabalho e que, com seus olhares cheios de conhecimentos e experiências, proporcionaram fantásticas contribuições na minha banca de qualificação e na minha defesa;

Aos meus colegas de classe, Abraão, Audaclécia, Cecília, Max, Vanilda, Francledna, Vagna, Stênia, Edilânia, Socorro, Audineide e Clenilda, por se tornarem uma verdadeira corrente de amor e dedicação, fazendo com que fôssemos o apoio e a âncora uns dos outros, não deixando que nenhum desistisse. E por transformarem os dias árduos de horas a fio de estrada e de estudo em dias leves, alegres e gratificantes;

À minha amada amiga Audaclécia, mais um ser de luz que Deus me presenteou, que desde o primeiro dia de aula me ofertou sua mão amiga, oferecendo-me não só um quarto para dormir, mas um lugar na sua família e no seu coração;

Ao meu irmão de coração, Raniere, que esteve do meu lado desde o início dessa caminhada e me trouxe muita serenidade com suas palavras de apoio e incentivo. Além de contribuir diretamente na feitura da tradução do resumo deste trabalho;

Às minhas queridas amigas Aucilene e Gerluce, que com seus conhecimentos de recém-mestras, me ofereceram valiosas dicas para o processo de construção do meu texto;

Aos meus amigos anjos, Karine, Alessandra, Robinson, Mercês, Glícia, Soleane, Karinne, Déborah, Ana Célia, Raquel, por me apoiarem e acreditarem no meu potencial.

Às minhas colegas de profissão Daniele, por me indicar Pau dos Ferros como opção de realização desse mestrado e por suas muitas outras dicas que me ajudaram e simplificaram minha jornada; e à Aline Nascimento que, ao saber da minha aprovação no ProfLetras, me presenteou com seu material de estudo e com suas palavras de motivação;

A Edneudo, que com sua complacência e gentileza, esteve sempre disposto a ajudar e a solucionar nossos problemas burocráticos junto à coordenação do curso;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, pela concessão de bolsa de estudos, o que tornou viável realização desta pesquisa.

“As palavras têm atrás delas os instrumentos que as explicam: elas guiam-nos no percurso através das errâncias do seu significado. Coisas e conteúdos interagem, desde que as coisas sejam usadas através das palavras adequadas. Cada palavra tem um uso típico, mais saliente e outros usos mais genéricos ou mais específicos. Integrar a palavra no seu uso mais saliente é assim o primeiro caminho.”

(VILELA, 1999, p. 103)

RESUMO

O léxico constitui-se como o componente linguístico que mais reflete a cultura de um povo. É através dele que o processo de ensino-aprendizagem de língua materna se materializa. Por sua condição dinâmica, o léxico é responsável por assegurar a identidade linguística dos mais diversos falares; e isso nos imputa a ter um olhar mais amplo, como a própria concepção de heterogeneidade e de multiplicidade da língua requer. Contudo, é perceptível a falta de atenção por parte dos educandos em relação à compreensão de determinadas palavras e expressões utilizadas por eles. Partindo disso, nosso trabalho consiste na análise sistemática do léxico, a partir das letras de *funk*, com foco na seleção de determinados itens lexicais e/ou expressões buscando a compreensão destes através de seus significados e identificando as marcas culturais e ideológicas que aparecem no discurso do citado gênero musical. Temos como objetivo principal coletar e analisar, em nível semântico-pragmático, os sentidos e intenções de sentidos através dos itens lexicais retirados de algumas letras de *funk* e usados por alunos de 9º ano de uma escola pública da periferia de Fortaleza. Nessa perspectiva, desenvolvemos algumas atividades que puderam servir de base aos alunos a fim de que identificassem itens lexicais, atribuir-lhes seus respectivos significados e refletir sobre estes. De tal maneira, propusemos uma análise das palavras e expressões identificadas pelos alunos, buscando ajudá-los no processo de escolha lexical, dado o contexto de interação, de maneira a minimizar falhas comunicativas e propagação de preconceitos linguísticos. Nosso estudo foi embasado nas orientações estratégicas para o uso do léxico, considerando a situação discursiva e à luz dos pressupostos teóricos de Bahktin (1997, 2016) e dos estudos de Marcuschi (2007, 2008). No âmbito das Ciências do Léxico levamos em conta os estudos de Welker (2004), Fromm (2004), Vilela (1994, 1999), Oliveira e Izquierdo (2001), Pontes (2009), Biderman (1996, 1998, 2001). Já no que concerne a Sociolinguística, seguimos as reflexões de Antunes (2007, 2012), Bagno (1999, 2001, 2007), Soares (1994), Ilari (2002, 2011), Krieger (2012, 2014), dentre outros. Nossa pesquisa se caracteriza como uma pesquisa-ação de natureza aplicada, com uma abordagem qualitativa e foi desenvolvida em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual situada na periferia de Fortaleza. Para atingirmos nosso objetivo, desenvolvemos atividades de ensino-aprendizagem que nos possibilitaram o diagnóstico para realizar a intervenção adequada, avaliando assim, de maneira qualitativa, as possibilidades de uso que um item ou expressão lexical podem apresentar. Por fim, nossa análise de dados permitiu a identificação de 55 itens lexicais, dentre palavras e expressões, com apresentação de seus respectivos significados, culminando na elaboração de um pequeno glossário. Comprovou-se, portanto, a eficácia da atividades desenvolvidas no tocante à competência reflexiva sobre o uso da língua em situação de interação por parte dos alunos.

Palavras-chave: Léxico. Significados. Construção de sentidos. Funk

ABSTRACT

The lexicon is the linguistic component that most reflects the culture of a people. It is through it that the mother tongue teaching-learning process materializes. Due to its dynamic condition, the lexicon is responsible for ensuring the linguistic identity of the most diverse speeches; and this imputes us to take a broader look, as the very conception of heterogeneity and multiplicity of language requires. However, it is noticeable the lack of attention on the part of the students in relation to the understanding of certain words and expressions used by them. Based on this, our work consists of a systematic analysis of the lexicon, based on funk lyrics, focusing on the selection of certain lexical items and / or expressions seeking to understand them through their meanings and identifying the cultural and ideological marks that appear in the speech of the aforementioned musical genre. We will have as main objective to collect and analyze, in a semantic-pragmatic level, the senses and intentions of senses through the lexical items taken from some funk lyrics and used by 9th grade students from a public school on the outskirts of Fortaleza. In this perspective, we will develop some activities that can serve as a basis for students so that they can identify lexical items, assign them their respective meanings and reflect on them. In such a way, we proposed an analysis of the words and expressions identified by the students, seeking to help them in the lexical choice process, given the context of interaction, in order to minimize communicative failures and the spread of linguistic prejudices. Our study was based on strategic guidelines for the use of the lexicon, considering the discursive situation and in the light of Bahktin's theoretical assumptions (1997, 2016) and Marcuschi's studies (2007, 2008). In the context of Lexicon Sciences, we considered the studies of Welker (2004), Fromm (2004), Vilela (1994,1999), Oliveira and Izquierdo (2001), Pontes (2009), Biderman (1996, 1998, 2001). Regarding Sociolinguistics, we follow the reflections of Antunes (2007, 2012), Bagno (1999, 2001, 2007), Soares (1994), Ilari (2002, 2011), Krieger (2012, 2014), among others. Our research is characterized as an action research of an applied nature, with a qualitative approach and was developed in a class of 9th grade of elementary school in a state public school located on the outskirts of Fortaleza. To achieve our goal, we will develop teaching-learning activities that enable us to make the diagnosis in order to carry out the appropriate intervention, thus qualitatively evaluating the possibilities of use that an item or lexical expression may present. Finally, our data analysis allowed the identification of 55 lexical items, among words and expressions, with the presentation of their respective meanings, culminating in the elaboration of a small glossary. Therefore, the effectiveness of the activities developed in terms of reflective competence on the use of language in situations of interaction by the students was proven.

Keywords: Lexicon. Meanings. Construction of meanings. Funk.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	22
2.1 O LÉXICO E O ENSINO	22
2.2 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO E O USO DO DICIONÁRIO.....	29
2.3 DIFERENCIAÇÃO ENTRE DICIONÁRIO, VOCABULÁRIO E GLOSSÁRIO.....	32
2.4 POR QUE E COMO ENSINAR PALAVRAS?	34
2.5 AS VARIEDADES LINGÜÍSTICAS: DOS DOCUMENTOS OFICIAIS PARA PRÁXIS	36
2.6 ENTRE O NEOLOGISMO, O ESTRANGEIRISMO E O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO	39
2.7 CARACTERIZAÇÃO DO <i>FUNK</i> BRASILEIRO.....	44
2.8 O <i>FUNK</i> : O RITMO QUE SAIU DAS RUAS E INVADIU AS SALAS DE AULA.....	45
2.9 O <i>FUNK</i> E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA	48
3 ASPECTOS METODOLÓGICOS	52
3.1 A ABORDAGEM E A NATUREZA DA PESQUISA	52
3.2 O CAMPO ONDE SE DESENVOLVEU A PROPOSTA INTERVENTIVA.....	54
3.3 SUJEITOS ENVOLVIDOS NA PESQUISA-AÇÃO	56
3.4 A PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	57
3.5 A AÇÃO E AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	59
3.6 INSTRUMENTOS, <i>CORPUS</i> E CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	68
4 ANÁLISE DE DADOS	70
4.1 DAS PALAVRAS OU EXPRESSÕES QUE FAZEM PARTE DO LÉXICO COTIDIANO DO ALUNO E QUE SÃO ORIUNDAS DAS LETRAS DE <i>FUNK</i>	70
4.2 DOS PROCESSOS FORMATIVOS E VARIACIONAIS	74
4.3 DAS MARCAS DE IDENTIDADE SOCIOCULTURAIS.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
6 REFERÊNCIAS	84
7 ANEXOS.....	90

1 INTRODUÇÃO

Durante anos, a escola acreditou que sua função, quanto ao ensino da língua portuguesa (LP), era simplesmente ensinar o aluno a ler e a escrever desvinculando tais processos de qualquer interação social e atribuindo-lhes um caráter metódico, mecânico, cansativo, obrigatório e, por vezes, punitivo. Tal posicionamento refletiu negativamente para além das aulas de língua portuguesa, uma vez que corroborou diretamente na dificuldade de muitos em interpretar textos e, conseqüentemente, isso fez com que pessoas antipatizassem com as aulas, o que acabou por gerar indivíduos menos autônomos e participativos na sociedade como um todo; como esclareceu Almeida (2014) ao afirmar que

Muitas vezes a escola esquece que a educação é um problema social, e encara-o como problema pedagógico. Sem o menor respeito pelas condições de vida de seus frequentadores, impõem-lhes modelos de ensino e conteúdos justamente produzidos para a conservação dessa situação injusta, indecente, que esboçamos anteriormente. Sem fazer crítica verdadeira, histórica, do saber que coloca aos alunos, a escola considera todo e qualquer conteúdo válido, muitas vezes baseado em preconceitos, ignorâncias, verdades incontestáveis, dogmáticas (ALMEIDA, 2014, p. 16).

Sabemos que a língua, enquanto algo vivo e dinâmico, passa por constantes adequações, transformações e substituições linguísticas (CAGLIARI, 1997); de maneira que para um falante ser considerado um comunicador eficiente precisa, antes de tudo, perceber a heterogeneidade de nossa língua e fazer ajustes linguísticos que são determinados pelas relações socioculturais e interacionistas; ou seja, deve ser considerado todo o contexto e os elementos envolvidos neste processo para construção de um determinado texto, pois, independentemente de se apresentar na sua forma escrita ou falada, o objetivo primordial para o uso da linguagem é estabelecer comunicação.

Desta maneira, há de se ressaltar a importância do estudo do léxico em sala de aula desenvolvido de uma forma significativa para o aprendente, partindo de sua realidade linguística e voltando-se para ela, a fim de corroborar com a melhor adequação dos itens lexicais, favorecendo a comunicação com excelência. O tratamento dado ao ensino do léxico nas escolas durante anos foi voltado à significação da palavra isolada e desprovida de situações comunicativas, e a ineficiência desse método contribuiu para tornar os alunos menos reflexivos e críticos e, portanto, menos atuantes na sociedade (ANTUNES, 2012). Para esse aprendiz, as

atividades de língua portuguesa voltadas ao estudo do léxico, leitura, interpretação e escrita são desprovidas de significados, já que, na maioria das vezes, são propostas sem qualquer articulação com o seu meio e isso deixa o aluno sem motivação para desenvolver tais atividades. Essa abordagem trouxe sérios problemas para o ensino-aprendizagem inclusive nas produções escritas, o que impactou diretamente na aprendizagem de outras disciplinas e, mais sério ainda, resultou em alunos pouco leitores e pouco escritores e, claramente, menos reflexivos de sua própria língua.

Não menos importante, além da falta de identificação nas atividades escolares, ainda há o problema do preconceito linguístico; pois as atividades realizadas na escola privilegiam o uso de uma linguagem verbal centrada numa variante de prestígio social considerada padrão e que menospreza a realidade linguística do próprio aluno, levando-o a acreditar que as palavras que ele usa para se comunicar não são corretas, não são bonitas e, portanto, não são aceitáveis; o que comprova uma valorização de ensinar a língua sob um viés gramatical em detrimento das questões de vocabulário, como bem ressaltou Antunes (2012, p.22) ao enfatizar que o aluno acaba por não reconhecer seu próprio vocabulário.

É importante ressaltar ainda o novo olhar dado ao ensino da língua materna nos Parâmetros Curriculares Nacionais (doravante PCN), através de uma abordagem mais interativa, centrada no ensino dos gêneros discursivos e considerando a realidade do aluno nesse processo. Em linhas gerais, no documento oficial em questão, o ensino da língua materna passa a ter seu enfoque no texto e no discurso priorizando a leitura, a interpretação e a escrita, partindo do texto e voltando a ele. Nessa perspectiva, o olhar diagnóstico do professor é de suma importância, pois o docente deverá observar as necessidades discursivas do aluno e adequar suas *práxis* ao contexto real de sala de aula. Ademais, essa abordagem didática do ensino da língua portuguesa deve estimular a reflexão do discente sobre seus conhecimentos linguísticos, fazendo-o entender que o objetivo primordial da aula de língua portuguesa não é restringir ou moldar seu modo de expressar-se; mas sim, ampliar seu leque linguístico, ofertando-o possibilidades linguístico-discursivas diversas e considerando o contexto, num ensino que prioriza “ampliação do léxico e de suas respectivas redes semânticas (...)” (BRASIL, 1998, p. 32-33) na busca ao estímulo dos esquemas linguístico-cognitivos do aprendente.

Mais recente ainda, o Brasil homologou a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, doravante BNCC), documento oficial que tem como objetivo orientar os currículos de todas as escolas públicas e privadas do país. De maneira tal, para o Ensino Fundamental, o documento ressalta que o ensino de língua portuguesa deve ser relevante para a formação crítica

do aluno, fazendo com que o aprendente, enquanto ser social, seja capaz de mobilizar conhecimentos das diversas linguagens e esferas sociais visando uma mensagem mais satisfatória, e que consiga se posicionar diante de situações que envolvam as dimensões sociais nas quais está inserido.

Assim, nossa pesquisa propõe o ensino do léxico de maneira mais significativa e contextualizada para o aluno, uma vez que escolhemos partir do gênero musical *funk* para o desenvolvimento do nosso estudo. O uso de determinados itens lexicais nas letras do gênero musical *funk* nos incita a uma reflexão para a questão da disseminação de uma cultura carregada de marcas preconceituosas, e até mesmo abusivas, e para a construção de valores favorecida neste estilo de música tão amplamente apreciado pelos alunos da periferia e enormemente divulgado nas mídias e redes sociais. Dessa forma, quando pensamos em “produção de sentido” nas aulas de língua portuguesa, propomos a aproximação entre o ensino da língua materna e seu real uso e as aulas de língua portuguesa.

Outra importante razão para a realização da referida escolha diz respeito ao fato de atuarmos há mais de seis anos em uma escola pública da periferia da capital cearense. Durante esse período pudemos observar que, em várias situações comunicativas, nossos alunos faziam uso de um léxico muito peculiar a sua realidade, no entanto, muito distante do léxico utilizado pelos professores da escola. Além disso, não havia qualquer preocupação do discente em serem entendidos, pois não percebiam a necessidade de aplicar uma adequação vocabular que se ajustasse às situações interacionistas da língua; situações estas que vão além daquelas realizadas em suas comunidades.

Buscamos, portanto, uma proposta de ensino do léxico mais significativo, como orientam os documentos oficiais e sinalizam outros tantos estudiosos da língua portuguesa, que faça uso de uma metodologia reflexiva e que leve o aluno a ser protagonista nesse processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, faremos uma reflexão sobre o uso do léxico, pois acreditamos que mais do que ensinar a ler e escrever, a escola precisa conduzir o discente ao uso de uma linguagem adequada ao propósito comunicativo de maneira consciente, para que possa reconhecer nos discursos os valores socioculturais envolvidos de tal forma que, em caso de manifestações linguísticas depreciativas, não haja a reprodução de ideias preconceituosas.

Falar sobre a importância da palavra para o ensino da língua, nos dias de hoje, não é nenhuma novidade; muitos já perceberam a relevância das teorias interacionistas para esse processo; Krug (2015), por exemplo, ressalta em seu artigo que o leitor é capaz de extrair diferentes acepções lexicais durante o processo de leitura e interpretação de um texto,

reafirmando a utilização das relações sociais para tal ação. Seguindo essa linha de raciocínio, Fleck (2016) pontua a importância do ensino mais significativo para o aluno. Seu trabalho analisa o uso dos pronomes, no entanto, propõe a flexibilização desse processo ao reconhecer a importância das variações linguísticas; já que o aspecto linguístico faz referência direta a uma identidade cultural, ou seja, ao aspecto sociolinguístico.

Nesse contexto, Silva (2010), através de estudos de casos, descreve o processo de significação lexical na mente, na cultura e na sociedade; destacando os aspectos fundamentais da semântica das palavras. O autor ressalta que a significação das palavras leva em consideração a experiência individual, coletiva e histórica do aluno; e evidencia o caráter dinâmico e flexível do léxico. Para ele, a palavra não é constituída por um “saco de sentidos”, mas sim uma potencial significação multidimensionada e determinada pela situacionalidade em que o leitor está inserido. Ainda nessa mesma vertente, Butti (2007) desenvolveu sua pesquisa na área do léxico e suas implicações sobre as representações de mundo nas designações infantis, para tal, analisou a palavra na sua dimensão cognitiva na busca de mostrar que atribuir significado(s) a uma unidade lexical envolve relação de sentido individual com o meio onde a criança está inserida.

Seguindo essa mesma perspectiva, este trabalho se dispõe a fazer uma análise sobre a seleção e o uso lexical nas letras do *funk* e reproduzido por nossos alunos, levando em conta o papel interacionista do léxico, a fim de desenvolver uma proposta de intervenção através da realização de atividades com o intuito de levar o aluno a reconhecer a importância dos elementos extratextuais na interpretação do texto em si e fazendo uso daquilo que Schneuwly (1997, *apud* BARROS, 2008, p. 24) chama de transposição didática, ou seja, “processo criativo de transformação dos objetos sociais (recortados, modificados na instituição escolar) em objetos ‘ensináveis’”; uma vez que usaremos como instrumento para chegar ao nosso objeto de estudo, as palavras e as expressões selecionadas pelos alunos nas letras de músicas do gênero musical *funk*. Dessa forma, o consenso da leitura e interpretação de um texto, em sala de aula, deve dar espaço à pluralidade, por assim dizer, à possibilidade de se ler um mesmo texto de várias maneiras, uma vez que devemos considerar os sujeitos envolvidos no texto (autor e leitor) como construtores de sentido para este. É nesse aspecto que entra em ação a importância do léxico, uma vez que textos são construídos por palavras (nos referimos aqui aos textos verbais), palavras são dotadas de sentidos e sentidos são construções culturais.

Assim, nosso trabalho busca instigar uma reflexão, por parte dos alunos, quanto a essas letras. Tal gênero musical, apesar de ser estigmatizado socialmente, é um dos preferidos nas periferias de todo país e, portanto, um dos mais escutados pelos alunos. Suas letras geralmente são polêmicas e utilizam uma variedade linguística tipicamente cotidiana da periferia e considerada marginal, socialmente falando. São letras muito demarcadas linguisticamente e implicitamente carregadas de valores socioculturais preconceituosos e de apelação sexual. Propor uma reflexão linguística sobre esse estilo de música é desafiador, pois para muitos o *funk* não traz contribuições positivas na construção do aluno enquanto sujeito social. No entanto, é imprescindível destacar que, diante dos apontamentos teóricos já citados até aqui, o *funk* é um gênero muito presente no cotidiano do aluno e, portanto, merece um estudo pedagógico.

De tal maneira, acreditamos que o caminho para mudar a situação vigente é uma nova postura por parte da escola e do professor diante da prática de ensino, ancorando-se em uma concepção interacionista de linguagem, a qual se volta para o contexto social do aluno. Propomos, portanto, uma investigação moldada ao modelo interativo do ato de enunciar, pois o texto se processa na interação leitor-texto ou leitor-autor, ou, segundo Kleiman (1996) na interação autor-texto-leitor; uma vez que, dada a proximidade dos nossos discentes ao *funk*, é evidente a importância de desenvolver essa nossa pesquisa, contribuindo para a reflexão e a análise sobre os aspectos linguísticos aos quais os alunos estão expostos. Propomos, portanto, uma perspectiva para as aulas de língua portuguesa que conceba o ato de interagir com textos como algo subjetivo de construção de sentido, mediante a interação entre autor-texto-leitor e que, desse modo, depende dos conhecimentos linguísticos, do conhecimento de mundo e dos objetivos do emissor. Pensamos em um ensino da língua portuguesa que propicie ao aluno condições para o desenvolvimento ou modelamento de estratégias de interpretação textual e de habilidades linguísticas visando a construção do sentido do texto, transformando o seu conhecimento de mundo em um conhecimento partilhado nas interações verbais, pois é nas relações estabelecidas entre o texto, o autor e o leitor que se processa efetivamente o sentido do texto.

Assim, nosso trabalho surge da necessidade de levar o aluno a reconhecer os processos que envolvem as escolhas lexicais nas letras do gênero musical *funk* e de verificar quais as relações semânticas (sinonímia, polissemia, adequação vocabular) estão envolvidas nesse processo. Desta forma, este trabalho propõe o ensino do vocabulário baseado nos aspectos variacionais, semânticos, pragmáticos e morfossintáticos. Nesse sentido, o item lexical ou a

palavra é abordada não só pelo viés sintagmático, ou seja, pelas possibilidades e regras combinatórias que integram nos enunciados, mas principalmente por suas vertentes semânticas, culturais e pragmáticas; como já são propostos nos documentos educacionais norteadores:

Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Apreendê-la é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas (BRASIL, 1998, p. 20).

Partindo dessa questão, as atividades propostas para o ensino do léxico passa a ser centrado no uso, pois sabemos que a construção de significados é uma atividade fundamental na compreensão e na interpretação textual e que é a partir desse procedimento que se inicia um verdadeiro diálogo entre o texto e o aluno; uma vez que este, ao ativar seus conhecimentos prévios, passa a estabelecer relações intra e extratextuais¹ fazendo uso de estratégias de construção de sentido e identificação que possam favorecer uma leitura critico-reflexiva. Nesse processo, o ensino das regras gramaticais serão plano de fundo, muito embora consideremos também importantes, objetivando a prática discursiva e a reflexão sobre o uso da linguagem.

A ideia de realizarmos nossa pesquisa surgiu ao observarmos o comportamento preconceituoso sobre o ensino da língua portuguesa entre os próprios alunos. Em sala, muitas são as vezes em que os alunos perguntam ao professor o que é certo ou errado ao falar em determinadas situações cotidianas, não se dando conta da arbitrariedade dessa questão e colaborando, mesmo que inconscientemente, para a propagação do preconceito linguístico em seu próprio meio. Na busca de minimizar os efeitos do preconceito linguístico, os PCN direcionam as aulas de língua portuguesa para um processo mais significativo para o aluno.

No ensino-aprendizagem de diferentes padrões de fala e escrita, o que se almeja não é levar os alunos a falar certo, mas permitir-lhes a escolha da forma de fala a utilizar, considerando as características e condições do contexto de produção, ou seja, é saber adequar os recursos expressivos, a variedade de língua e o estilo às diferentes situações comunicativas: saber coordenar satisfatoriamente o que fala ou escreve e como fazê-lo; saber que modo de expressão é pertinente em função de sua intenção enunciativa dado o contexto e os interlocutores a quem o texto se dirige. A questão não é de erro, mas de adequação às circunstâncias de uso, de utilização adequada da linguagem (BRASIL, 1998, p. 31).

¹ Relações intratextuais são aquelas que dizem respeito à relação de sentido dos elementos dentro do próprio texto, já as relações extratextuais dizem respeito à relação de sentido dos elementos do texto com elementos fora do texto, como o conhecimento de mundo do leitor.

Para atender a necessidades comunicativas mais complexas exigidas aos jovens que se encontram nos anos finais do ensino fundamental, a BNCC, documento oficial norteador do ensino brasileiro mais recente, destaca a importância de uma formação em língua portuguesa mais autônoma e com maior criticidade em situações comunicativas diversas; uma vez que é natural que nesta fase os jovens ampliem seu meio comunicativo, demarcando seu protagonismo em práticas de linguagem e entrando em contato com um maior número de interlocutores, tanto dentro como fora da escola (BRASIL, 2017. p. 132). A BNCC reconhece assim, a importância de levar para sala de aula os mais variados gêneros textuais que circulam na esfera social ao qual o jovem está inserido, como podemos verificar no trecho apresentado a seguir:

A exploração de canais de participação, inclusive digitais, também é prevista. Aqui também a discussão e o debate de ideias e propostas assume um lugar de destaque. Assim, não se trata de promover o silenciamento de vozes dissonantes, mas antes de explicitá-las, de convocá-las para o debate, analisá-las, confrontá-las, de forma a propiciar uma autonomia de pensamento, pautada pela ética, como convém a Estados democráticos. Nesse sentido, também são propostas análises linguísticas e semióticas de textos vinculados a formas políticas não institucionalizadas, movimentos de várias naturezas, coletivos, produções artísticas, intervenções urbanas etc (BRASIL, 2017, p. 133).

Dessa forma, a BNCC deixa claro o quão importante é o reconhecimento da linguagem enquanto instrumento de construção de concepções e referências culturais e ideológicas e que é através destas que interpretamos e agimos sobre a realidade que nos circunda. O domínio da linguagem é, portanto, muito mais abrangente que simplesmente o ato de combinar palavras ou expressões, trata-se do exercício da empatia e do diálogo

[...] como expedientes que permitem o contato com diversificados valores, comportamentos, crenças, desejos e conflitos, o que contribui para reconhecer e compreender modos distintos de ser e estar no mundo e, pelo reconhecimento do que é diverso, compreender a si mesmo e desenvolver uma atitude de respeito e valorização do que é diferente (BRASIL, 2017, p. 135).

Nesse percurso do ensino da língua, destacamos ainda a importância de outra ferramenta essencial para esse processo: o dicionário escolar. Porém, pelo fato de os dicionários apresentarem muitos detalhes e os professores, em sua maioria, não terem uma boa formação para o uso destes; este livro acaba desempenhando um papel secundário nas salas de aulas de língua portuguesa, muito embora seja fundamental no que diz respeito à legitimação de identidades linguísticas e para o ensino da LP, como é ressaltado pelo PNLD - Plano Nacional do Livro Didático - de 2012:

Por sua proposta lexicográfica, um dicionário pode ser um instrumento bastante valioso para a aquisição de vocabulário e para o ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita; e isso, para todas as áreas e para todas as horas, já que ler e escrever, dentro e fora da escola, fazem parte de muitas outras atividades (Brasil, 2012, p.18).

Um outro aspecto que observamos na prática linguística dos alunos foi o uso “indiscriminado²” de palavras ou expressões sem que houvesse qualquer reflexão do papel social daquele léxico e, desta forma, mais uma vez eles propagavam o preconceito linguístico sem dar-se conta. Era clara a dificuldade que tínhamos em estabelecer comunicação com nossos alunos em determinadas circunstâncias interacionistas da língua. Por vezes, pegávamo-nos tentando entender o que o aluno estava querendo dizer ao fazer uso de palavras e/ou expressões desconhecidas pelo corpo docente, mas tão recorrentes entre eles, os discentes. Foi possível observarmos também que os alunos não se preocupavam em se fazer compreendidos, de maneira que faziam uso do vocabulário próprio do seu ambiente familiar independentemente da situação comunicativa na qual se encontravam. Assim, ficou fácil deduzir que os nossos alunos não percebiam a importância de fazer uso de uma linguagem adequada à situação comunicativa e, quiçá, isso poderia comprometer, inclusive, situações comunicativas de maior relevância como uma futura seletiva para emprego. Bakhtin (1997), nos seus estudos dos gêneros discursivos, nos chama a atenção para o caráter responsivo do texto, ou seja, todo discurso causa uma reação no seu interlocutor; de maneira tal que ao receber uma informação, o ouvinte poderá concordar, discordar adaptar, reformular; mas é a atitude tomada pelo ouvinte diante da mensagem recebida que responsabiliza o emissor da mensagem a refletir sobre esta para evitar problemas de comunicação.

E foi a partir dessa premissa que identificamos nossa problemática: os alunos estão em frequente diálogo com as letras de *funk*, uma vez que esse estilo musical é um dos mais ouvidos por eles; no entanto, não fazem uma reflexão sobre as palavras empregadas, o conteúdo e a mensagem contidos nessas letras e, em muitos casos, reproduzem as ideias lá embutidas ao fazer uso deste léxico em seus discursos cotidianos, sem dar-se conta desse processo. Logo percebemos a importância de refletirmos sobre o vocabulário empregado nas letras de músicas do referido gênero e usado pelos alunos, tendo como um dos passos metodológicos a elaboração um glossário, a fim de que este possa favorecer na interação sociolinguística dos nossos aprendizes.

² Optamos pelo uso da citada palavra entre aspas para nos referirmos ao uso inconsciente de palavras ou expressões por parte dos alunos.

Partindo dessa questão, constituímos três questões específicas a seguir:

1. Quais palavras ou expressões que fazem parte do léxico cotidiano do aluno são oriundas das letras de *funk*?
2. Quais marcas de identidades culturais estão embutidas no léxico das letras de *funk* e reproduzidas pelos aprendentes?
3. Quais recursos variacionais da língua participam na construção de marcas socioculturais nas letras de *funk*?

Desta forma, nossa pesquisa faz-se necessária, uma vez que partirá de uma problemática concreta do uso da língua voltado ao cotidiano do discente e buscando levá-lo a uma reflexão sobre os aspectos semânticos do léxico com vistas a amenização da propagação do preconceito linguístico. Além disso, nosso trabalho contribuirá diretamente na compreensão leitora e no desenvolvimento da escrita dos nossos alunos, pois será desenvolvido através do uso de outros gêneros textuais, além das letras do *funk*, durante a realização das atividades. Ao final, teremos uma análise das palavras e expressões coletadas e que fazem parte do vocabulário ativo do aluno, já que são reproduzidas por eles em diferentes esferas sociais.

A ideia principal desse estudo é que um trabalho efetivo com a mobilização do conhecimento prévio colabora para que os estudantes aprimorem sua capacidade leitora e, conseqüentemente, interpretativa do texto. Acreditamos que um trabalho mais autônomo, que torne o aluno ciente de que ele pode construir seu conhecimento linguístico para dar conta de atividades específicas, será de grande valia para o desenvolvimento da competência interpretativa. O estímulo de nossa pesquisa será dado a partir de uma proposta de intervenção que tem como ponto central a ação mediadora do professor, daí o caráter interventivo que parte de uma proposta de trabalho em que pesquisador e pesquisados são ativos no processo de construção de conhecimentos. Entendemos que nossa pesquisa sobre o uso do léxico deve partir de situações interacionistas da língua de maneira que nosso objetivo geral é:

- Analisar itens lexicais de letras de funk utilizados por alunos de uma escola pública de Fortaleza com base em aspectos variacionais da língua e marcas de identidades socioculturais presentes em palavras e/ou expressões.

Reconhecemos, portanto, a importância do ensino do léxico de uma forma contextualizada e que transforme o comportamento discriminatório e preconceituoso em adequado e ajustado aos contextos sociointeracionais. Com isso, objetivamos, especificamente:

1. Coletar palavras e/ou expressões oriundas de letras de *funk* que fazem parte do léxico cotidiano dos alunos a partir de uma seleção feita pelo próprio aprendente durante a realização da atividade VI da nossa ação.
2. Verificar as marcas de identidades socioculturais embutidas nas palavras e/ou expressões selecionadas pelos alunos nas letras de *funk* e reproduzidas pelos aprendentes no seu cotidiano.
3. Investigar os recursos variacionais da língua que participam da construção de marcas socioculturais das palavras e/ou das expressões coletadas pelos alunos a partir das letras de *funk*.

Com vistas a alcançar os objetivos propostos em nosso trabalho, nossa dissertação organizar-se-á, além da introdução, nos capítulos seguintes em:

Fundamentação teórica, onde serão esboçados os fundamentos básicos e orientadores de nossa pesquisa, aqui será discorrido sobre o léxico e seu papel dentro da sociedade e da escola como elemento fundamental da interação por intermédio da linguagem verbal e, portanto, propagador de marcas culturais. Para tanto, embasamos nossa pesquisa nas orientações estratégicas para o uso do léxico, considerando a situação discursiva e à luz dos pressupostos teóricos de Bahktin (1997, 2016) e dos estudos de Marcuschi (2007, 2008). No âmbito das Ciências do Léxico levamos em conta os estudos de Welker (2004), Fromm (2004), Vilela (1994,1999), Oliveira e Izquierdo (2001), Pontes (2009), Biderman (1996, 1998, 2001). Já no que concerne a Sociolinguística, seguimos as reflexões de Antunes (2007, 2012), Bagno (1999, 2001, 2007), Soares (1994), Ilari (2002, 2011), Krieger (2012, 2014), dentre outros.

Além disso, também é nesse capítulo que explanaremos sobre o gênero *funk*, ressaltaremos a importância deste na sociedade e os estigmas sociais que o circundam; e justificaremos a relevância desse gênero textual para a transposição didática proposta em nossa pesquisa. Em seguida teremos a metodologia, onde será descrito toda a nossa ação de pesquisa, bem como campo de ação e sujeitos envolvidos. Ademais, será nessa sessão que mostraremos minuciosamente o passo a passo seguido no desenvolvimento das atividades até a concretização do *corpus* de nosso estudo.

Ao término da metodologia, teremos a análise dos dados, nessa sessão faremos a análise detalhada do *corpus* selecionado e a discussão dos resultados. E em sequência, apresentaremos a consideração final, onde, por fim, faremos nossas conclusões de pesquisa com vistas a comprovação, ou não, de nossas expectativas.

A seguir, ampliaremos nossos estudos ao discorrer sobre as abordagens teóricas que nortearam nossa pesquisa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, exporemos as abordagens teóricas que serviram de apoio para nossa pesquisa. Assim, discorreremos sobre o léxico e seu ensino considerando o uso, ou seja, o léxico no momento da interação. Para tal, abordaremos as ciências que estudam o léxico, focando na lexicologia e na lexicografia. Apresentaremos a distinção entre dicionário, vocabulário e glossário e explanaremos sobre a importância do ensino de palavras nas salas de aula. Ampliaremos nossa discussão através dos estudos sobre as variedades linguísticas, o neologismo, o estrangeirismo e o preconceito linguístico. Além disso, apresentaremos o *funk* ao fazermos um breve panorama desse estilo musical no nosso país e ressaltaremos a importância de estudar tal gênero musical em sala de aula, fazendo assim uso da transposição didática.

2.1 O léxico e o ensino

Ao voltarmos nosso olhar para o ponto específico de estudo desse trabalho, **o léxico em uso**³, nos deparamos com um grande desafio: ensinar algo que é, ao mesmo tempo, abstrato, subjetivo, individual e coletivo, uma vez que “a forma de relação social atua seletivamente sobre os significados a serem transmitidos, e estes, por sua vez, determinam escolhas gramaticais e léxicas específicas” (SOARES, 1994, p. 26). Assim, para entendermos a

³ Grifo nosso

importância de ensinar o léxico e como esse processo deve ser desenvolvido, precisamos conceber o que é o léxico.

Em se tratando de um trabalho que circunda uma perspectiva lexicológica, considerando as infindas terminologias, faz-se necessário estabelecer com precisão a definição de léxico. A palavra *léxico* vem do grego “*léxis*” e que, em linhas gerais, significa *palavra*. Embora o próprio conceito de palavra ainda seja motivo de indefinições entre os teóricos da língua, é possível afirmar que o conceito de léxico está intrinsecamente relacionado à palavra, à cultura e à ação cognitiva. Assim, Antunes (2012, p.27) afirma que o léxico “pode ser visto como o amplo repertório de palavras/vocabulário de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação” e que, por sua vez, materializa-se através dos signos linguísticos e, desta forma, o indivíduo consegue associar palavras a conceitos que representam um objeto; além disso, tal representação é comum aos indivíduos de uma determinada comunidade. Já para Biderman (1996, p. 27), “o léxico é o lugar da estocagem da significação e dos conteúdos significantes da linguagem humana.”; de uma forma mais geral, a citada autora, em outro artigo, menciona que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 2001, p.13).

Em estudos anteriores, Rey-Debove (1966, p.184 *apud* KRIEGER, 2014, p. 323) já relacionava o léxico ao aspecto cultural de um povo ao defini-lo como sendo “o testemunho dos acontecimentos, da mitologia e da ideologia de uma civilização: ele constitui o material mesmo da etnologia e da história.” E Krieger amplia:

Com essa abrangência, nomeia, designa, faz significar, expressa subjetividades e ideologias. Por tudo isso, o léxico funciona como o pulmão das línguas vivas de cultura, evidenciando que é um conjunto aberto que se renova, em especial, pelo seu papel de nomear o que surge de novo, o que a ciência descobre e os artefatos que a tecnologia produz. Igualmente, a renovação lexical atende às condições necessárias de comunicação verbal de diferentes gerações, das especialidades profissionais, de grupos sociais distintos entre tantas outras possibilidades. Toda essa diversidade constitutiva está, pois, relacionada a aspectos diacrônicos, diatópicos, de estratos sociais, de níveis de fala. Decorre daí a ideia de instabilidade, da falta de organicidade do componente léxico e, em consequência, dos julgamentos negativos a respeito de um pilar essencial e intrínseco à existência e à prática das línguas (KRIEGER, 2014, p.32).

Para esses dois estudiosos, Biderman e Rey-Debove, o léxico e a cultura são elementos indissociáveis; o que ressalta ainda mais a importância da nossa pesquisa. Quando consideramos o léxico como algo de valor patrimonial de uma comunidade, admitimos que sua compreensão vai muito além de verbalizar e concretizar ideias, já que:

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado como o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Observemos que, no excerto citado acima, a referida autora destaca que o léxico é um “patrimônio vocabular”, não havendo, portanto, diferença substancial entre os termos: léxico e vocabulário. Assim que, para nossa pesquisa, consideraremos as acepções da autora, pois utilizaremos durante todo nosso trabalho as palavras léxico, vocabulário e palavra como sinônimas. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Vilela (1994, p.6) ressalta:

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extra lingüística e arquiva o saber lingüístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertos e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal, quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico que é o repositório do saber lingüístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade (VILELA, 1994, p.6).

Com isso, o autor reafirma a ideia de que a história cultural de uma comunidade mantém uma relação muito íntima com o acervo linguístico de uma comunidade, uma vez que a língua é um componente essencial na sistematização dos aspectos sociais do homem. Outro estudioso do léxico e pesquisador contemporâneo renomado em todo o nosso país, o professor Pontes (2009), por sua vez, ao definir o léxico, concebe-o de duas maneiras:

[...] o **geral (ou comum)** e o **de especialidade**⁴. O primeiro integra as palavras pertencentes a uma zona lexical comum a todos os usuários de uma comunidade e podem ser utilizadas em qualquer contexto discursivo. O léxico de especialidade encontra adequação no âmbito da comunicação socioprofissional e no contexto técnico-científico (2009, p. 11).

Em suma, o léxico é o conjunto de palavras de uma dada comunidade, ou como definiu Krieger (2014, p. 324) “conjunto de palavras de uma língua”. Entretanto, o significado dado às palavras está diretamente relacionado à prática discursiva do indivíduo, uma vez que só é possível estabelecer significação quando o item lexical está inserido em um processo de interação comunicativa. Para Barbosa:

⁴ Grifos do autor

O léxico, cujas formas, exprimem o conteúdo da experiência social, é o conjunto dos elementos do código lingüístico, em que se sentem particularmente as relações entre a língua de uma comunidade humana, sua cultura — no sentido antropológico, sua civilização (BARBOSA, 1978, p. 187).

Desta forma, reconhecemos que o ensino do léxico deve ser contemplado como algo que está em uso e, assim, assumimos uma perspectiva funcionalista da língua, tendo o léxico abrangendo a todo conhecimento lingüístico, com seus princípios e estruturas mínimas, contemplando ao conjunto de palavras de um determinado sistema lingüístico. Como bem observou Marcuschi (2007), o léxico é o componente lingüístico de maior instabilidade, irregular, uma vez que são infindas as possibilidades de uso, a depender das realizações discursivas; para este estudioso o léxico é “incontrolável”. Nas palavras de Antunes (2012, p.29), o léxico “é aberto, inesgotável, constantemente renovável, não apenas porque surgem novas palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro.” O que favorece o caráter subjetivo e dinâmico do léxico e como, oportunamente, destacou a citada autora ao afirmar que:

O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação. Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua. As palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem (ANTUNES, 2012, p. 27).

Como é possível perceber, definir léxico não é tão simples; porém é consensual para o estudo contemporâneo do léxico que ele precisa estar contextualizado. Assim, o estudo e o ensino do léxico deve considerar o aspecto dinâmico da língua. À vista disto, após apresentarmos alguns conceitos para a palavra léxico, achamos de grande valia discorrer sobre como o léxico deve ser ensinado nas escolas.

No que tange ao documento oficial PCN, é possível perceber quais aspectos devem ser priorizados pelo professor quanto ao ensino do léxico; como por exemplo na produção textual, quando se menciona a “seleção apropriada do léxico em função do eixo temático”. Sobre essa informação, esclarecemos ainda que ela está inserida em um tópico mais abrangente do documento relativo à “utilização de mecanismos discursivos e lingüísticos de coerência e coesão textuais, conforme o gênero e os propósitos do texto” (BRASIL, 1998, p. 59). Sobre o ensino do léxico, o citado documento lista algumas metas a serem alcançadas:

(1) observação do fenômeno da variação linguística no nível lexical; (2) uso de nominalizações como recursos para criação de expressões alternativas (uma com substantivos e adjetivos primitivos e outra usando nominalização deverbal ou deadjetival, uma com frase nominal e outra com frase verbal); (3) ampliação do repertório lexical para escolha adequada de sinônimos, hiperônimos e hipônimos; (4) escolha do léxico segundo a modalidade e o grau de formalidade do texto; (5) reconhecimento de que as palavras se organizam em conjuntos estruturados ao longo de um texto; (6) conhecimento das propriedades argumentais e semânticas de itens lexicais, sobretudo de verbos; (7) emprego adequado de regionalismos, estrangeirismos, arcaísmos, neologismos, jargões e gíria; (8) elaboração de glossários; (09) identificação de palavras-chave e (10) consulta ao dicionário (SEIDE; HINTEZ, 2015, p. 408).

Podemos observar então, a valorização de um ensino do léxico por uma abordagem interativa, que leva em consideração a prática discursiva do sujeito e que estimula uma reflexão sobre o funcionamento da linguagem em uso efetivo e, desta forma, amplia sua competência comunicativa, uma vez que, como afirmou Bakhtin (1997),

(...) o ouvinte que recebe e compreende a significação (lingüística) de um discurso adota simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva ativa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor (BAKHTIN, 1997, p. 290).

Nesse processo, dar-se conta do contexto social ao qual o discente está inserido é de suma importância, pois possibilitará ao professor nortear suas práticas docentes, colaborando para o desenvolvimento de atividades mais significativas para o aprendente e, conseqüentemente, mais proveitosa.

Seguindo essa mesma linha, Gómez Molina (2004c) afirma que o ensino do léxico deve “ser trabalhado usando o contexto e o cotexto, assim como a necessidade de propiciar atividades sobre conhecimentos e habilidades léxicos que permitam ao aluno tornar-se um aprendiz autônomo do vocabulário” (GÓMEZ MOLINA, 2004c, p.30, tradução nossa)⁵. Desta forma, podemos afirmar que o desafio maior do professor ao trabalhar o léxico em suas aulas de língua portuguesa está em escolher itens lexicais que estejam relacionados com as habilidades comunicativas dos seus alunos; além de considerar a função desse léxico levando em conta o universo linguístico do seu aprendente. Percebe-se assim, a grande importância que o ensino do léxico assume ao notarmos a “expansão e a criação de novas áreas do saber e os movimentos

⁵ (...) trabajarse usando el contexto y el cotexto, así como la necesidad de propiciar actividades sobre conocimientos y destrezas léxicos que permitan al alumno convertirse en un aprendiz autónomo de vocabulário (GÓMEZ MOLINA, 2004c, p.30).

históricos transformadores ‘naturais’ da língua” (SEIDE; HINTEZ. 2015, p. 413), e dada a amplitude e a pluralidade social na qual o aluno contemporâneo está imerso.

No entanto, a comunidade escolar ainda não aplica desta forma o ensino das palavras, a grande maioria das aulas abordam o ensino da língua portuguesa focando no ensino da gramática, deixando de lado o ensino do vocabulário; e quando o léxico aparece é explorado de forma bem limitada, reduzindo-se a atividades com sinônimos e antônimos, através da substituição apenas em nível frasal e, dessa forma, “o objetivo maior de estender, de ampliar as competências lexicais deixa de ser alcançado” (ANTUNES, 2012, p. 24). Para Antunes (2012), “falta ver o léxico como elemento da composição do texto, em suas funções de criar e sinalizar a expressão dos sentidos e intenções, os nexos de coesão, as pistas da coerência⁶” (ANTUNES, 2012, p. 24, grifos da autora); ou seja, ainda é preciso aprender a ensinar o léxico de forma mais eficiente, reconhecendo-o como elemento primordial na realização do discurso. Para isso, a mudança na perspectiva no ensino da língua deve ocorrer não só para o professor e o aluno, mas também para toda a comunidade escolar, uma vez que:

Ao lado da gramática, mais especificamente junto à morfossintaxe e à fonologia, o léxico constitui o outro grande componente da língua. Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua. As palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem (ANTUNES, 2012, p. 27).

Atendendo a essa perspectiva, reconhecemos a importância de desenvolver atividades em sala de aula que favoreçam uma maior reflexão sobre algumas letras do gênero musical *funk*, focando, mais especificamente, no seu repertório lexical. Pois é preciso reconhecer o léxico como um componente dinâmico e aberto e que se materializa por um processo contínuo ora pelo surgimento de novas palavras e/ou expressões, ora pelo desuso destas. Entendemos, desse modo, que, para a existência de aulas de língua portuguesa coerentes com a concepção de interação da linguagem, a sala de aula deve se tornar um espaço privilegiado para pesquisa, onde o espírito cooperativo entre professor e alunos conduza à aprendizagem contínua, gerando leitores e escritores mais autônomos e sujeitos no processo de ensino-aprendizagem, através de um constante re-fazer e re-pensar, compreendendo a polissemia própria da língua. Destacamos ainda que, em todo o transcorrer do documento BNCC, o ensino do léxico aparece significativamente destacado, pois é mencionado em todo o corpo do texto e em vários momentos das diversas habilidades descritas no documento através das expressões como

⁶ Grifos da autora.

“análise linguística”, “escolhas lexicais”, “substituições lexicais”, “léxico/morfologia” e “variação linguística”.

Com essa visão, nosso trabalho também dialoga diretamente com o pensamento de Gelradi (2012) quando ele afirma que “no ensino da língua, nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças (GERALDI, 2012, p. 42). Vale salientar que o discente, quando chega à escola, já faz uso da língua materna com eficiência ao considerarmos a realidade discursiva no processo de interação verbal desse indivíduo. Estudos com foco em processos cognitivos revelam que o papel do leitor é ativo, visto que a compreensão e o sentido estão vinculados aos conhecimentos prévios do leitor, para Yunes (1995) “Ler é inscrever-se no mundo como signo, entrar na cadeia significativa, elaborar continuamente interpretações que dão sentido ao mundo, registrá-la com palavras, gestos, traços. Ler é significar e ao mesmo tempo tornar-se significativa” (YUNES, 1995, p. 95 *aput* SILVA, 2017, p.36). Ser sujeito, nesses tempos, é também monitorar a aquisição dos conhecimentos que lhe sejam significativos. Este aspecto contribui para a formação de uma abordagem sociocultural do ensino da leitura e, automaticamente, da escrita, já que a leitura precede o ato de escrever, justamente por priorizar a experiência do leitor, o seu conhecimento de mundo frente ao processamento de informações.

Segundo Beaugrande e Dressler (1981) *aput* Marcuschi (2008), dos sete fatores de textualidade listados por eles - coerência e coesão (orientados pelo próprio texto e de natureza linguística e conceitual); a intencionalidade e a aceitabilidade (orientados pelo aspecto psicológico); a informatividade (orientado pelo aspecto comunicacional); e a situacionalidade e a intertextualidade (orientados pelo aspecto sociodiscursivo) – pelo menos os cinco últimos estão claramente ligados à prática discursiva do texto. Nesse sentido, é possível perceber que as escolhas léxicas estão diretamente condicionadas a essa prática, pois a semântica lexical não se restringe a significados isolados, ou, como afirma Henriques (2018, p.xiii), “nenhum assunto é uma ilha”. É preciso levar o aluno a perceber que elementos como o gênero e tipo textuais, o público-alvo ao qual o texto se destina, a situação comunicativa e o suporte no qual o seu texto está inserido são determinantes para a materialização linguística. De tal maneira, a significação do item lexical neste trabalho não se limita a um conceito isolado, pelo contrário, a análise lexical leva em consideração as possibilidades semânticas do signo linguístico dentro de um contexto e/ ou cenário, Ferrarezi (2010).

A seguir, explanaremos sobre a Lexicologia e a Lexicografia, ciências que estudam o léxico, e a importância do uso do dicionário em sala de aula.

2.2 As Ciências do Léxico e o uso do dicionário

Dentre as ciências que estudam o léxico, a Lexicologia e a Lexicografia destacam-se com maior importância para o desenvolvimento do nosso trabalho. A Lexicologia é uma ciência muito antiga e que tem como principal objetivo estudar e analisar a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico (BIDERMANN, 2001, p.16); nesse viés, investiga a unidade lexical sob vários aspectos e realiza tarefas fundamentais dentre as quais destacamos algumas apresentadas por Barbosa (1989) que serão mais úteis para nossa pesquisa:

[...] definir conjuntos e subconjuntos lexicais – universo léxico, conjunto vocabulário, vocabulário ativo e passivo; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais; analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a atuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis (BARBOSA, 1989, p. 71-72).

Das funções citadas acima incumbidas à Lexicologia, as que são mais relevantes para nossa pesquisa de ensino na língua materna são as que objetivam o vocabulário ativo, ou seja, a atuação de cada palavra ao considerarmos o contexto e de que maneira esse contexto pode influenciar no sentido dela. Para Vilela (1994), a Lexicologia busca, em realidade,

[...] fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua. A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma (VILELA, 1994, p.10).

Já o professor Pontes (2009, p.10) complementa sobre a Lexicologia que “Seu campo de estudo compreende questões relativas à morfologia lexical e à semântica lexical, uma vez que o léxico não é apenas uma lista de palavras, mas se organiza a partir de dois planos: o do

sentido e o da forma”, o que enfatiza a importância de considerar as marcas culturais no estudo do léxico.

Muito embora caiba à Semântica o estudo das significações linguísticas, Biderman (2001, p. 16) afirma que a linha divisória dessas duas áreas, Lexicologia e Semântica, é muito tênue, já que por ocupar-se do léxico e da palavra, a Lexicologia, necessariamente, precisa dar-se conta da dimensão significativa do item lexical. Por conseguinte, a Lexicologia pode ainda direcionar-se pela teoria semântica/pragmática; sobre isso, Krieger (2014, p.324) argumenta:

Ainda quando a significação está no horizonte, compreende-se a interrelação dos estudos de léxico com outras áreas como a semântica e teorias de texto e de discurso. Estas últimas por ele se interessam porque as unidades lexicais são fortemente reveladoras de culturas, ideologias e subjetividade (KRIEGER, 2014, p. 324).

Já a Lexicografia “é a ciência dos dicionários” (BIDERMAN, 2001, p.17) e, quando vista por sua dimensão aplicada, aparece em destaque por ser a parte das ciências que estudam o léxico que ocupou-se em fazer a análise da significação das palavras e registrá-las nos dicionários. Sob o viés teórico, a lexicografia, também conhecida como Metalexicografia, se deleita sobre o léxico “observando as múltiplas faces que o compõem sempre à luz de seu tratamento dicionarizado” (KRIEGER 2012, p. 171). No entanto, para o ensino do léxico nas séries do ensino fundamental, precisamos olhar para o léxico com uma abordagem mais didática; nesse ínterim, o dicionário configura uma ferramenta de suma importância para o efetivo sucesso no processo de ensino-aprendizagem do léxico. De maneira tal, o professor precisa estar atento na seleção adequada do dicionário, considerando a faixa etária dos aprendentes e o objetivo final da atividade a ser desenvolvida.

Além disso, a lexicografia reconhece que ensinar palavras não é um trabalho tão simplista, dada a dinamicidade deste e Krieger (2014, p.324 e 325) esclarece:

Tradicionalmente, o léxico é qualificado como um componente heterogêneo, dinâmico e mesmo idiossincrático. É, portanto, não ordenado, se observado em contraponto à gramática. O plano das irregularidades lexicais delineia-se pelo dinamismo determinante do acolhimento de novas palavras e expressões e pelo desuso que muitas delas sofrem. A par das mudanças, a heterogeneidade constitutiva do léxico deve-se à presença de termos técnico-científicos, de regionalismos, de gírias, entre outras formas que integram as necessidades de nomear e de fazer significar das comunidades linguísticas (KRIEGER, 2014, p. 324 e 325).

A Lexicografia, assim, compreende a palavra tanto sob o ponto morfológico quanto semântico, já que o léxico não deve ser compreendido como uma lista simplista de palavras,

mas sim, palavras que explicitam forma e sentido (PONTES, 2009, p. 10). Para Krieger (2014, p. 324) a relação entre o léxico e o dicionário é indissociável haja vista a complexidade de conceituar o próprio léxico. Para a autora, o estudo do léxico pode se direcionar pela teoria gramatical, para dar conta do modo de funcionamento da palavra ou descrever seus constituintes lexicais. Fica evidente, portanto, a estreita relação entre essas duas áreas de estudo do léxico: a Lexicologia e a Lexicografia. Ambas possuem o mesmo objeto de estudo, diferenciando-se apenas nos seus respectivos enfoques: enquanto a primeira se ocupa em estudar o léxico sem, necessariamente, preocupar-se com registros dicionarizados; a segunda em, além de estudar o léxico, gravá-lo através dos dicionários. Assim, a Lexicografia ocupa-se na descrição da língua a partir da formulação de dicionários e ela faz uso a partir de dados coletados pela Lexicologia.

Assim que, para efeito de nossa pesquisa, nos parece mais interessante a abordagem do léxico em uso, como dito anteriormente. Portanto, a trajetória priorizada por nós neste trabalho terá o mesmo enfoque citado por Krieger. No entanto, caso haja a necessidade de em alguns momentos fazermos a classificação gramatical de algumas palavras, esta só será realizada para efeito de compreensão de análise. Isto posto, a ideia sobre a importância de dicionarizar as palavras que caminha junto à Lexicologia não se enfraquece, muito pelo contrário, faz-se cada vez mais necessária tendo em conta a instabilidade do léxico. Sobre isso, Krieger (2014, p.326) acrescenta:

A palavra, compartilhada, fixada na memória coletiva, é também a palavra a ser dicionarizada. Reside aí o critério de frequência de uso, fundamento maior do registro das palavras em dicionários. A estabilidade do léxico de um idioma está associada, de modo particular, a esses componentes: a memória coletiva e a frequência de uso, fatores que respondem pela representatividade da palavra da língua. Delineia-se, dessa forma, o princípio dos registros lexicais dos dicionários gerais de língua, a mais prototípica das obras lexicográficas (KRIEGER, 2014, p. 326).

Logo, compreendemos que os itens lexicais precisam de uma identidade coletiva através da apresentação de significados lexicográficos firmados nos dicionários, para que haja compreensão mútua entre os seus falantes (BAKHTIN, 2016, p. 53). Vale destacar ainda, que um significado lexical dicionarizado não quer dizer que haja um sentido único para o item lexical, trata-se apenas de um significado reiterado dentro de uma determinada comunidade linguística. Por tudo o exposto, o uso do dicionário em sala de aula é de grande valia e importância, mesmo assim, a utilização desta ferramenta limitou-se à condição de consulta de palavras, na busca por um significado ou na grafia correta da palavra.

Mas fazer uso de dicionários, de uma forma mais ampla, em sala de aula, é algo árduo e que requer um domínio do dicionário muito aprofundado, pois este instrumento didático apresenta características que, por vezes, até o próprio professor da língua desconhece. Tal ferramenta linguística divide-se em dois eixos: a macroestrutura e a microestrutura. A macroestrutura, por sua vez, abrange três partes gerais da obra que são: as páginas iniciais (apresentação, prólogo, introdução, instruções de uso do dicionário, listas e abreviaturas), o corpo do dicionário (nomenclatura ou macroestrutura) e as páginas finais (anexos, tabelas, bibliografia, informações enciclopédicas, etc., podendo estes elementos ser variáveis conforme o tipo e a finalidade da obra). Já a microestrutura compreende as acepções acerca de determinada palavra. Sobre o verbete, considera-se que este apresenta os seguintes elementos: Palavra-entrada, categoria gramatical, definição.

Outros elementos, tais como informações etimológicas, marcas lexicográficas, informações fônicas, exemplos e abonações de uso, fraseologias, subentradas, sinônimos também podem estar presentes a depender do tipo de dicionário, da elaboração da microestrutura e o objetivo pelo qual a obra foi produzida (PONTES, 2009). Reconhecemos, pois, que, apesar de não ser uma novidade como recurso didático na escola, o dicionário ainda não desempenha sua função como deveria. Ademais, acrescentaremos a seguir uma breve diferenciação entre dicionário, glossário e vocabulário, a fim de esclarecermos termos importantes e recorrentes em nossa pesquisa.

2.3 Diferenciação entre dicionário, vocabulário e glossário

Para além do já estudado, é importante fazermos uma breve diferenciação entre dicionário, vocabulário e glossário, uma vez que esses termos aparecem exaustivamente em nossa pesquisa. Ao apresentar essa distinção, Vilela (1994, p. 13-14) reportar-se aos estudos de Pottier (1975) e afirma que “O dicionário compreende a recolha dos vocábulos de uma língua, postos ordenadamente, o vocabulário envolve a recolha de um setor determinado de uma língua, e glossário é o vocabulário mais difícil de um autor, de uma escola ou de uma época.” Mas essa diferenciação ainda é muito confusa para alguns estudiosos, pois existem autores que empregam os termos vocabulário e glossário como sinônimos. Assim que, sobre essa diferença, Barbosa (2001) remete-se aos estudos de Haensch (1982) e também terço suas contribuições:

Considerando o conjunto de obras lexicográficas e terminológico-terminográficas produzidas em épocas mais recentes, diríamos que não se tem muita clareza, quanto às fronteiras conceptuais, denominativas, definicionais dos tipos desses textos, não obstante o estágio avançado em que se encontram, neste fim de século, as pesquisas das ciências da palavra, nessas áreas, não obstante, igualmente, a existência de numerosos organismos e obras de normalização terminológica em diferentes países, que não conseguiram assegurar, para certos conceitos, uma terminologia da Terminologia uniforme e consensual (BARBOSA, 2001, p. 26).

Vejamos no fragmento acima que a autora atesta a falta de clareza entre os conceitos atribuídos para dicionário, glossário e vocábulo, e complementa:

Quanto aos três tipos básicos de obras acima apontados, é importante ressaltar, preliminarmente, que os chamados dicionários de língua processam as unidades lexicais da língua geral; os denominados vocabulários, dicionários terminológicos, dicionários técnicos, glossários, etc. processam vocábulos representativos de uma norma lingüística, inclusive as das línguas de especialidade; e, ainda, glossários ou vocabulários processam o vocabulário de um texto-ocorrência (BARBOSA, 2001, p. 33).

Em suma, dada as observações, poderíamos simplificar, uma vez que enquanto os dicionários encontram-se em nível de sistema, voltando seus registros para todo o léxico disponível e sendo representado através do lexema, o vocabulário estaria no nível da norma, focando seus registros em conjuntos terminológicos e sendo representado através de termos e vocábulos. Já o glossário estaria mais voltado ao nível da fala, limitando seus registros a um determinado texto, representado aqui através das palavras de um determinado grupo. Para esquematizar essa distinção de forma mais prática, Fromm (2004, p.2-3) sugere o seguinte quadro:

Quadro - Esquema de diferenciação entre dicionário, vocabulário e glossário.

Dicionário	Vocabulário	Glossário
<i>Nível do sistema</i>	<i>Nível da norma</i>	<i>Nível da fala</i>
Trabalha com todo o léxico disponível e o léxico virtual.	Trabalha com conjuntos manifestados dentro de uma área de especialidade.	Trabalha com conjuntos manifestados em um determinado texto.
Unidade: lexema (significado abrangente; frequência regular).	Unidade: vocábulos/termos (significado restrito; alta frequência).	Unidade: palavras (significado específico; única aparição).
Apresenta (teoricamente) todas as acepções de um mesmo verbete.	Apresenta todas as acepções de um verbete dentro de uma área de especialidade.	Apresenta uma única acepção do verbete (dentro de um contexto determinado).
Perspectivas: diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática.	Perspectivas: sincrônica e sinfásica.	Perspectivas: sincrônica, sintópica, sinstrática e sinfásica.

Fonte: Baseado em Fromm (2004, p. 2-3)

Deste modo, nosso trabalho terá como um dos passos metodológicos a elaboração de um glossário para ilustrarmos o repertório lexicográfico, palavras e expressões linguísticas de um determinado texto, no nosso caso as letras de *funk*, retirados de um discurso característico de um determinado grupo. Portanto, o glossário elaborado ao final da nossa pesquisa constituir-se-á por um pequeno acervo lexical coletado por alunos de uma turma de 9º ano do ensino fundamental.

A seguir, explanaremos sobre a importância de ensinar palavras e como isso deve ser realizado; reafirmando ao que expusemos sobre a importância do ensino do léxico de uma forma contextualizada e que transforme o comportamento discriminatório e preconceituoso em adequado e ajustado aos contextos sociointeracionistas da língua.

2.4 Por que e como ensinar palavras?

Já sabemos que a palavra é um instrumento de materialização da comunicação humana e, como tal, é de suma importância que o indivíduo a conceba de forma eficiente e adequada para que não haja ruídos comunicativos, ou seja, falhas no processo de interação comunicativa. Importante ressaltar, que a palavra e/ou expressão carrega consigo a identidade cultural de um povo e que, ao estudarmos o léxico de uma determinada comunidade, iremos estar estudando também as perspectivas socioculturais deste povo; uma vez que “o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde tecemos nossa identidade” (ANTUNES, 2012, p. 46).

Desta maneira, se constituímos um aluno enquanto ser social, um agente atuante e, conseqüentemente, modificador na sua comunidade; é preciso perceber que ao ensinar palavras, estaremos formando um ser social que agrega valores culturais e que propaga essa sua identidade em outros grupos sociais com os quais ele tenha a possibilidade de interagir. Em suma, ensinar palavras é imprescindível no processo de formação do indivíduo, uma vez que este é um ser que reproduz e modifica o sistema linguístico. Barbosa (1979), por exemplo, ressalta que

A unidade lexical é ao mesmo tempo unidade de língua e unidade de discurso. Ela é simultaneamente modelo teórico disponível e ocorrência em incontáveis atos de fala, nos mais variados contextos intra e extra-lingüísticos. As unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sócio-cultural e,

paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo. Estabelece-se uma relação entre língua e mundo, língua e sociedade, indefinidamente constituída e reconstituída pela mediação discursiva. Sociedade, cultura e língua caminham juntas, condicionando-se e influenciando-se reciprocamente (BARBOSA, 1979, p. 167).

Assim, ensinar palavras é fazer o aluno refletir sobre o seu próprio mundo e possibilitar que ele interaja em sociedade. Porém, ao enfatizarmos a importância do ensino do léxico nas escolas, um outro ponto, tão importante quanto este, surge: Como ensinar palavras na escola? Esta questão não é nova e já foi motivo de muitas discussões entre os pesquisadores da área educacional e linguística. Ao contrário das expectativas e necessidades dos aprendentes, durante anos a fio, o léxico foi repassado de forma estanque, sem que houvesse qualquer relação da palavra com o meio ao qual ela era reproduzida, descaracterizando sua forma dinâmica e criativa, uma vez que está intrinsecamente ligada à interação social, fazendo com que o discente sentisse-se desmotivado para as atividades linguísticas sugeridas pelo professor.

Primeiramente, temos que reconhecer que ensinar palavras não é uma tarefa fácil. Se antes as atividades de ensino-aprendizagem do léxico estavam resumidas a encontrar o significado deste no dicionário, sem que houvesse qualquer relação com o uso em si, hoje isso já não satisfaz as expectativas do aprendente, muito menos ao caráter dinâmico da língua. Assim, torna-se imprescindível o ensino do léxico relacionado ao contexto ao qual os interlocutores estão inseridos, levando em conta toda a situação comunicativa, inclusive os conhecimentos socioculturais dos falantes. É através da linguagem que o homem percebe o mundo e “é a língua o principal instrumento de tomada de consciência do mundo pelo sujeito” (AZEVEDO, 2010, p. 208); sendo assim, o ensino da língua não poderia ser bem-sucedido deixando de fora o processo de aquisição da linguagem falada.

Ao propor um ensino da língua partindo das relações de interação comunicativa, torna-se indissociável termos como parâmetro metodológico o uso dos gêneros discursivos, muito embora o foco da nossa pesquisa não seja um gênero textual (discursivo) específico, partiremos dele, o gênero musical *funk*, para coletar o léxico a ser analisado, já que para sabermos o significado atribuído às palavras e/ou expressões não podemos dissociá-las da ação interativa, como bem observou Bakhtin (1997):

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —,

mas também, e sobretudo, por sua construção composicional (BAKHTIN, 1997, p. 280).

Como podemos observar, a citação acima do autor deixa claro a relação inerente do uso da linguagem com o meio sociointeracionista ao qual o falante está inserido fazendo com que, ao produzir um discurso, o enunciador leve em consideração todas as relações que fazem parte do contexto, e estas relações são determinantes às escolhas linguísticas e aos mecanismos de estruturação do discurso, já que o objetivo primordial é fazer uso de uma comunicação mais eficiente; assim, frisamos que as palavras e/ou expressões só têm seus sentidos definidos ao serem colocadas em efetiva prática.

Em continuidade, abordaremos sobre a importância de considerarmos a realidade linguística do indivíduo levando em conta toda a situação de interação, ressaltando o valor das variedades linguísticas dentro do ensino da língua e a visão dos documentos oficiais de ensino sobre tal temática.

2.5 As variedades linguísticas: dos documentos oficiais para práxis

Um dos grandes problemas enfrentados pelo professor de língua portuguesa está exatamente na abordagem ainda dada ao ensino da língua materna. Com um enfoque que privilegia a norma culta da classe social de maior prestígio, acaba por não considerar o falar das classes mais baixas e cria estigmas que alavancam o distanciamento existente entre a escola e o aluno; ou seja, as aulas de língua portuguesa ainda estão dissociadas das práticas sociais e discursivas dos alunos e que, portanto, não levam em conta as questões sociolinguísticas desse sujeito. Assim, não ocorrendo a identificação dos discentes aos conteúdos, um dos princípios básicos nos repassado pelas discussões dos diversos linguistas estudados aqui nesta pesquisa, consequentemente, não há o interesse e nem motivação nesse processo.

A língua, como um patrimônio social, sofre constante influência de diversos fatores como: idade, sexo, localização geográfica, grau de escolaridade, estratos sociais, dentre outros. Muito embora, estudiosos tenham se empenhado, durante anos, em normatizar o uso da língua, criando regras para determinar uma norma padrão, o caráter heterogêneo da nossa língua não permitiu um enquadramento perfeito nas regras pré-estabelecidas e estanques - uma vez que estas não abrangem as possibilidades de uso linguístico. Tal concepção nos leva a entender que é preciso considerar que a língua nos permite uma ampla possibilidade de usos nos mais variados âmbitos sociais. Esse fenômeno que chamamos de variedade linguística é um reflexo

das interações. A variação é um reflexo das interações socioculturais, uma herança linguística que conforme é passada de geração em geração, de grupos em grupos, sofre frequentes mutações e adequações.

Para Faraco (2008, p.33), “a língua é o próprio conjunto das variedades. Trata-se, portanto, de uma realidade intrinsecamente heterogênea.” Vale ressaltar ainda que, para o citado autor, a “língua é uma entidade cultural e política” (FARACO, 2008, p. 34) não se restringindo, assim, à esfera linguística. Dessa maneira, as variedades linguísticas podem ser subdivididas quanto ao uso/aceitação social em variedade padrão – aquela em que o falante, ao fazer uso, demanda maior preocupação com as estruturas morfosintáticas, uma vez que busca se nortear por uma variedade dita de prestígio social e que seria de uso da camada mais escolarizada. Por outro lado, há a variedade considerada não padrão, aquela em que o falante utiliza seus conhecimentos empíricos, observando os fatores ligados ao processo sócio-comunicativo, sem se deter às estruturas prescritas na Norma Gramatical Brasileira (NGB), focando apenas o processo de comunicação efetivo no ato da interação.

É importante destacar que a variação linguística é um fenômeno natural, haja vista a heterogeneidade da nossa língua, sobre isso Bagno (1999, p.94) afirmou que “A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento — toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação”. De tal maneira, estudiosos, dentre eles Ilari (2011), categorizaram as variações linguísticas considerando suas dimensões: quanto ao tempo – variação diacrônica; quanto ao espaço – variação diatópica; quanto ao nível de escolaridade – variação diastrática; quanto aos meios ou veículos – variação diamésica. Essas categorias de variedades serão melhor explicadas mais à frente.

Somos herdeiros de uma formação escolar preconceituosa que estruturou o ensino da língua portuguesa sobre o viés do que é certo ou errado falar/escrever. A mudança quanto à aceitação das variedades linguísticas, no âmbito escolar, é recente e acontece a passos muito lentos. Somente a partir da década de 60, linguistas e estudiosos da língua portuguesa conseguiram dar início à transformação de comportamento dos educadores frente ao ensino da nossa língua, mesmo assim, os docentes encontram certa resistência por parte dos alunos e de suas famílias em aceitar esse novo olhar para o ensino da língua materna.

O primeiro passo para que ocorra uma real mudança está na forma em como a escola desenvolve seu ensino. Para tanto, é preciso que as instituições de ensino abram-se para as variedades linguísticas, abrangendo as mais diversas formas de uso da linguagem, em diversas situações, possibilitando ao aluno o desenvolvimento da competência sociocomunicativa, tanto

na forma oral quanto escrita. Desta maneira, aquilo comumente chamado de “erro da língua” passa a ser visto como uma possibilidade discursiva em detrimento da situação comunicativa e não mais como deficiência no uso da língua portuguesa. Sobre isso, Antunes (2007, p. 157) destaca:

Aceitar as concepções de linguagem – como atividade funcional, interativa, discursiva e interdiscursiva, como prática social situada e imersa na realidade cultural e histórica da comunidade – acarreta visíveis diferenças na vida da escola, consequentemente, no desempenho de professores e alunos. (ANTUNES, 2007, p.157).

E é essa melhoria no desempenho acadêmico dos professores e dos alunos que esse trabalho se dispõe a propor. Outro fator muito importante é a observância quanto ao ensino das variedades linguísticas nos documentos oficiais da educação do nosso país. Nesse sentido, a BNCC expunha de que maneira as variações devem ser abordadas na sala de aula:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2018, p.79).

Pode-se observar, portanto, no que tange a relação de ensino-aprendizagem da nossa língua, que a BNCC destaca o importante papel da escola e do professor ao considerar a esfera social do aluno, com o foco não na restrição e polidez linguística; mas, sim, na ampliação das possibilidades de uso de uma mesma língua; levando o discente a reconhecer a dinamicidade e as perspectivas linguísticas, respeitando as diferenças e evitando o preconceito linguístico.

O ideal seria uma sociedade livre do preconceito linguístico em que cada um pudesse interagir conforme suas variantes, sem que houvesse a imposição de regras sobre o comportamento linguístico, porém essa ainda é uma pretensão utópica. Enquanto isso não se torna realidade, a escola busca avanços, embora em passos lentos, tentando minimizar o distanciamento que há entre o que é falado (usado) pelos alunos e o que é ensinado nas aulas de língua portuguesa. Assim a postura da escola deve ser a de envolver textos, em suas mais variadas manifestações, falados ou escritos, em situações de formalidade ou informalidade, ampliando a oferta linguística para o aluno e fazendo-o perceber a necessidade de uma adequação lexical, dentre as possibilidades, de acordo com as situações às quais ele esteja envolvido, como bem ressaltou Soares (1994) ao afirmar que o *bidialetalismo funcional*⁷ seria

⁷ Grifo nosso. Bidialetalismo funcional: “falantes de dialetos não-padrão devem aprender o dialeto-padrão, para usá-lo nas situações em que ele é requerido.” SOARES (1994, p.49)

o adequado, ou seja, o falante deve dominar tanto a linguagem padrão de prestígio, quanto a linguagem não-padrão falada nos seus círculos de interação social. E possivelmente esta seria a forma mais acertada para um falante de língua portuguesa possa estabelecer uma comunicação eficaz no que diz respeito ao processo comunicativo como um todo.

No próximo tópico, exporemos outros conceitos que consideramos de grande relevância para completar nosso estudo sobre o léxico: o neologismo, o estrangeirismo e o preconceito linguístico. Uma vez que sabemos que a língua está em constante transformação e que vários são os processos de entrada de um item lexical em uma língua.

2.6 Entre o neologismo, o estrangeirismo e o preconceito linguístico

Como já foi possível perceber, o estudo do léxico é bem complexo e envolve muitos aspectos como os semânticos, os sintáticos, os pragmáticos, dentre outros. Assim, que para seguir nossa discussão, faz-se necessário considerarmos a capacidade da língua de estar em constante processo de renovação, uma vez que a instabilidade do léxico de uma língua se dá pela própria ação dos sujeitos no uso desta, que, através dos seus conhecimentos de mundo, agregam novos sentidos ou mesmo acrescentam novas palavras à sua língua materna. Sobre isso, Antunes (2012) afirma:

O léxico, na língua, representa, assim, essa possibilidade de ‘escape’, ou, noutras palavras, constitui um componente simultaneamente sistemático e aberto, marcando essa propriedade da linguagem verbal de ser instável ao mesmo tempo em que se constrói sobre uma base estável e definida, a ponto de poder ter uma identidade própria (ANTUNES, 2012, p. 29).

A citada autora afirma ainda que o léxico é o componente linguístico mais propenso às transformações e às variações (ANTUNES, 2012), reafirmando, assim, nosso posicionamento sobre a capacidade mutável do léxico. Com o movimento dinâmico da língua, novas unidades léxicas surgem a todo instante e, por outro lado, algumas podem se tornar obsoletas e cair no desuso; e é esse caráter instável da língua que permite o ajuste da linguagem em conformidade com a necessidade de interação. Além disso,

A constante expansão do léxico da língua se efetua *pela criação de novas palavras* (doleiro, internetês), *pela incorporação de palavras de outras línguas* (deletar, mouse,

leiaute, tuitar, blogar), *pela atribuição de novos sentidos a palavras já existentes*⁸ (salvar, fonte, vírus), processos que costumam coexistir e deixar o léxico em um ininterrupto movimento de renovação (ANTUNES, 2012, p. 31).

Em consoante com Antunes, entendemos que, dentre os diversos fatores que podem contribuir para o surgimento de novas palavras ou expressões em uma língua, o neologismo e o estrangeirismo passam a configurar um lugar de destaque, pois há fortes influências sofridas em nossa língua materna por culturas que perpassam todo o mundo através do crescente uso da tecnologia, que favorece essa interligação cultural e, conseqüentemente, linguística. Faz-se necessário conceituarmos cada um desses processos, a fim de entendê-los melhor.

Consideramos neologismo os itens lexicais recém incorporados à língua, sem que haja qualquer reconhecimento nos dicionários. Vale ressaltar que dois critérios são importantes ao observarmos se determinado termo lexical é um neologismo: a intencionalidade do falante ao criar tal palavra e a aceitabilidade dos destinatários. Para Barbosa (1978),

Comumente, o neologismo resulta da ação individual de um locutor, mas ocorre, às vezes, que ele resulte do consenso de um grupo de especialistas de determinada especificidade; ou, ainda, pode ser criação popular, sem que seja possível surpreendê-lo a origem. Essa ação pode ser consciente ou inconsciente por parte dos emissores e não são as mesmas motivações que levam um tipo ou outro de locutor a gerar uma nova palavra, e, simultaneamente, propor um novo conceito. Eles podem surgir como uma conseqüência de uma necessidade social e linguística; como também podem surgir como resultado de intenções estilísticas de um locutor que quer causar certos efeitos no interlocutor e, para tanto, manipula de tal forma as estruturas das palavras conhecidas, que acabam por se tomarem novas palavras com novo referente (BARBOSA, 1978, p.196).

Já o estrangeirismo, também conhecido como empréstimo, diz respeito àquelas palavras ou expressões trazidas de outros idiomas e incorporadas ao uso comum da nossa língua por não haver uma outra correspondente no nosso idioma; de forma bem simples seria “o uso de palavras e expressões estrangeiras no português” (GARCEZ; ZILLES, 2001, p. 15). Há quem seja contra ao movimento estrangeirismo, no entanto, o caráter dinâmico da língua unido ao processo de globalização mundial, torna tal efeito inevitável. Em se tratando das letras de *funk*, o uso desse processo relacionado à língua inglesa é mais evidente ainda, uma vez que tal estilo musical tem forte base no idioma norte-americano.

Assim, percebemos que a inserção de termos de outra língua na nossa (estrangeirismo) ou a criação de novas palavras/expressões (neologismo) são processos importantes às necessidades comunicativas dos falantes da língua portuguesa. Ao consideramos nossa história,

⁸ Grifos da autora.

veremos que tais processos estão se desenvolvendo desde a chegada dos portugueses, durante o processo de colonização, e se intensificaram com a inserção da internet e das redes sociais; assim, Faraco (2002), na sua obra *“Estrangeirismo: guerras em torno da língua”*, evidencia a importância de tais processos para a construção da nossa língua, pois considera que, principalmente o estrangeirismo, enriquece a língua ao invés de empobrecê-la, como pensam muitos. Tal processo, portanto, seria um caráter de normalidade da língua.

Muito embora consideremos os processos desenvolvidos na construção de uma língua normais, muitos entendem-nos como “armadilhas” para a língua portuguesa, pois acreditam que o uso do léxico estrangeiro irá gradativamente destruir a nossa língua materna. Desta forma, é perceptível o preconceito linguístico que envolve essa aversão ao estrangeirismo, preconceito este alimentado pela ignorância, uma vez que

[...] a falta de informação científica é evidente em todas as afirmações do purismo lingüístico que, há vários séculos, vêm jurando de pé junto que a língua portuguesa está sendo assassinada, que dentro de poucos anos ela não vai existir mais, que os estrangeirismos vão destruir a estrutura do português, que o desprezo dos falantes pela sua própria língua vai condená-la ao desaparecimento (BAGNO, 2001, p. 60).

Para Bagno (2012, p. 23), foi a visão de que a Língua Portuguesa deveria manter-se “pura” e “inviolável” que fez com que os professores da língua materna fossem vistos como seres extraordinários que detêm um “conhecimento misterioso” da nossa língua. O fato de muitos ainda desacreditarem no movimento de renovação linguística ser algo inevitável e benéfico, além de perceberem a língua apenas pelo aspecto gramatical, eleva a ocorrência de situações preconceituosas. Sobre isso, Bagno (1999) ressalta:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe, como vimos no Mito nº 1, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 1999, p.40)

Mas o que realmente vem a ser o Preconceito Linguístico e de que maneira ele interfere nos processos comunicativos? O Preconceito Linguístico nada mais é que um comportamento discriminatório ao não reconhecer os falares distintos de uma norma-padrão como parte integrante da língua materna e, que por vezes, torna o falante da variedade não-padrão “alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão ou mesmo daqueles que, não falando o português-padrão, o tomam como referência ideal.” (BAGNO, 1999, p. 16). Não é

raro observarmos situações de preconceito linguístico sofrido pela população das periferias, haja vista o português falado por essa parte da população se distancie do português exigido pela norma-padrão. Nas comunidades, como a que os nossos alunos estão inseridos, é muito comum que os jovens sejam considerados marginais⁹ não só pelo desprestígio social e seu modo de vestir-se, mas também por seu modo de falar. Vale dar destaque aqui, na interferência direta das letras do *funk* no modo de falar dos nossos jovens.

O Preconceito Linguístico baseia-se, portanto, na ideia de só existir um modo correto de falar a língua portuguesa rechaçando os falares diferentes do padrão oriundos de identidades sociais, regionais, culturais e etc. Assim

[...] os preconceitos, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito. E o tipo mais trágico de preconceito não é aquele que é exercido por uma pessoa em relação a outra, mas o preconceito que uma pessoa exerce contra si mesma. Infelizmente, ainda existem muitas mulheres que se consideram “inferiores” aos homens; existem negros que acreditam que seu lugar é mesmo de subserviência em relação aos brancos; existem homossexuais convictos de que sofrem de uma “doença” que pode, inclusive, ser curada (BAGNO, 1999, p. 75).

Tal sentimento de inferioridade é fortemente compartilhado pelos alunos da periferia, pois acreditam que não sabem falar português e que somente os “filhos de papaizin”¹⁰ são aceitos na sociedade por terem melhores condições sociais e, conseqüentemente, acesso facilitado às melhores escolas; e isso interfere diretamente em seus processos comunicativos. Desta maneira, torna-se fácil perceber a forte influência negativa que o preconceito linguístico propicia e como esse pensamento pessimista torna o falar dos jovens da periferia alvo de discriminação, dificultando a comunicação destes em meios fora dos seus ciclos de convivência. O desafio do professor de português da atualidade está exatamente em romper com esse paradigma linguístico de português correto e português errado. Como afirmou Perini (1997, p. 13, *apud* BAGNO, 1999, p. 124)

[...] qualquer falante de português possui um conhecimento implícito altamente elaborado da língua, muito embora não seja capaz de explicitar esse conhecimento. E [...] esse conhecimento não é fruto de instrução recebida na escola, mas foi adquirido de maneira tão natural e espontânea quanto a nossa habilidade de andar. Mesmo

⁹ A palavra marginal foi empregada aqui com a acepção de aquele que é excluído pela sociedade.

¹⁰ A expressão “filhos de papaizin” é comumente utilizada pelos jovens da periferia para se referir aos jovens de classes sociais mais altas.

peças que nunca estudaram gramática chegam a um conhecimento implícito perfeitamente adequado da língua (PERINI 1997, p. 13, *apud* BAGNO, 1999, p. 124).

Apesar do forte preconceito linguístico ainda atuante em todo o país, já é possível perceber alguns passos significativos para uma mudança sobre o modo de perceber e ensinar a língua portuguesa, a principiar pelos PCN (1998)¹¹ ao reconhecer que

[...] a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] A imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não se deve falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua (BRASIL, 1998, p. 29).

Seguindo essa mesma vertente, a BNCC (2017) reitera:

Cabe ressaltar, reiterando o movimento metodológico de documentos curriculares anteriores, que estudos de natureza teórica e metalinguística – sobre a língua, sobre a literatura, sobre a norma padrão e outras variedades da língua – não devem nesse nível de ensino ser tomados como um fim em si mesmo, devendo estar envolvidos em práticas de reflexão que permitam aos estudantes ampliarem suas capacidades de uso da língua/linguagens (em leitura e em produção) em práticas situadas de linguagem (BRASIL, 2017, p.69).

Muito embora já haja variados estudos no que diz respeito à heterogeneidade da nossa língua, nota-se a necessidade de aceitar que a Língua Portuguesa é constituída por uma imensa diversidade de expressões e que ela está sujeita à variação e à mudança, sobretudo dentro das escolas, como reconhece a BNCC em diversos momentos do texto:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado (BRASIL, 2017, p.79).

Este seria então um outro passo de muita importância para que haja uma verdadeira mudança no ensino da língua e, assim, “romper com o círculo vicioso do preconceito linguístico

¹¹ Parâmetros Curriculares Nacionais, Língua Portuguesa, 5a a 8a séries, p. 29.

é reavaliar a noção de erro” (BAGNO, 1999, p. 122). Somente ao quebrar com a visão estática de um português correto e um português errado é que o professor terá maior possibilidade de diminuir o preconceito linguístico que ainda impera na sociedade. O trabalho de conscientização por parte do professor é árduo, porém recompensador; a chave para uma boa interação linguística estaria exatamente em “encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade (BAGNO, 1999, p. 129). É sabido que encontrar esse equilíbrio não é fácil, mas quando o professor reconhece a necessidade de fazer isso em suas aulas, produz-se uma propensão à mudança. Nesse processo o professor passa a ser um pesquisador, pois buscará adaptar seu trabalho para esse novo propósito no ensino da língua, e ao mesmo tempo um agente, pois porá em prática as ações que contribuam nessa mudança do ensino.

Em seguida, apresentaremos uma breve caracterização do *funk* no Brasil considerando os estilos adquiridos por esse gênero musical com o passar das décadas.

2.7 Caracterização do *funk* brasileiro

Não há como negar que a música e a dança são duas das manifestações artísticas mais preferidas pelos jovens da atualidade. Além de serem mais acessíveis, economicamente falando, pelas camadas mais baixas; têm fácil poder de propagação e, dessa forma, conseguem comunicar estilos, costumes e símbolos culturais para mais longe e mais pessoas.

Com o *funk*, gênero musical no qual se embasa esse trabalho, não foi diferente. O estilo surgiu ainda na década de 60, nos Estados Unidos, fruto da representação da cultura negra. Por apresentar um ritmo atraente, uma batida forte e propiciar uma dança com movimentos muito sensuais, acabou ganhando adeptos por várias partes do mundo, incluindo o Brasil. Aqui, o *funk* ganhou contornos próprios. Tornou-se uma das formas mais representativa da juventude da periferia. Através de suas letras, o jovem excluído de classe baixa, marginalizado e imerso em uma esfera social com altos índices de violência, deu voz às suas denúncias e aos seus lamentos. Desta forma, os jovens *funkeiros*, considerados de baixo nível cultural por parte da elite pensante do país, conseguiram mostrar sua realidade cruel, injusta, segregadora e preconceituosa. A favela extrapolou seus muros e a realidade do jovem da periferia ganhou representatividade.

Na década de 80, o *funk* começou a ganhar mais seguidores por todo o Brasil e a revelar uma identidade mais nossa, diferenciando-se do estilo norte-americano e recebendo conceitos mais próprios do meio. No Rio de Janeiro, a variação do *funk* passou a ser chamado de *funk carioca*. Já em São Paulo, surgiu o *funk paulista* ou, também chamado, *funk ostentação*. Paralelamente a estes subgêneros do *funk*, aparecem o *funk consciente*, o *proibidão* e o *melody*. A diferença entre os tipos de *funks* está, basicamente, na letra e na batida. Enquanto no *funk ostentação* as letras propagam uma vida luxuosa, regadas a festas, mulheres bonitas e bebidas, geralmente financiada por práticas ilícitas e retratando a ambição de jovens envolvidos no mundo do crime; o *funk proibidão* vai mais profundo na vida da favela e faz referências às drogas, às armas e às facções criminosas. O *funk melody* é uma versão mais suave do ritmo. Com o intuito de alcançar mais adeptos, os intérpretes dessa versão do *funk*, buscaram deixar as letras menos agressivas e impactantes e passaram a falar sobre os problemas sociais enfrentados nas comunidades populares e sobre amor.

O *funk* é hoje um estilo musical fortemente apreciado pelos jovens de todas as classes sociais e que, como qualquer objeto cultural, leva uma identidade e transforma outras, uma vez que suas letras carregam mensagens que são repetidas pelos jovens consumidores; o problema é que, na grande maioria das vezes, esses adeptos do gênero musical apenas repetem suas mensagens sem fazer a devida reflexão. Nesse interim, a língua não mais é percebida pelo aluno como elemento de propagação cultural, assim que nosso trabalho pretende além de identificar os itens léxicais utilizados pelos *funkeiros* e reproduzidos por nossos alunos, refletir sobre eles.

Desta forma, falaremos, a seguir, sobre a importância de levar as letras de *funk* para as aulas de língua portuguesa como parte de um trabalho de combate ao preconceito linguístico e de valorização de uma cultura considerada marginal.

2.8 O *funk*: O ritmo que saiu das ruas e invadiu as salas de aula.

As letras de *funk*, por ser uma categoria musical proveniente das classes mais baixas e, cujo o maior público-alvo são os jovens da periferia, teriam uma grande contribuição na formação linguística dos nossos alunos. Sabemos que as crianças quando chegam às escolas já sabem comunicar-se, no entanto apresentam sérios problemas com a aquisição da norma-culta, dessa maneira, a relação desse aluno com as aulas de língua portuguesa passa a ser frustrante; para Soares (1994, p. 21) “o déficit linguístico é atribuído à ‘pobreza’ do contexto linguístico

em que vive a criança, particularmente no ambiente familiar”, assim que podemos perceber que a competência comunicativa do indivíduo está diretamente relacionada ao meio de suas interações e à qualidade das situações comunicativas as quais está submetido.

Em suma, a “pobreza¹²” linguística de nossos alunos acaba por desencadear outras séries de dificuldades, dentre elas, a de refletir sobre o discurso em determinados textos, sobre isso Soares (1994, p. 22) complementa: “esse ‘déficit linguístico¹³’, de que decorre um ‘déficit cognitivo’, é considerado o principal responsável pelas dificuldades de aprendizagem dessa criança na escola”, para a autora, o meio ao qual o aluno está inserido tem grande contribuição tanto nas atividades cognitivas do aluno, quanto na aquisição da linguagem deste; e isso, claro, se reflete diretamente na escola.

Fica perceptível então, que a linguagem estabelece uma relação com o meio de interação social do falante, em geral, de causa e consequência; uma vez que as relações sociais atuam diretamente sobre o modo como uma determinada mensagem é proferida. Elementos como “o que”, “quando”, “onde”, “para quem” são fatores que corroboram diretamente no processo de seleção em níveis lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Assim, quanto mais experiências diversificadas, quanto ao uso da linguagem verbal, o sujeito tiver; maior será seu leque de possibilidades de escolhas e mais satisfatória será sua comunicação.

Importante ressaltar ainda que, nesse processo de relação uso da língua com o meio de interação, “a estrutura social que gera diferentes códigos linguísticos; esses códigos transmitem a cultura, e assim determinam comportamentos e modos de ver e pensar” (SOARES, 1994, p.24). Por conseguinte, consideramos de extrema importância transpor as letras de *funk* para as aulas de língua portuguesa, pois além de identificarmos palavras e expressões novas, é possível levar o aluno a refletir sobre mensagens explícitas e implícitas provenientes do discurso proferido nas letras do tal gênero musical; para que se evite a propagação inconsequente de preceitos sociais inadequados.

As letras de *funk* costumam apresentar uma estrutura gramatical mais simples, com organizações linguísticas reproduzidas do uso coloquial. O vocabulário é reduzido e, por vezes, repetitivo. Além disso, não há uma preocupação estética do texto, as palavras são simplesmente dispostas sem que haja a busca para causar qualquer efeito no leitor/ouvinte. Os elementos morfossintáticos bem como as conjugações verbais são selecionados de forma natural e

¹² A palavra “pobreza” está sendo empregada para designar a limitação vocabular do aluno e não se trata, portanto, de considerar uma manifestação linguística inferior a outra.

¹³ Em nosso trabalho, adotamos a concepção da palavra “déficit” como referindo-se à limitação.

espontânea, o que demonstra uma possível despreocupação com a reflexão que se deve fazer ao se proferir uma mensagem. É nesse momento que entra em questão a importância de utilizarmos as letras de *funk* como objetos ensináveis nas aulas de língua portuguesa através da transposição didática; pois, na mesma proporção que a utilização da linguagem verbal é regulada pelo meio, agindo sobre ele, ela volta ao meio; e se nossa forma de dizer tem o poder de interferir e de influenciar as pessoas, precisamos estar bem atentos ao fazermos a seleção e organização do nosso vocabulário. Além disso, devemos antecipar, inclusive, que reação nosso texto poderá causar no meu interlocutor, nesse sentido, faz-se necessário ajudar nosso aluno a refletir sobre as letras das músicas que eles ouvem e cantam.

Enquanto pesquisadores, sabemos que essas realizações linguísticas, em realidade, não configuram erros ou pobreza linguística, e sim uma representação de uma variante não-padrão. De tal maneira que nossa reflexão é apenas para ressaltar que o meio, – o *funk* faz parte do meio cotidiano do aluno - através das interações sociais, influencia diretamente na constituição lexical do indivíduo, como também nas operações linguísticas, pois “a língua e o comportamento linguístico de seus falantes estão estreitamente ligados à cultura em que ocorrem.” (SOARES, 1994, p. 38). Não devemos esquecer ainda que a má distribuição de renda interfere diretamente na problemática da baixa qualidade leitora/interpretativa do aluno; já que, pelo pouco poder aquisitivo, pressupõe-se que ele tem pouco ou nenhum acesso a objetos culturais diversificados, gerando assim uma limitação cultural e, conseqüentemente, linguística. É dever da escola, portanto, proporcionar meios de estímulos cognitivos e linguísticos que favoreçam o melhor desempenho comunicativo do aluno, buscando oportunizar o desenvolvimento do raciocínio, da variação lexical e da organização morfossintática; ademais de estimular a reflexão no âmbito discursivo.

O *funk* ingressa nesse universo na medida que, por fazer parte do cotidiano do discente, precisa ser levado em conta enquanto realidade interacionista desse aluno. Logo, não compreendemos o *funk* como um objeto cultural de baixa qualidade, pois entendemos que este cumpre sua função social dentro daquilo ao qual se propõe, haja vista seu processo de evolução social; e, assim como a Antropologia não concebe que uma cultura seja melhor ou pior que outra, para os linguistas não existe variação superior ou inferior a outra; o que devemos considerar é a adequação linguística às necessidades e às características de cada comunidade e à situação comunicativa.

Cabe ao professor então, identificar os obstáculos sociais e culturais que possam interferir no processo de aprendizagem do aluno e desenvolver estratégias que favoreçam esse

processo e reduzam a impossibilidade da escola de ajustar-se à realidade social do aprendente. A existência de uma variedade linguística de prestígio social não pode se sobrepor aos falares com os quais os discentes estão em contato, ela deve ser apenas mais uma das opções ofertadas a este falante, e essa deve ser a visão linguística ensinada nas escolas.

No próximo tópico, discorreremos sobre a transposição didática como uma ação necessária para o a utilização do gênero musical *funk* nas aulas de língua portuguesa, levando em consideração que o referido gênero não faz parte do universo didático comum nas escolas.

2.9 O *funk* e a transposição didática

Por saber que a competência léxica é a base para uma boa comunicação, nos despertamos para a importância de tratar o ensino-aprendizagem do léxico partindo de perspectivas diferentes e complementares, um ensino que parte da prática linguística do próprio aluno e cujo movimento é de fora da escola para dentro desta; para só então, voltar-se para o meio novamente. Durante anos as aulas de língua portuguesa preocuparam-se em ensinar o léxico determinando as palavras as quais os alunos “deveriam saber¹⁴”, a importância da seleção lexical a ser ensinada nas escolas era dada pela própria escola, numa movimento linguístico de dentro da escola para fora; sem considerar a relação de mundo do discente, enquanto falante, nesse processo. Nosso trabalho propõe o movimento contrário, uma vez que entendemos o ensino do léxico partindo do universo linguístico do próprio aprendente, considerando sua competência comunicativa em seu mundo real. Os critérios para a escolha dos itens lexicais trabalhados em nossa proposta de aulas versaram sobre as habilidades comunicativas do falante, observando as funções e as situações comunicativas dos envolvidos nesse processo de ensino-aprendizagem.

A língua portuguesa ensinada nas escolas distancia-se da realidade discursiva dos alunos, o que torna o processo de ensino-aprendizagem algo muito mais mecânico do que significativo. Nesse interim, o aprendente precisa focar em regras infundáveis e cheias de exceções, estruturas muito mais abstratas que aplicáveis a uma realidade concreta e tudo isso exige do aluno uma memória excepcional, tornando as aulas de língua portuguesa fora da realidade e estranha ao próprio nativo. E assim, o ensino de estruturas padronizadas pela norma-

¹⁴ O uso das aspas aqui se deve ao fato de que aquilo que é definido como algo devido de ser do saber do indivíduo ser algo subjetivo e variável haja vista as relações diversas de um ser.

culta é tido como suficiente e essencial no fazer de um sujeito linguisticamente eficiente, tanto para produzir como para interpretar discursos em processos de interlocução dentro e fora da escola, como afirma Geraldi (2012):

Parece-me que o mais caótico da atual situação do ensino de língua portuguesa em escolas de ensino fundamental consiste precisamente no ensino, para alunos que nem sequer dominam a variedade culta, de uma metalinguagem de análise dessa variedade – com exercícios contínuos de descrição gramatical, estudo de regras e hipóteses de análise de problemas que mesmo especialistas não estão seguros de como resolver (GERALDI, 2012, p. 45).

Logo, possibilitar o uso eficiente da língua de maneira que o sujeito possa expressar-se nas mais variadas situações comunicativas e com os mais variados interlocutores, desenvolvendo suas habilidades linguístico-discursivas, deve ser primordial no ensino da língua, “nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças” (GERALDI, 2012, p. 42). Além disso, a tendência atual de usar os gêneros textuais como intermédio para o ensino da língua materna favorece o uso adequado da linguagem. Nesse sentido, ainda é preciso atentar-se para a necessidade de didatizar, ou seja, tornar um conhecimento passível de ser ensinado, os mais variados gêneros textuais/discursivos; pois sabemos que muitos dos gêneros aos quais os alunos entram em contato não fazem parte da esfera escolar. É nesse contexto que entra em questão a transposição didática.

Para nossa pesquisa, o conceito de transposição didática torna-se de fundamental importância, já que nos propomos a levar as letras do gênero musical *funk* para nossas aulas. Para o Schneuwly (1997, *apud* BARROS, 2008, p. 24), chama-se de transposição didática o processo sofrido por objetos sociais ao serem modificados para tornarem-se ensináveis nas instituições de ensino. Por sua vez, Chevallard (1991) define a transposição didática como

Um conteúdo de saber que tenha sido definido como saber a ensinar, sofre, a partir de então, um conjunto de transformações adaptativas que irão torná-lo apto a ocupar um lugar entre os objetos de ensino. O ‘trabalho’ que faz de um objeto de saber a ensinar, um objeto de ensino, é chamado de transposição didática (CHEVALLARD, 1991, p.39, grifo do autor).

O referido autor destaca que um conteúdo, ao ser transposto, assume significados próprios do âmbito onde será estudado, no nosso caso a escola, e é esse processo de transformação que atribuímos o nome de transposição didática. Ainda segundo Chevallard

(1991) e Álvarez (2005), para colocarmos a transposição didática em prática, o professor deverá levar em conta que a aprendizagem pode ser desenvolvida tanto de maneira informal quanto formal; diga-se aprendizagem formal o ensino padronizado nas escolas. Cabe aqui destacar que “o processo educativo informal é o grande responsável pela propagação de valores, crenças, mitos, informações, regras de convivência, de geração para geração” (AZEVEDO, 2010, p. 200). Daí a importância, para nós, de trazermos as letras de *funk* para sala de aula.

Chevallard (1991) e Álvarez (2005) ainda concordam que no fazer da transposição didática o objeto social passa por outros 5 processos:

- **a descontextualização**, pois o objeto social transposto foi produzido inicialmente para uma determinada esfera da qual é retirado e recontextualizado para o contexto escolar e ajustado a um determinado nível de ensino;
- **a despersonificação**, já que o objeto saiu de sua esfera original e acaba por perder algumas características originais;
- **a programação ou distribuição conceitual**, uma vez que os conteúdos escolares são organizados hierarquicamente, levando em conta o desenvolvimento cognitivo do aprendente e o próprio sistema escolar, todos enredados a um contexto sociocultural;
- **a publicação**, pois os saberes escolares são norteados por documentos, no caso do Brasil, os Parâmetros Curriculares Nacionais, e expandidos em materiais didáticos, como livros e revistas;
- **o controle ou avaliação**, em consequência da constante análise e averiguação de apropriação ao qual os saberes escolares são submetidos.

Estar atento a esses processos, que são inerentes à transposição didática favorece a transformação de informações em conhecimento e, consequentemente, amplia a ação do sujeito sobre o objeto estudado, possibilitando ao aprendente compreendê-lo, refletir sobre e, por vezes, modificá-lo, como bem ressaltou Azevedo (2010) ao afirmar que “é a língua que permite ao sujeito assumir uma atitude investigativa sobre o mundo, questioná-lo, questionar o conhecimento produzido e, assim, construir sobre ele seus pontos de vista” (AZEVEDO, 2010, p. 208).

Não podemos negar que nesse processo de tomada de consciência a língua tem um papel primordial, logo o ensino da língua deveria ter como parâmetro a linguagem oral, uma

vez que é a partir dela que o sujeito se apropria da linguagem; neste sentido, “estudar a língua é, então, tentar detectar os compromissos que se criam por meio da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar de certa forma em determinada situação concreta de interação” (GERALDI, 2012, p. 42), compreender tal processo é colocar em prática a adequação vocabular, o que justificaria mais uma vez a importância do nosso trabalho voltado ao léxico.

Na próxima seção do nosso trabalho, descreveremos o passo a passo das atividades realizadas em nossa proposta interventiva e detalharemos o modelo de ação seguido por nós. Nela será possível acompanhar o percurso seguido por nós no desenvolver da ação didática aplicada nesta pesquisa, além de observar o contexto geral de nosso trabalho, como: a abordagem e a natureza da pesquisa; o campo onde se desenvolveu a proposta interventiva; os sujeitos envolvidos na pesquisa; a proposta de intervenção; as atividades que permitiram a geração de dados; o *corpus* da pesquisa e as categorias de análise da pesquisa.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

O terceiro capítulo do nosso trabalho tem por finalidade contextualizar metodologicamente esta pesquisa no campo dos estudos da lexicologia. Assim, visando alcançar os objetivos deste trabalho e detalhar de forma mais didática o passo a passo seguido por nós, apresentamos, neste terceiro capítulo, a abordagem e a natureza da pesquisa; o campo onde se desenvolveu a proposta interventiva; os sujeitos envolvidos na pesquisa; a proposta de intervenção; as atividades que permitiram a geração de dados; o *corpus* da pesquisa; como também as categorias de análise da pesquisa.

3.1 A abordagem e a natureza da pesquisa

Para o desenvolvimento do nosso trabalho, adotamos a metodologia da pesquisa-ação com uma abordagem qualitativa, voltando-nos para a aplicação de uma Proposta de Intervenção Pedagógica. Por se tratar de uma proposta de intervenção em sala de aula, por meio da qual buscamos compreender e intervir no processo de ensino-aprendizagem de nossos alunos, mais especificamente no aprendizado voltado à utilização do léxico, centrando-nos no processo de ensino e não somente na busca dos resultados. Deste modo, concordamos com Bortoni-Ricardo (2008) ao dizer que “o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática” (BORTONI-RICARDO, 2008, p.46). Acreditamos, pois, que o professor, enquanto pesquisador, deve permitir-se uma reflexão sobre suas práticas docentes.

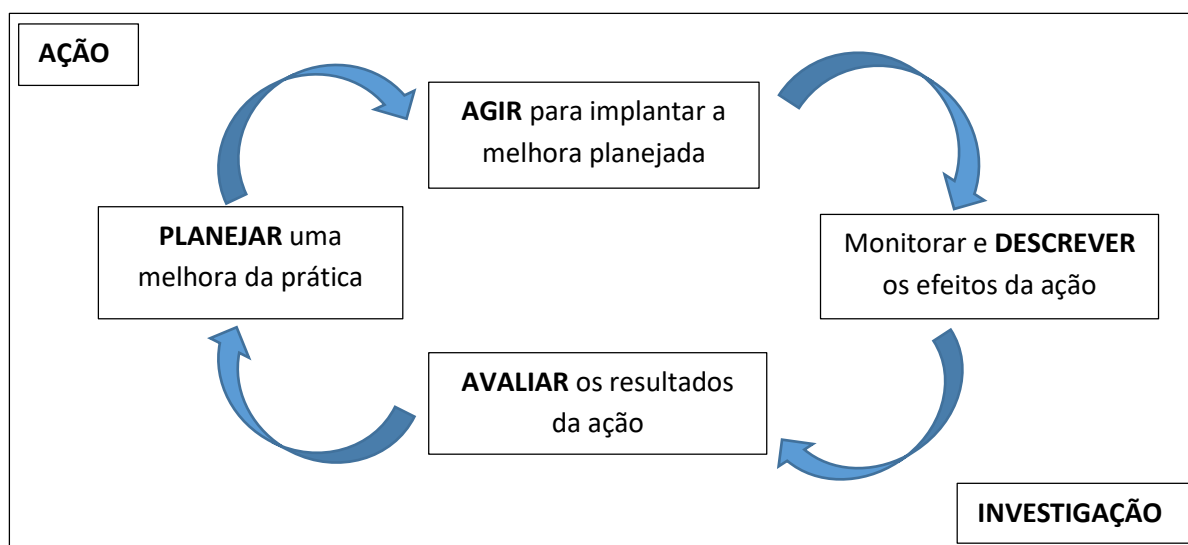
Vale ressaltar, que é uma característica da pesquisa-ação o fator pragmático, uma vez que altera o objeto pesquisado, considerado o contexto e a ética da prática metodológica. Sob essa óptica, considera-se a autorreflexão coletiva de maneira a empreender benefícios aos sujeitos de um determinado grupo, como bem aludiu Fonseca (2002, p. 34-5) ao afirmar que:

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso, para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa. O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto, e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O

investigador abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. O pesquisador, quando participa na ação, traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador.

E, desta forma, traçamos o desenvolvimento de atividades para atingirmos nossa meta. Dada a dinamicidade da esfera escolar e as rápidas transformações sociais as quais estamos inseridos, a pesquisa-ação se encaixa aos moldes de pesquisa solicitados pelo mestrado profissional, já que busca identificar e solucionar um problema coletivo, efetivamente. Para isso, usaremos o modelo de pesquisa-ação proposto por Tripp (2005):

Figura – Modelo Pesquisa-ação por Tripp



Fonte: Tripp, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica (p. 446). **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466.

Para esse autor, o planejamento, a implementação, a descrição e a avaliação são etapas importantes para melhorar a atuação do professor-pesquisador, além de ser possível acompanhar o aprendizado constante no decorrer desse processo, tanto no que tange à prática, quanto a sua própria investigação.

Importante destacar ainda que a elaboração estratégica de uma ação partiu ao se considerar a realidade linguística do público-alvo da pesquisa: alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola da periferia de Fortaleza – CE. A pesquisa-ação é uma excelente estratégia para aprimoramento do ensino, uma vez que há uma ação direta por parte das pessoas envolvidas no problema e estas contribuem de maneira ativa na construção de uma proposta

interventiva. Desse modo, os objetivos específicos foram direcionados ao professor e ao aluno, tendo como base a análise do uso das palavras em letras de *funk*, gênero musical comumente ouvido pelos alunos.

Nossa ação interventiva desenvolveu-se durante os meses de agosto e setembro do ano letivo de 2019, para tal foram realizadas oito atividades em 24 (vinte e quatro) aulas de 50 (cinquenta) minutos cada. A opção por essa quantidade de aulas se justifica pelo fato de já acompanharmos a turma desde o início do ano; assim, não sendo necessário o uso de aulas para a observação inicial. Além disso, nosso conteúdo restringe-se à identificação, à utilização e à reflexão lexical, sendo esse número de aulas suficiente para o desenvolvimento das atividades aqui propostas.

O presente trabalho, em suma, fundamenta-se em uma pesquisa-ação de abordagem qualitativa, uma vez que o pesquisador e os participantes representativos da situação-problema estão envolvidos de modo cooperativo. O foco principal deste projeto é a aplicação de resultados de estudos linguísticos no campo da lexicologia e lexicografia, nas aulas de língua portuguesa, de maneira participante e interventiva.

Com o propósito de melhor contextualizar nossa pesquisa considerando os agentes envolvidos, seguiremos fazendo um breve histórico sobre a escola onde a pesquisa foi desenvolvida

3.2 O campo onde se desenvolveu a proposta interventiva

Nosso trabalho foi desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental e Médio Santo Amaro, uma escola da rede pública do estado do Ceará, localizada em uma região da periferia da capital Fortaleza, estigmatizada pela extrema pobreza e violência. A Escola fica situada na rua Nova Conquista, nº 871, e é uma instituição de ensino da esfera Estadual pertencente à Secretaria da Educação Básica do Estado do Ceará.

Foi criada em 04 de março do ano de 1998, como anexo da Escola de Ensino Fundamental e Médio Dona Júlia Alves Pessoa. Seu nome foi escolhido pela própria Comunidade do Bairro. Atualmente, conta com 1.234 alunos, dispostos em três turnos e atende a jovens nos segmentos de 9º anos do Ensino Fundamental e 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Na atual direção da Escola está o Professor Antônio Marcos Justino Matias.

Quanto à estrutura física, a escola dispunha de quinze salas de aulas, diretoria, secretaria, sala dos professores, sala de planejamento, sala multimeio, sala de informática, banheiros separados por gêneros (masculino e feminino) e de uma sala multifuncional, para o atendimento dos alunos que apresentem necessidades de atendimento diferenciado.

A Escola acredita em uma gestão democrática e participativa e busca esse estreitamento da parceria com os pais e com a comunidade escolar em geral. Entendemos que a melhor saída para os novos rumos de nossa juventude e do país é uma educação de qualidade, voltada para construção e formação da cidadania. E assim, primamos por ações que levem os alunos a grandes realizações, visando a uma transformação humanística e cultural.

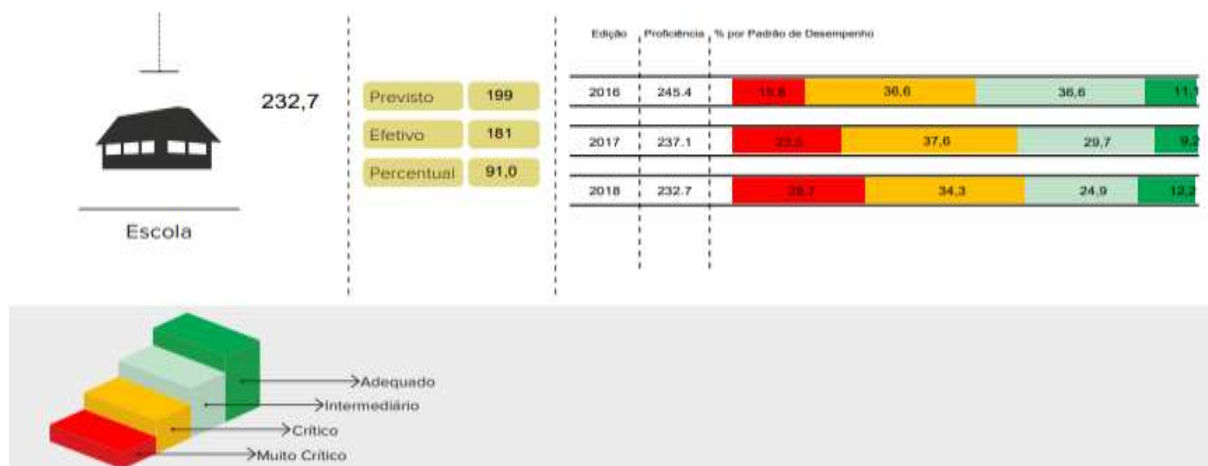
Ao longo do ano, são desenvolvidos diversos projetos distribuídos nas três áreas do conhecimento: Linguagens e Códigos, Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas. A área de Linguagens e Códigos realiza periodicamente atividades que permitem ao aluno a desenvolver o gosto pela leitura e escrita. Através do projeto “Café Literário”, o aluno descobre o universo da leitura de obras e de autores consagrados da Literatura universal. As áreas de Ciências da Natureza e Matemática e Ciências Humanas, em parceria com o Sistema Integrado de Prevenção (SIP), promovem ações de prevenção ao uso e abuso do álcool, tabaco e outras drogas. Além disso, através do projeto “O Nordeste é Nosso” o aluno aprende a valorizar nossa cultura, costumes, tradições e produções artísticas.

O aluno da Escola Santo Amaro pode contar ainda com ações que instigam o seu sucesso profissional e pessoal, como: “Projeto Professor Diretor de Turma”, “Projeto Jovens do Futuro”, “Aulões Preparatórios para o ENEM e para o SPAECE”, “Oficinas de Redação”, entre outros. Em parceria com o Instituto Terre des hommes Brasil (TDH), foi criada a sala mediação de conflitos internos entre alunos. Tal instituto é uma organização de sociedade civil que tem a missão de promover, garantir e defender os direitos de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social. A instituição integra o movimento internacional Terre des hommes, cuja sede global é em Lausanne, na Suíça.

É importante salientar ainda que a escola está localizada em uma das áreas de periferias da cidade com um dos maiores índices de violência. Dados recentes do relatório de atividades do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA) mostram que, em 2017, o Ceará teve 981 jovens, com idades entre 10 e 19 anos, assassinados; destes, 414 ocorreram somente na capital, Fortaleza, e, ainda deste quantitativo, 31 dessas mortes juvenis ocorreram no bairro onde se localiza nossa escola: Bom Jardim. O relatório ressalta ainda o aumento significativo das mortes juvenis entre as meninas.

Dada as dificuldades enfrentadas pela escola, o desempenho alcançado por ela nas avaliações externas do SPAECE - Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará -, no ensino de LP, tem revelado uma pequena queda no nível de proficiência dos alunos, como podemos observar no gráfico abaixo:

Figura – Dados SPAECE 2018



Fonte: Site CAED

Mesmo assim, podemos afirmar que a escola ainda é um refúgio para muitas famílias, uma vez que, tanto pais, quanto os filhos relatam uma sensação de segurança e de bem-estar quando estão na escola. Infelizmente, essa é uma falsa sensação de segurança, haja vista a precariedade e a vulnerabilidade de muitas escolas, incluindo a escola Santo Amaro. No entanto, temos de reconhecer que, apesar dos ataques que a educação brasileira vem sofrendo pela falta de investimento adequado, a escola ainda é um espaço importante para a maior parte da sociedade.

Após conhecermos um pouco da realidade do ambiente onde a pesquisa foi realizada, faremos, a seguir, uma contextualização sobre os sujeitos envolvidos nessa pesquisa.

3.3 Sujeitos envolvidos na Pesquisa-Ação

Os sujeitos envolvidos foram 36 alunos, de faixa etária que abrange desde jovens com 14 a 17 anos de idade, de uma turma de 9º ano do ensino fundamental. Além da discrepância na idade dos alunos constituintes da turma, há ainda outras questões que podem ser possíveis fatores para problemas de aprendizagem, como a desestruturação familiar, o abandono, os

abusos sexuais, a violência doméstica, o envolvimento com as drogas e com o tráfico, a necessidade de trabalhar no contra turno, a gravidez precoce. Estas são apenas algumas das dificuldades enfrentadas por nossos alunos. Possivelmente, essas seriam as causas porque a turma apresentava uma significativa dificuldade na leitura e na escrita, além de demonstrar algumas falhas no processo de interpretação textual; de maneira que se justifica a necessidade da aplicação dessa proposta interventiva.

É viável também esclarecer que este trabalho não conseguirá solucionar as problemáticas de leitura e de escrita da turma, uma vez que as dificuldades são várias e de naturezas diversas; porém pensamos que nossa pesquisa trará importantes contribuições para os discentes no âmbito da aprendizagem metalinguística. Desta forma, a seguir mostraremos o passo a passo da nossa proposta de intervenção, através da descrição das ações aplicadas nas nossas aulas.

3.4 A proposta de intervenção

A partir da premissa de que os aprendentes precisavam dar-se conta da importância de fazer uso da adequação vocabular ao considerar a situação de interação, resolvemos desenvolver uma ação interventiva, na tentativa de minimizar possíveis falhas comunicativas e preconceitos linguísticos envolvendo os alunos. Importante ainda destacar, que o ensino do léxico precisa levar em conta o contexto e o cotexto, por isso a necessidade de propiciar atividades sobre o reconhecimento e o uso lexical que permitam ao discente a tornar-se um interlocutor autônomo do vocabulário.

O planejamento de nossa ação levou em consideração aspectos de uso da língua, como:

- Semântica, polissemia e sinônimos;
- Errado x adequado;
- Variedade linguística e o preconceito linguístico;
- Léxico da periferia relacionado às letras de música do gênero *funk*.

De maneira tal, traçamos melhor o plano de atividades em cada aula que compõem a nossa ação interventiva, objetivando as seguintes metas:

- Instigar uma reflexão por parte dos alunos sobre o vocabulário usado por eles e a importância da adequação deste dada a situação comunicativa;
- Identificar palavras e/ou expressões, dentro de algumas letras de músicas do gênero *funk*, que contribuam para a construção de uma identidade cultural típica das periferias e que são reproduzidas pelos alunos;
- Analisar as relações de sentido nas palavras selecionadas, assim como uso das variedades linguísticas identificadas, com vistas a diminuição do preconceito linguístico vigente na escola;
- Elaborar um glossário a fim de favorecer a comunicação dentro da comunidade escolar.

Assim, resolvemos aplicar uma ação desenvolvendo atividades a partir dos quatro momentos do modelo de ação elaborado por Tripp(2005):

- PLANEJAR: Para esse momento, nós, pesquisadora e orientador, reunimo-nos e discutimos sobre quais atividades seriam mais apropriadas para aplicação da ação em sala de aula, visando atingir nossas metas, haja vista a problemática; para só então, apresentar o projeto para os alunos envolvidos na pesquisa.
- AGIR: Essa parte da ação interventiva envolve a aplicação das atividades propriamente ditas. Após fazer a apresentação do nosso projeto aos gestores escolar, ao discentes e aos pais ou responsáveis, começamos a aplicação da ação realizando as atividades. A princípio, instigamos uma discussão com vista à reflexão sobre o que é estabelecer comunicação e o uso da língua para o sucesso desta. Já na atividade seguinte, expusemos conceitos que consideramos importantes para atingirmos os objetivos da proposta interventiva da nossa pesquisa, tais como: língua, léxico, semântica, palavras polissêmicas e sinônimas. O próximo momento foi dedicado ao estudo das variedades linguísticas e do preconceito linguístico. Em seguida, resolvemos explorar as palavras, reforçamos o conceito de léxico e o uso do dicionário. O atividade seguinte foi a seleção de palavras e das expressões dentro das letras de *funk* e a atribuição de significados a estas, visando uma reflexão a posteriori. Por fim, na última atividade da ação, socializamos as palavras e os conceitos coletados e

selecionamos aquelas que foram indicadas pelos alunos como mais usadas entre eles e voltamos a refletir sobre o uso da língua, como na primeira atividade; no entanto, agora acreditamos que os alunos teriam melhor embasamento teórico para isso. A seguir, detalharemos cada atividade do nosso trabalho.

Na próxima parte do nosso trabalho apresentaremos o momento três da proposta de intervenção, o descrever, conforme o modelo Tripp (2005). Será nessa seção também, que detalharemos o passo a passo de cada atividade e falaremos dos instrumentos utilizados durante a realização destas na ação.

3.5 A ação e as atividades desenvolvidas

O presente relatório tem como principal objetivo descrever as atividades desenvolvidas durante a aplicação da ação interventiva apresentada acima, bem como, esclarecer os objetivos específicos de cada atividade e os instrumentos utilizados na realização destas. É nessa parte do nosso trabalho que abordaremos o momento três e quatro do modelo de ação proposto por Tripp (2015), o descrever e o avaliar, modelo escolhido por nós, pesquisadora e orientador, para construir nossa proposta de intervenção. Destacamos ainda que a aplicação dessa etapa da ação se efetivou entre os meses de agosto a setembro do ano letivo de 2019, através da aplicação de oito atividades, descritas logo a seguir. Para isso, fizemos uso de mais duas etapas do modelo de pesquisa-ação proposto por Tripp (2005).

- **DESCREVER:** Apresentamos, aqui, a descrição de cada aula realizada. Para tal, detalharemos o passo a passo de como as atividades foram desenvolvidas; além de acrescentar, quando necessário, observações da professora-pesquisadora sobre a participação e as impressões dos alunos em cada momento.
- **AVALIAR:** Já a avaliação será realizada mais especificamente na realização da atividade 7 (sete), pois será neste momento que a pesquisadora em conjunto aos alunos refletirão sobre as palavras coletadas na atividade anterior. Além disso, importante esclarecer aqui que, durante essa parte da ação, a pesquisadora fará anotações de observações que comporão o *corpus* desta pesquisa.

3.5.1 Atividade 1 – Apresentação do projeto à turma - 2h/a (100 minutos)

- Objetivos metodológicos: apresentar aos alunos a proposta de trabalho a ser desenvolvida com as atividades para a realização da pesquisa.

Nessa primeira aula, apresentamos aos alunos a proposta de trabalho a ser desenvolvida. Optamos por dispensar a apresentação dos discentes, pois a pesquisadora já era professora de língua portuguesa na referida turma desde o início do ano letivo. Primeiramente, esclarecemos que se tratava da aplicação de uma pesquisa com fim de conclusão de um trabalho de pós-graduação com vistas à titulação de mestre por parte da pesquisadora e que a identidade de todos seria preservada. Expusemos ainda como seria a dinâmica de aplicação das atividades e falamos da importância da participação de cada um na realização destas.

Alguns alunos demonstraram de pronto interesse em relação à proposta apresentada, mas questionaram se as atividades valeriam pontos no final do bimestre. Foi explicado então que a princípio as atividades seriam apenas para desenvolver habilidades linguísticas e coleta de dados de pesquisa, porém essa possibilidade seria levada à coordenação pedagógica da escola e, muito provavelmente, poderíamos sim atribuir alguma nota a estas atividades; visto que usaríamos algumas aulas de língua portuguesa da turma e a proposta de pesquisa teria relação com o conteúdo pedagógico já previsto para a turma durante o ano letivo vigente.

A maioria dos alunos não tiveram qualquer dificuldade em compreender a proposta apresentada, pelo contrário, acharam interessante e “legal”, termo usado pelos próprios alunos ao se referirem ao projeto apresentado. Outros alunos, poucos na verdade, ficaram calados e observando, não fizeram comentários e nem se mostraram preocupados.

Após esclarecer algumas dúvidas quanto à proposta de intervenção que seria realizada junto aos alunos, focamos em mostrar a importância do nosso trabalho para eles enquanto aprendizes, através de uma breve explicação de léxico e exemplificando com situações problemáticas cotidianas geradas por uma má comunicação ao se fazer uso inadequado do léxico.

Observamos que, após as nossas explicações, não houve quaisquer resistências por parte dos alunos da turma na realização das atividades propostas. Entregamos os termos para que eles pudessem levar aos seus respectivos responsáveis para que fossem assinados, autorizando a participação de cada um deles na pesquisa.

3.5.2 Atividade 2 – Conhecendo os conceitos de língua e léxico - 3h/a (150 minutos)

- Objetivos metodológicos: a) Discutir conceitos de língua e léxico; b) apresentar elementos da comunicação; c) Instigar uma reflexão por parte dos alunos sobre o vocabulário usado pelos alunos.

Iniciamos esse momento questionando aos alunos se eles sabiam o que era se comunicar e solicitamos que eles escrevessem, em poucas palavras, o que compreendiam sobre isso. Em seguida, foram lidas algumas respostas e, a partir delas, levantados outros questionamentos, como: É importante se comunicar? Para haver comunicação, precisa ser na mesma língua? Para haver comunicação, preciso ser compreendido? Quais são os elementos que se envolvem no processo de comunicação? Os discentes foram instigados a refletir sobre essas questões e exporem seus pontos de vistas.

Logo pudemos perceber que os alunos não conheciam bem o que seria estabelecer comunicação, pois confundiam língua com o processo comunicativo em si. Também afirmaram não saber que elementos da comunicação a pesquisadora se referia.

Para começar a fazê-los entender a relação da língua com o processo comunicativo, mostramos, no datashow, uma tirinha de Fábio Coala que ressaltava a fala de um garoto e uma garota em uma situação de aproximação com intenção de paquera em momentos históricos distintos; buscamos levá-los a compreender o conceito de língua e diferenciar tal conceito de fala, para isso, embasamo-nos aqui no conceito base de *langue* e *parole* estabelecido por Saussure (2012). Logo em seguida, expusemos os elementos da comunicação e os conceitos considerados importantes para o sucesso comunicativo: emissor, receptor, código, canal, mensagem e situação comunicativa, usando a tirinha inicial para exemplificar tais conceitos. Para esse momento, houve a necessidade de relembrar aos aprendentes os tipos de linguagem (verbal e não-verbal) para que eles entendessem o que era código e de que maneira ele se constitui na linguagem verbal.

O segundo momento desta nossa atividade buscou estabelecer uma ligação entre o assunto explanado inicialmente com as situações de comunicação vivenciadas pelos alunos nas quais eles percebiam que não eram compreendidos. Mas uma vez, a importância dessa etapa do trabalho dar-se ao levar o discente a refletir sobre a importância da construção de sentido dos itens lexicais durante o processo de interação comunicativa; levando-os a reconhecer que não é, portanto, possível estabelecer comunicação sem a devida compreensão do código em uso. Os

alunos exemplificaram com situações que eles vivenciaram. Nesse momento, houve uma explicação sobre o signo linguístico e seus constituintes (significante e significado), para tanto, assistimos ao vídeo “Linguística: significado e significante” retirado do *You Tube*. Após, fizemos os devidos esclarecimentos e concluímos apresentando uma breve discussão sobre o que é léxico. Vale ressaltar que a brevidade dada a discussão sobre o léxico justifica-se porque tal temática será melhor explorada mais adiante, na atividade 5 desta ação interventiva.

Em seguida, os estudantes ressaltaram também a dificuldade que sentiam em entender determinados comandos de provas, pois percebiam que não conseguiam atribuir significado a muitas palavras empregadas nelas ou atribuíam significado destoante daquele preterido pelo professor para a resolução das questões. Ressaltamos aos alunos que os comentários expostos por eles foram de suma importância e que voltariamos a falar sobre mais adiante, quando formos exercitar o uso do dicionário. Aproveitamos a ocasião para esclarecer que uma das funções das aulas de língua portuguesa era a de ampliar as possibilidades lexicais, proporcionando ao aluno, maior flexibilidade comunicativa e não limitá-las.

3.5.3 Atividade 3 – De olho no sentido das palavras - 4h/a (200 minutos)

- Objetivos metodológicos: a) Identificar as relações de sentido das palavras; b) mostrar como elementos variacionais como aumentativo/diminutivo, marcas de pluralização, relações de sinonímia que corroboram para o processo de construção de sentido.

O momento seguinte do nosso trabalho focou em esclarecer o processo de construção de sentido das nossas palavras. Desta forma, começamos fazendo uma breve explanação sobre o que é semântica e qual sua função dentro da linguística. Para este momento, fizemos usos de conceitos e imagens expostos em *slides* de *power point*. Colocamos a amostra a imagem de uma determinada fruta e solicitamos aos alunos que dissessem seu nome, em seguida, apresentamos as diversas formas de chamar a citada fruta em outras partes do país. O objetivo era fazer o aluno perceber que a construção de sentido, muito embora seja individual, parte de um conceito coletivo e que só é possível estabelecer comunicação satisfatória quando esse conhecimento semântico é compartilhado.

Em seguida, distribuímos três envelopes, cada um contendo uma dupla de palavras: carta – cartão; porta – portão; corda – cordão. Pedimos que eles tentassem explicar em poucas palavras o significado de cada uma delas, assim foi possível fazê-los compreender uso de palavras que, ao sofrerem processos variacionais (neste caso, para o aumentativo), mudaram também seu sentido, passando a determinar um novo objeto. Além destas, os discentes foram questionados quanto a diferença de sentido ao empregar determinados diminutivos, como na palavra “mulherzinha”, em situações comunicativas diversas. Os próprios alunos citaram exemplos de uso desta palavra, no diminutivo, para exemplificar a diferença semântica que ela sofre dada a circunstância usada, podendo expressar tamanho pequeno, afetividade, desdém ou até ideia pejorativa.

O próximo passo, foi mostrar ao aluno a polissemia das palavras, para isso exemplificamos com a palavra “manga”. Fixamos no quadro uma plaquinha com essa palavra escrita e perguntamos qual o seu significado. A maioria dos alunos direcionaram a significação desta palavra para uma fruta, mas logo em seguida afixamos três frases ao lado desta palavra: 1- Essa manga é muito saborosa; 2- A manga da sua blusa está suja; 3- O cearense manga de tudo. Assim, nossos estudantes foram levados a construir três significados distintos para a palavra manga: uma fruta, a parte de uma blusa e o verbo regional “mangar”, conjugado no presente do indicativo, usado pelos nordestinos para referir-se a rir com intensidade ou zombar de outrem. Os aprendentes foram conduzidos a perceber que a construção de sentido das palavras não deve ser feita de forma isolada de um contexto e que os elementos da comunicação envolvidos nesse processo fazem toda a diferença.

À continuidade, trabalhamos as relações de sinonímia das palavras partindo do uso das palavras: rosto, face e cara. Para esse momento, escrevemos no quadro estas três palavras e expusemos nos slides três possíveis situações de uso destas e pedimos que nossos aprendentes empregassem uma dentre as palavras escritas no quadro nas três situações mostradas:

Situação 1 - Uma pessoa vai fazer exames num oftalmologista e o médico solicita “por favor, coloque seu/sua _____ aqui nesta máquina, para que eu possa realizar seu exame”. Foi unanime a escolha dos alunos pela palavra “rosto” para completar essa situação.

Situação 2 - Um jovem casal está namorando num banco de praça. O garoto faz um carinho na garota de diz “como seu/sua _____ é macia!” A escolha lexical da turma para preencher esse espaço ficou dividida, alguns escolheram rosto, já outros escolheram a palavra “face”. Ressaltamos que só poderiam escolher uma delas e a maioria dos alunos optaram pela palavra “face”.

Situação 3 – Numa determinada partida de futebol, dois garotos se esbaram gerando uma situação de conflito, um dos garotos insulta o outro e completa “venha que vou partir seu/sua _____!”; mais uma vez a turma concordou com uma única resposta, atribuindo a palavra “cara” para essa situação.

Ao colocar as palavras “rosto”, “face” e “cara” em situações hipotéticas de uso, os alunos puderam visualizar que, apesar de corresponderem a mesma parte do corpo, tais palavras são usadas em contextos diferentes, uma vez que representam valores semânticos-culturais diferentes. Assim, foi possível evidenciar a relação sinonímica das palavras, mas que, dada às situações interacionistas da língua, não podemos considerar sinônimos perfeitos, uma vez que a construção de sentido atribui cargas semânticas distintas aos itens lexicais.

Ao final dessa atividade, alguns alunos evidenciaram que nunca tinham percebido essas diferenças de sentidos em palavras que geralmente eram usadas por eles para designar a mesma coisa. Agradeceram pela atividade e pediram mais outras dessa forma.

3.5.4 Atividade 4 – As variedades linguísticas e o preconceito - 3h/a (150 minutos)

- Objetivos metodológicos: a) Refletir sobre o correto ou o adequado na língua portuguesa; b) Reconhecer formas linguísticas variantes da língua; c) Minimizar a ocorrência e a reprodução do preconceito linguístico.

Começamos essa próxima atividade do nosso trabalho assistindo a um vídeo do “Youtuber” Whinderson Nunes intitulado “Sotaque”. Neste vídeo, Whinderson fala de situações de conflitos vivenciadas por ele, um nordestino do Piauí, e sua esposa, uma gaúcha, por conta da variedade linguística empregada no dia a dia deles. Com humor, o vídeo contribui na reflexão sobre a diferença entre o correto ou o adequado do ponto de vista linguístico. Além disso, através das situações narradas no citado vídeo, os alunos puderam compreender ainda o processo do preconceito linguístico. Após a apreciação do vídeo e os devidos comentários, fizemos uma explanação apresentando os tipos de variedades linguísticas; para isso, embasamos nossa aula no material de Ilari (2011).

Dando sequência ao nosso estudo de variedades linguísticas, lemos algumas tirinhas¹⁵ retiradas da internet e expostas em *slides* de *power point* e um fragmento da Carta de Pero Vaz de Caminha enviada ao rei de Portugal na época do Descobrimento do Brasil para ilustrar os tipos de variações linguísticas. Oportunamente, usamos o momento para debater sobre a variante foco da nossa pesquisa, a linguagem empregada nas letras do *funk*. Nesse momento, os alunos foram sensibilizados sobre o preconceito linguístico sofrido e praticado por eles em diversas situações cotidianas e que, em alguns momentos, eles nem percebiam.

Para aprofundarmos nosso debate sobre preconceito linguístico, os alunos assistiram a outros dois vídeos retirados do *YouTube*: O Preconceito Linguístico e O Preconceito Linguístico na Redação do Enem. Tais vídeos serviram de motivadores para esse nosso momento de debate. O objetivo principal dessa parte do trabalho foi levar os discentes a reconhecerem situações de uso das variedades linguísticas; não só aceitando os diferentes falares, mas compreendendo que há uma necessidade de ajustar a linguagem usada ao considerar às situações comunicativas, evitando a ocorrência do preconceito linguístico. Teoricamente, embasamos essa parte do nosso trabalho em Bagno (2007). Para encerrar esse momento, optamos por assistirmos mais um vídeo do *YouTube*, “Falar Difícil” do É Nós na Fita, desta vez, sem haver a necessidade de fazermos nenhum comentário, apenas incitar uma reflexão e propiciar um momento de bom humor.

3.5.5 Atividade 5 – O léxico e o dicionário - 4h/a (200 minutos)

- Objetivos metodológicos: a) Reconhecer o valor da palavra; b) Conceituar léxico; c) Aprender a fazer uso do dicionário.

Para iniciarmos, foi distribuído entre os alunos dois poemas intitulados “A palavra”, um de Pablo Neruda e o outro de Carlos Drummond de Andrade. Iniciamos assistindo a vídeos retirados do *YouTube* em que os poemas são narrados. Após esse momento, começamos uma análise dos poemas, fazendo uma reflexão sobre a importância da palavra. Alguns alunos começaram a questionar sobre o significado de algumas palavras empregadas nos poemas e orientamos que as grifassem. Em seguida, passamos a explicar como usar o dicionário, para

¹⁵ As Tirinhas usadas nesta atividade estão nos anexos, bem como o fragmento da Carta de Caminha.

isso, fundamentamo-nos na obra de Pontes (2009). Foram distribuídos dicionários e, com a ajuda de *slides*, mostramos como as palavras são apresentadas nos dicionários: a ordem alfabética, a separação silábica, a classificação morfológica, o significado das abreviaturas, os sentidos das palavras e os possíveis empregos destas. Em suma, apresentamos de forma mais simplificada a macro e microestruturas que compõem os dicionários em geral. Ademais, nesse momento foi oportuno explicar o gênero textual verbete, já que este é inerente aos dicionários. Após esse momento, os alunos foram orientados a pesquisarem as palavras que sentiram dificuldade de entender durante a leitura dos poemas.

O próximo passo foi a socialização das palavras e significados pesquisados pelos alunos. Momento riquíssimo e muito oportuno para voltarmos a falar sobre o léxico. A palavra léxico foi escrita no centro do quadro branco, pedimos aos alunos que tentassem explicar o conceito de léxico considerando tudo que já tinham estudado até o momento. Com base na fala dos próprios discentes e nas orientações formadoras da nossa base teórica - Pontes (2009), Biderman (1998) e Krieger (2012) – escrevemos conceitos e fizemos esclarecimentos. Encaminhamos nosso debate para entendermos a importância de atribuir significado a um termo ou uma expressão linguística para fazermos bom uso da língua no processo comunicativo. Essa parte de nossa aula foi basicamente expositiva através de *slides*, pois o intuito era a demonstração do objeto, o léxico e seus significados, a ser coletado ao final das etapas.

3.5.6 Atividade 6 – Identificando palavras e expressões - 3h/a (150 minutos)

- Objetivos metodológicos: a) Coletar palavras e expressões típicas das letras de músicas *funk*; b) Atribuir significados às palavras e expressões coletadas.

Para essa atividade, elencamos dez letras¹⁶ de músicas do gênero *funk* e distribuímos na turma; esta, por sua vez, estava dividida em sete grupos. Cada grupo fez a escolha das palavras e/ou expressões que eles consideravam mais relevantes e que eram utilizadas por eles no cotidiano e atribuíram seus respectivos significados, escrevendo no instrumental distribuído junto com as letras.

¹⁶ A listagem com as letras selecionadas e o instrumental de coletas de palavras e expressões encontram-se em anexo.

3.5.7 Atividade 7 – Refletindo sobre as palavras escolhidas - 2h/a (100 minutos)

- Objetivos metodológicos: a) Refletir sobre o uso da língua através de suas marcas culturais; b) Fazer uma seleção mais precisa para elaboração do glossário.

A nossa penúltima atividade centrou-se na reflexão do uso da língua, igualmente como na ação inicial; porém agora pressupomos que os alunos teriam maior propriedade para fazer essa reflexão, uma vez que as ações anteriores teriam servido de base teórica para tal. Primeiramente foi distribuído entre os alunos o material coletado na atividade anterior, para que eles selecionassem, coletivamente, os itens lexicais e seus significados, considerando a relevância do uso de cada item lexical, por parte deles, dentro da comunidade onde vivem. Em seguida, dispomos a turma em um grande círculo e dialogamos sobre as palavras e expressões, apontadas pelos alunos, bem como quais significados lhes foram atribuídos. Pedimos ainda aos grupos que selecionassem as palavras que eles acreditavam ser de significado desconhecido pela maior parte dos componentes da comunidade escolar. Assim, realizamos perguntas como: “Essa palavra ou expressão é usada entre vocês?”, “O significado atribuído por vocês à palavra ou à expressão é o mesmo utilizado no seu dia a dia?”, “O que você acha de usar essa palavra ou expressão nessa música?”, “Em quais situações seria importante substituir o uso dessas palavras e/ou expressões?”. As perguntas foram utilizadas para estimular e guiar a reflexão dos alunos, além de gerar informações que foram registradas pela pesquisadora e que serviram também de *corpus* para a pesquisa.

Nesse processo, o objetivo foi levar o aluno a perceber como as marcas linguísticas são dotadas de construções semânticas culturais e fazê-los reconhecer de que maneira o uso inadequado da língua pode propagar marcas preconceituosas. Importante ressaltar, que mesmo os alunos que não tiveram muito interesse por essa atividade, por afirmarem não gostar do estilo musical estudado, disseram que o estudo desse léxico em específico foi importante para eles, já que outras pessoas com quem eles conviviam usavam aquelas palavras.

Uma outra observação relevante a se fazer é sobre o comentário de um dos alunos ao dizer que achou a “atividade muito boa, pois valorizou o jeito que a gente fala”. Foi perceptível a emoção na fala de tal aluno ao notar que nossa pesquisa, de uma certa forma, dá importância ao falar deles e isso era valorização.

3.5.8 Atividade 8 – Construindo o glossário - 3h/a (150 minutos)

- Objetivos metodológicos: a) Elaboração do glossário.

Essa última atividade da nossa ação foi desenvolvida em parceria com o professor do laboratório de informática, por se tratar de uma atividade que precisaria do uso dos computadores. Para a realização desta atividade, houve a necessidade relembrar o gênero verbete e ressaltar a importância deste na construção de significados. A turma escolheu um aluno de cada grupo para digitar as palavras e, ao final, unirem em um único arquivo que formaria o glossário. A escolha dos termos para a composição do glossário considerou diretamente a realidade linguística dos aprendentes, já que a problemática geradora de nosso trabalho era a falta de compreensão durante processos de interação social entre os membros da comunidade escolar. Enquanto uns digitavam, uma determinada aluna sugeriu fazer a escolha do nome do glossário, o qual ficou determinado ser: “**Funk: do cantar ao falar**”. Os alunos também sugeriram acrescentar algumas imagens, retiradas da internet, no glossário; segundo eles seria como dar o movimento do ritmo estudado ao próprio glossário, o que configurou tal glossário como sendo multimodal. Enquanto uns digitavam as palavras, os outros pesquisavam as imagens e selecionavam as que realmente seriam colocadas no trabalho deles. Ao final, apresentamos os esclarecimentos necessários para explicar porque o objeto construído seria multimodal.

Após a realização de todas as atividades que compõem nossa ação, apresentaremos os instrumentos e o *corpus* que compunham nossa base de análise e as categorias que nortearão tal análise.

3.6 Instrumentos, *Corpus* e Categorias de análise

Para a geração de dados e concretização da análise de nossa pesquisa, utilizamos as letras das músicas do gênero musical *funk*, selecionadas para o desenvolvimento da atividade 6 (seis), como um dos instrumentos de coleta. A seleção se deu da seguinte forma: primeiramente, fizemos um levantamento rápido entre os discentes perguntando quais músicas do gênero *funk* eles costumavam ouvir e os próprios alunos sugeriram os nomes de algumas. Além disso, pesquisamos, na internet, as letras de *funk* mais tocadas no país naquele período. A partir daí,

criamos um leque de opções, no entanto, seria preciso levar um outro fator em consideração ainda: a escola, como já relatado anteriormente, se localizava em uma zona de conflitos entre facções criminosas da cidade e deveríamos abordar as letras com bastante cuidado. Por isso tivemos que filtrar as letras observando os seguintes critérios:

- a) Não fazer apologia à prática de crimes ou uso de drogas;
- b) Não fazer apologia a nenhum grupo de facção criminosa.

Desta forma, as letras selecionadas foram as apresentadas a seguir, na mesma ordem em que foram dispostas aos alunos no instrumental de coleta:

Quadro – Letras das Músicas Analisadas

	Música	Intérprete
1	Realidade Do Mundão	<i>Mc Jx Boladão</i>
2	Quer Andar de Meiota	<i>MC Kekel e MC Gão</i>
3	Pimenta	<i>Valesca Popozuda</i>
4	Evoluiu (part. Sodré)	<i>MC Kevin o Chris</i>
5	Funk da Mega Ultra Ostentação	<i>MC Dudu</i>
6	Favela Consciente	<i>Menor do Chapa</i>
7	Pente e Rala	<i>Romario</i>
8	Luxo e Camarote	<i>Mc's Samuka e Nego</i>
9	Portando Um 3 Oitão	<i>Hugo CNB</i>
10	Um Velho Ditado	<i>Mc Rodolfo</i>

Fonte: Elaboração Própria

Para além das letras musicais, a observação participante da pesquisadora, feita primordialmente durante a realização da atividade sete, serviu também de instrumento gerador de dados. Como o objeto de estudo dessa pesquisa é o léxico que os alunos utilizam e que são oriundos do universo do *funk*, temos assim os itens lexicais (palavras e/ou expressões com seus respectivos significados) indicados pelos alunos na atividade seis e os registros escritos da pesquisadora realizados durante a atividade sete como *corpus* do nosso estudo.

No que tange as categorias de nossa análise, esta versará sob três viés: a) a identificação do léxico e seus significados; b) seus processos formativos e variacionais; c) e suas relações semântico-pragmáticas com as quais podemos destacar as marcas de identidades socioculturais. Desse modo, a próxima etapa deste trabalho se centrará apresentação dos dados coletados e na sua análise.

4 ANÁLISE DE DADOS

Como já foi dito anteriormente, nosso *corpus* se constitui dos itens lexicais identificados pelos alunos nas letras musicais do gênero *funk* e das observações da pesquisadora. Para coleta dos termos, dividimos a turma em sete pequenos grupos e aplicamos uma atividade específica - atividade seis descrita na sessão 3.5.6 dos Aspectos Metodológicos deste trabalho. Importante salientar que a opção de dividir a sala em grupos foi positiva, uma vez que o léxico, apesar de partir de uma escolha individual e pessoal, precisa ser reconhecido coletivamente (VILELA, 1994. FERRAREZI, 2010); assim, mesmo que alguns poucos alunos tenham faltado nos dias de realização dessa atividade, não houve perdas para a coleta do material, como mostrado nas imagens colocadas nos anexos dos instrumentais elaborados pelos alunos. Segue-se então nossa análise, considerando a ordem das questões levantadas e objetivadas neste trabalho.

4.1 Das palavras ou expressões que fazem parte do léxico cotidiano do aluno e que são oriundas das letras de *funk*

A partir do material produzido pelos alunos durante a realização da atividade seis, nos foi possível fazer uma seleção dos itens lexicais e, para isso, consideramos dois aspectos: a ocorrência desses itens lexicais nas seleções feitas pelas equipes e o uso destes dentre os alunos, em situações interacionais da língua. Desta forma, podem aparecer palavras e expressões citadas apenas por uma das equipes, mas que, no entanto, faz parte do universo linguístico dos alunos corriqueiramente, cuja a comprovação desta situação ocorreu durante a realização da atividade seguinte, a sete. Ademais, um outro ponto importante de ser ressaltado é que o significado atribuído pelos alunos a esses termos não considerou somente as letras de música correspondentes, mas sim o contexto sociolinguístico como um todo; isso quer dizer que há

casos em que a palavra ou expressão usada na música pode apresentar um significado diferente daquele que é usado pelos alunos em seus ciclos comunicativos.

A seguir, apresentaremos uma tabela com as palavras e as expressões selecionadas pelas equipes, acrescida do quantitativo de equipes que fizeram a seleção do mesmo item lexical e seus respectivos significados por elas atribuídos. Na última coluna, colocamos ainda a possibilidade de outros significados, para os casos em que os aprendentes ressaltaram distinções de sentidos dos itens lexicais empregados nas letras musicais em relação aos sentidos utilizados por eles. Destacamos ainda que, por termos como parte do *corpus* os apontamentos feitos pela pesquisadora durante a realização da atividade sete, é possível que alguns significados transcritos tenham sido falados pelos alunos e não estejam escritos nos instrumentais anexados ao final desta pesquisa. Assim, segue a tabela:

Quadro - Itens Lexicais e seus respectivos significados

Léxico selecionado Palavras e/ou expressões	Equipes que citaram	Significado atribuído ao contexto da letra musical onde está inserido	Significado ampliado ao contexto social do aluno
“Tem que ser persistente, otimista e braço forte ”	2	Pessoa leal, amigo verdadeiro	-
“ Moleque zica tá treinado mesmo com pouca idade”	7	Menino bem vestido, que tem estilo próprio	-
“Hoje tão forgando e dando volta de camarão”	5	Cheio de dinheiro	-
“mais as mina vacila”	6	Menina, garota	
“Meu parça já tive algumas mina feia”	3	Amigo	Companheiro de “paradas ¹⁷ ”
“É o jx boladão ”, “agito na pureza boladão ”, “vou mandando boladão ”	4	Surpreso, confuso, com raiva	Cismado, desconfiado
“Mais sem esculachar ninguém”	4	Falar mal, desmoralizar	
“Enquanto outros tão ali na ilusão da marola ”	6	Sob efeito de drogas (maconha)	
“Vejo vidas sendo destruídas por causa de uma pedra ”	2	Droga (craque)	Obstáculo, algo que coloca dificuldade
“realidade do mundão ”	2	Referindo-se à região das periferias	
“Hoje o bonde deu o papo”	3	Grupo de amigos	
“Hoje o bonde deu o papo ”	7	Falou, avisou, esclareceu, aconselhou	
“ Brizou na minha XJ”	7	Gostou, encantou	

¹⁷ O termo “parada” foi utilizado pelo próprio aluno e tem como significado ação de praticar crimes.

“Quer andar de meiota ”, “Tá olhando pra meiota ”	5	Moto	
“Quer esticar pro rolê ”	4	Sair para festas	
“ Fica ciente que o negócio aqui é quente “	3	Ficar sabendo, ficar esperto	
“Tá gamadinho na minha treta ”	6	Apaixonado, gostando de alguém	
“Tá gamadinho na minha treta ”	5	Gostou do namoro, pegada, relativo ao ato sexual	Briga, confusão, problema “Isso vai dá treta ”
“Se eu digo não, já beicinho , quase chora”	3	Ficar chateado, triste	
“Evoluiu! Ritmo agressivo , 150 fluíu”	3	Música com batidas muito fortes	
“Vai, brisa na vibe do Kevin O Chris” “Elas viajando e brisando no meu som” “elas brisando na rima”	6	Gosta da música, curtir o ritmo	
“Do tamborzão que te faz mexer”	2	Som muito forte e alto	
“Fim de semana é de lei”	3	Algo que é certo de acontecer	Algo que acontece com frequência. “Ficar na pracinha já é de lei”
“Que os cria vai ficar suave”	4	Garotos da favela, traficantes, criminosos	
“Que os cria vai ficar suave ”	2	Ficar tranquilo	
“Pra soltar couro de verdade”	2	Música boa, que agrada aos jovens da favela	
“Se envolveu com os cria certo e é só catucadão ”	3	Referente ao ato sexual, saber envolver amorosamente outro alguém	
“Nós vai pra baixada andar de submarino”	3	Favela, festa privada	
“Nós vai pra baixada andar de submarino ”	2	Carro do ano	
“Eu tô na pista ”	2	Condição de estar solteiro	
“Nosso bonde é pesadão de foguete espacial”	2	Forte, legal, importante	
“Nosso bonde é pesadão de foguete espacial ” “E hoje é a garupa do meu foguetão ”	1	Motocicleta de grande porte, moto potente que chama a atenção	
“Se liga aí moleque” “Se liga comédia ”	2	Ficar esperto, atento	
“Se esse vídeo não bombar ”	2	Ficar conhecido, famoso	
“Você não manja nada”	6	Saber, mandar	
“Eu tô ostentando mais do que o Eike Batista”	2	Curtindo com muito dinheiro, aparecendo gastando muito dinheiro	

“Mais sem neurose , sem k.o. ”	5	Sem mentiras, pensamentos ruins	
“Mais sem neurose , sem k.o. ” “Liberdade sem k.o. ”	2	Mentiras	
“Eu trago toda a real ”	2	Verdade	“Me bateu toda a real ” Me contou toda a verdade
“Esse é o papo reto ”	3	Ser direto, falar às claras, diretamente	
“Humildemente no Brindão ”	4		Estilo de vida de pessoa rica
“não é de mancada ”	3	Errado, bobagem	
“Pena que o lance dela é só um pente e rala”	2	Ideia, conversa, atitude	“Que lance é esse, véi”
“Pena que o lance dela é só um pente e rala”	3	Coisa passageira, de momento	
“Pena que o lance dela é só um pente e rala ”	3	Ir embora rápido	
“Porque amou demais um leque ”	3	Redução da palavra moleque, garoto	
“Pra ficar sussy ”	4	Ficar tranquilo	
“Elas viajando e brisando no meu som”	3	Gostando, aproveitando, pensando algo sem sentido	Estar sob efeito de drogas
“tô com beck na mão”	3	Cigarro de maconha	
“portando um 3 oitão ”	3	Revólver calibre 38	
“tô fumando do verde ”	4	Maconha	
“A nave nós que domina”	2	Moto, carro	
“Que sempre fechou comigo”	3	Estar ao lado, formar parceria	
“E hoje quer colar ”	4	Ficar junto, fazer amizade	
“Mas se eu moscar age igual inimigo”	2	Não estar atento, vacilar	

Fonte: Elaboração Própria

Dentre palavras e expressões, foram cinquenta e cinco itens listados pelos alunos e apresentados aqui por nós. Reafirmamos que todos esses itens lexicais partiram das letras de músicas do gênero *funk* dispostas nesta pesquisa e que são utilizadas no cotidiano pelos próprios aprendentes. No entanto, a alguns destes vocábulos daremos maior relevância, por se tratarem de elementos imprescindíveis para o nosso estudo do léxico. Analisaremos a seguir, os itens lexicais considerando seus processos formativos e variacionais e suas marcas de identidades socioculturais.

4.2 Dos processos formativos e variacionais

Ao refletirmos sobre os diversos processos formadores de uma língua e suas variações destacamos, para efeito desta pesquisa, o estrangeirismo e o neologismo como foco de aprofundamento das nossas observações, haja vista haver vários outros processos envolvidos na evolução linguística de uma comunidade. A prática de usar termos de uma outra língua em nossa língua materna já não é novidade, sobretudo quando esse empréstimo vem da língua inglesa. As letras musicais já se utilizam muito desse recurso e com as do gênero *funk* não é diferente e, uma vez tomada por empréstimo, tornam-se imprevisíveis os rumos que um termo ou expressão poderá tomar (FARACO, 2001, p.133).

Para iniciarmos nossa análise, focaremos nosso olhar no estrangeirismo. Como já explicado anteriormente, esse processo corresponde ao ato de “pegar” um item lexical de outra língua e passar a utilizá-lo na nossa, podendo manter ou não o sentido original dele. Dentre os itens citados por nossos alunos, podemos destacar a palavra “*beck*” que é uma variante, uma abreviação, para sermos mais específicos, do termo inglês “*beckon*” e que significa “*sinalizar um pedido com a cabeça*” ou “*fazer um aceno*”¹⁸, mas no contexto linguístico das letras musicais do *funk* e das periferias de Fortaleza essa palavra ganhou um outro sentido bem peculiar: “*cigarro de maconha*”; de maneira tal, torna-se possível a comprovação da afirmação de Biderman (1998, p.98) ao dizer que “A não-equivalência semântica entre os signos lingüísticos de duas ou mais línguas é o mais eloqüente exemplo de como cada língua recorta o universo cognoscível à sua maneira, na criação de seu repertório lexical”. Ainda aqui, podemos acrescentar casos de palavras importadas do inglês que, por diversas razões socioculturais, mantêm-se sendo usadas sem perder totalmente sua marca linguística de elemento estrangeiro, como é o caso da palavra “*vibe*” que aparece na expressão “*brisa na vibe*”; neste caso, o termo advindo do inglês tem como tradução “*atmosfera*” ou “*energia*”. Neste cenário linguístico, o signo se manteve tanto em significado quanto em pronúncia ao universo reportado; assim que, dentre os alunos, tal vocábulo foi pronunciado /vaibi/ e reafirmado quando à significação da mesma forma que o termo em inglês. No entanto, houve relatos de alguns discentes afirmando que, por vezes, tal vocábulo é utilizado significando um estado momentâneo de prazer relacionado ao uso de entorpecentes.

¹⁸ Todos os significados dos termos em língua inglesa foram pesquisados no dicionário eletrônico: Dicionário infopédia de Inglês - Português [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020.

Chamamos atenção ainda para o item lexical “k.o”. O /caô/ trata-se de uma abreviação advinda de outro termo inglês - “*knockout*”, muito utilizado especialmente nos meios de lutas de boxe e apresenta o sentido de “*derrota*”; mas que, no universo das gírias cariocas, passou a significar “*mentira*”. Observemos assim, que o processo analisado aqui, o estrangeirismo, afirma-se tal como descreveu Faraco (2001, p.133) ao ressaltar que “os falantes poderão ainda criar, com elementos de outra língua, palavras inexistentes nela como *shopping (center)*, desconhecida como tal dos falantes de inglês (com essa significação específica), que denominam esse tipo de centro comercial de *mall*”, como o ocorrido com a palavra “k.o”, analisada acima.

Outro processo comum ao meio linguístico observado por nós nesta pesquisa foi o neologismo; nesse ínterim, consideremos as observações de Barbosa (1979) por nos fornecer distintas vertentes para nossa análise. A principiar pelo neologismo que “pode decorrer de uma alteração no significado, conservando-se o mesmo significante” (BARBOSA, 1979, p.166), como é o caso observado com a palavra “*mina*”. Essa palavra apresenta significado comum nos dicionários de língua portuguesa como sendo um “*depósito subterrâneo de minério precioso*”¹⁹, mas teve seu sentido modificado para nossos jovens, uma vez que foi gerado a partir da redução da palavra “*menina*”, tem seu significado mantido à palavra geradora “*menina*” e não ao termo primeiro “*mina*”. Barbosa (1979) conclui evidenciando que tal mecanismo acaba por gerar aquilo que identificamos como polissemia ou homonímia, ou seja, uma mesma palavra ou expressão apresenta múltiplos sentidos.

Caso semelhante acontece com a palavra “*pente*” que aparece em nosso dicionário comum como um substantivo que retrata um “*objeto usado para pentear os cabelos*”. Já no contexto empregado nas letras de *funk* analisadas, tal palavra não só muda de sentido passando a designar “*algo momentâneo ou passageiro*”, como também tem alterada sua classificação morfológica, deixando de ser um substantivo para ser um advérbio. Outro exemplo desse processo ocorre com a palavra “*bonde*” que foi dicionarizada significando “*veículo movido a eletricidade que se desloca sobre trilhos para o transporte de passageiros nas zonas urbanas e suburbanas*”, mas que para os jovens da nossa periferia passou a significar “*grupo de amigos*”. Observamos ainda o mesmo recurso ocorrendo com as palavras “*nave*” e “*submarino*”, ambas significam, respectivamente, “*veículos de locomoção aérea e aquática*”; mas que, no cenário

¹⁹ Todos os significados dos termos em língua portuguesa aqui apresentados foram pesquisados no dicionário eletrônico: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>

linguístico estudado, ganharam um significado limitado à “*veículos de locomoção terrestre e de grande valor econômico*”, mais claramente, “*motos e carros de luxo do ano*”.

Além disso, verificamos ainda o neologismo que decorre de uma alteração no significante através do acréscimo do sufixo *-ão*, geralmente empregado em nossa língua para atribuir a uma palavra uma ideia de aumentativo ou intensidade, e que em determinadas situações, pode ocasionar na mudança de significado. Foi o caso das palavras “*boladão*”, empregada para designar que um indivíduo estar “*pensativo ou com muita raiva*”; “*mundão*” referindo-se ao “*ambiente restrito das periferias*” ou ainda remetendo-se à “*situação*”, como quando empregado à expressão “*mundão girou*”. “*Tamborzão*” que diferentemente do que poderíamos imaginar não designa um “*tambor grande*”, mas sim “*o som muito forte e alto do funk*”; e, por fim, “*brindão*” que não se trata de “*um brinde grande ou longo*”, como poderíamos pensar, e sim de “*um estilo de vida confortável e ostentado*”. Destacamos ainda a expressão “*3 oitão*”, escrita através da combinação do algarismo três e do aumentativo do numeral oito, utilizada para referir-se a “*revólver de calibre 38*” e que, ao agregar a partícula de aumentativo, destaca a ideia de imponência dada a um indivíduo que porta uma arma de fogo.

Por fim, salientamos a expressão “*ficar sussu*” que não apresenta uma origem definida nem em nossa língua, nem na língua inglesa, já que a língua inglesa tem servido de base para tantos outros neologismos surgidos em nossa língua portuguesa. Assim que, a expressão utilizada por seus falantes para dizer que alguém “*estar tranquilo, sem preocupações, ou ainda, estar sob efeito de drogas*” seria uma expressão totalmente inusitada e decorre

[...] da criação de um novo signo; será uma criação *ex-nihilo* que não recorre a bases lexêmicas ou morfemas gramemas já existentes no código, embora o signo criado tenha de se adaptar as estruturas fonológicas permitidas pelo código linguístico e, ao ser formado, deva necessariamente conter os formantes (morfemas gramaticais) exigidos pela classe sintático-semântica a que for integrado (BARBOSA, 1979, p. 165 e 166).

Todos esses casos de estrangeirismos e neologismos citados aqui, não se encontram formalizados do ponto de vista da língua portuguesa, não podendo ser encontrados nos dicionários convencionais e que, portanto, por hora, configurar-se-ão como gírias; por se dizer, uma linguagem própria e específica a um grupo limitado de pessoas.

Além dos estrangeirismos e neologismos até aqui destacados, levamos em consideração o poder que uma palavra pode ter de identificar o espaço ao qual um sujeito pertence apenas por sua linguagem, uma vez que “o repertório lexical que manejamos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento aos grupos onde

tecemos nossa identidade” (ANTUNES, 2012, p. 46), e pontuar essas marcas de identidades socioculturais presentes nos termos linguísticos, selecionados por nossos aprendizes, através de suas relações semântico-pragmáticas será nosso próximo passo.

4.3 Das marcas de identidade socioculturais

Para efeito de complementação da nossa análise, abordaremos agora um outro aspecto que detém tanta importância de observação quanto os pontos já mencionados anteriormente, pois as relações semântico-pragmáticas são inatas ao processo de seleção lexical e recaem diretamente nos seus propósitos e nos seus efeitos, como nos afirma Antunes (2012) ao pontuar:

Pensar ‘nos efeitos decorrentes da escolha das palavras’ é reconhecer que, em um texto, uma palavra expressa mais que um sentido; ela serve também à expressão de uma intenção, de um propósito (às vezes, mais de um!), em função de que determinadas palavras (e não outras) são particularmente escolhidas (ANTUNES, 2012, p. 43).

Deste modo, ganha notoriedade em nossa análise a ênfase dada pelos alunos (e que também observamos estar presente nas letras musicais) aos elementos do universo ilícito referenciados pela quantidade de palavras e expressões usadas que remetem a esse domínio linguístico. Itens lexicais que fazem uma apologia, clara ou velada, ao uso de entorpecentes como “marola”, “pedra”, “chazinho”, “fumaça bem prensada”, “fumando do verde”, “na vibe”, “beck”, “ficar sussu” e “viajando”, aparecem com frequência nas mais diversas letras de músicas de *funk* e são reproduzidas pelos jovens. Fica assim perceptível, dentre as palavras analisadas do universo linguístico da nossa pesquisa, a intensificação dada ao uso de drogas; o que para nós refletiria um estímulo para tal prática, ou no mínimo, uma banalização de tal ato, uma vez que seria algo comum nesse contingente linguístico.

Em 2010, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas (CEBRID) realizou um levantamento sobre o uso de substâncias psicoativas entre estudantes de ensino fundamental (8º e 9º ano) e médio (1º a 3º ano) da rede pública e privada de ensino de todo o país. A pesquisa contemplou as 27 capitais brasileiras e o Distrito Federal, totalizando uma amostra de 50.890 estudantes, sendo 31.280 da rede pública de ensino e 19.610 da rede particular. Destes, o total de estudantes com relato de *uso no ano*²⁰ de qualquer droga (exceto álcool e tabaco) foi de 9,9%

²⁰ Grifos do autor

para a rede pública e 13,6% na rede particular. Já sobre as drogas mais citadas pelos estudantes, as bebidas alcoólicas e o tabaco, aparecem totalizando o *uso no ano*, respectivamente, de 42,4% e 9,6%. Em relação às demais, para *uso no ano*, contabilizou-se: inalantes (5,2%), maconha (3,7%), ansiolíticos (2,6%), cocaína (1,8%) e anfetamínicos (1,7%). Mas o ponto que merece uma atenção especial em nossa pesquisa recai sobre o fato de que, muito embora no cenário nacional tenha sido percebido um decréscimo quanto uso de entorpecentes entre os jovens, comparado a estudos anteriores; em Fortaleza, mais especificamente, houve o movimento inverso, pois na comparação entre os seis levantamentos anteriores (1987, 1989, 1993, 1997, 2004 e 2010), notou-se a tendência de crescimento do uso na vida dos jovens de maconha e cocaína. Não pretendemos com isso afirmar que os jovens brasileiros (em destaque os da cidade de Fortaleza) que gostam de ouvir *funk* sejam um potencial ao uso de drogas. No entanto, é no mínimo evidente a sutil relação entre esse estilo musical e a banalização do uso de narcóticos.

Outro detalhe que pudemos observar são as referências marcantes a um mundo glamoroso e cheio de ostentações desenhado nas citadas letras. Palavras como “*foguete e foguetão*” e “*submarino*” para referir-se, respectivamente, a “*moto potente*” e “*carro do ano*” revelam a forte atenção dada a objetos de grande valor material. Nesse mesmo viés, aparece o uso de metonímias ao substituir o nome de objetos como *moto, bebidas, relógios*, etc., por suas respectivas marcas, dada a importância socioeconômica que tais marcas ganharam na sociedade. Mesmo que não tenha sido registrado nos instrumentais dos alunos a ocorrência dessas metonímias de maneira representativa e destacada, durante a realização da atividade sete ocorreram relatos afirmando que tão comportamento linguístico se confirma, como as que aparecem representadas em algumas letras analisadas: “*Brizou na minha XJ*” e “*gostou da minha CB*” em que aparecem os nomes das marcas automobilísticas “*XJ*” e “*CB*” para substituir a palavra “*moto*”. Ou como ocorre em “*estou a Chandon, brinda que elas vem*” em que o nome de uma famosa marca de bebidas é citada em substituição da palavra “*champanhe*” que seria o produto referido. Com isso, objetivamos enfatizar a valorização dada a objetos e marcas de grande prestígio social e que, muitas vezes, não correspondem ao padrão socioeconômico dos jovens das periferias, haja vista “desde os sentidos e intenções a serem expressos até a natureza dos espaços e eventos sociais em que a atividade discursiva se insere, tudo é determinante para a seleção das palavras (ANTUNES, 2012, p. 53); e que através delas (as palavras) a realidade linguística pode interferir na realidade social, manipulando-a de tal maneira a modificar comportamentos. Assim, não seria difícil ouvir relatos de situações em que nossos jovens teriam

sofrido algum tipo de rejeição social, em uma entrevista de emprego, por exemplo, apenas por sua forma de falar.

Deste trabalho de coleta e análise lexical, resultou um pequeno glossário elaborado, apresentado e distribuído por nossos alunos à comunidade escolar:

GLOSSÁRIO PRODUZIDO PELOS ALUNOS

 Se liga aí, galera! Bater a real - dizer a verdade Beque - cigarro de maconha Boladão - desconfiado, cismado, surpreso Bombar - ficar conhecido, famoso Bonde - grupo de amigos Braço forte - aquele que é leal, amigo Brisa na vide - gostar, curtir Brizou - gostou Catucadão - saber envolver amorosamente Celar - ficar junto Couro - música que agrada a todos	Deu o pape - falou, avisou É de lei - algo que acontece com frequência Esculachar - desmoralizar, insultar Geticar pro molô - ir pra festa Fechar - fazer acordo, estar junto Ficar ciente - ficar esperto, ficar sabendo Ficar suave - ficar tranquilo Ficar sussu - ficar tranquilo Foguete - problema Foguete espacial - motocicleta de grande porte Forgando - cheio de dinheiro Gamadinho - apaixonado K.o. - mentiras Lance - ideia, conversa Leque - moleque Mancada - erro, deslize Manjar - saber	Marola - sobre efeito de drogas Meiote - motocicleta Moleque zica - garoto que tem estilo próprio Moscar - não estar atento, estar de vacilo Nave - carro ou moto de alto valor Os cria - garoto de favela, criminosos, traficantes Ostentando - exibindo ter dinheiro Pape reto - falar diretamente, ser franco Parça - companheiro, amigo Ralar - sair rapidamente Se liga aí - fica atento Sem neurose - sem mentiras, falsidades Submarino - carro do ano Tá na pista - tá solteiro Tamborzão - música alta com ritmo forte Treta - problema, confusão
--	---	--

Fonte: Elaboração Própria

A seguir, apresentaremos a conclusão de nosso trabalho e nela discutiremos sobre nosso aprendizado, nossas falhas e nossos legados ao realizar esta pesquisa. Além disso, apresentaremos sugestões para futuras pesquisas que estejam vinculadas à nossa abordagem contextual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar pra trás após uma longa caminhada pode fazer perder a noção da distância que percorremos, mas se nos detivermos em nossa imagem, quando a iniciamos e ao término, certamente nos lembraremos o quanto nos custou chegar até o começo ontem. [...]

(Guimarães Rosa)

Os alunos de escolas públicas enfrentam diversas barreiras diárias que dificultam seu acesso à escola e sua permanência nela. Como se não fosse suficiente, tais barreiras impactam diretamente no processo de ensino-aprendizagem deles, culminando em deficiências de conteúdos que serão levadas por toda sua vida acadêmica; falhas estas que, possivelmente, serão perceptíveis através de problemas relacionados às habilidades de leitura e de escrita. Fato triste revelado por diversas pesquisas em todo o país mostram o déficit de aprendizagem sofrido por nossos alunos, ainda nos dias atuais; pois, embora consigam chegar aos anos finais da educação básica, não conseguem desenvolver suas práticas linguísticas de leitura, interpretação textual e escrita em conformidade com seu nível etário ao qual está inserido.

Tais dificuldades também atingem diretamente o trabalho docente, somados aos baixos salários, às péssimas estruturas escolares e os ínfimos investimentos na educação pública acabam por gerar baixos índices de rendimentos escolares. No cenário político brasileiro, discussões de planos de implementação e desenvolvimento de políticas educacionais e melhoria da qualidade do ensino do país até entram em pauta, mas dada a lentidão dos processos não acompanham as necessidades de uma sociedade tão frenética e globalizada. Assim, nesse processo de ensino-aprendizagem, professores e alunos precisam ser verdadeiros malabaristas, a fim de driblar as inúmeras dificuldades e alcançar o sucesso de toda atuação didática.

Em meio a tudo isso e, a partir de nossas experiências docentes, nos instigamos a compreender a forma como os nossos alunos se comunicavam na tentativa de nos fazer entender e de entendê-los também, favorecendo desta forma uma comunicação mais eficiente, sem ruídos ou preconceitos. À vista disso, nosso trabalho objetivou coletar e analisar itens lexicais comuns a algumas músicas do gênero *funk* e, ao mesmo tempo, inseridos no cotidiano de um grupo de alunos de 9º ano de uma escola pública situada na periferia de Fortaleza. Nesse cenário, nossas inquietações revelaram-se positivas para o ensino da língua portuguesa, mais especificamente, no trabalho com o ensino do léxico, pois, assim como os direcionamentos sobre o ensino da língua nos documentos oficiais, PCN, BNCC e PNLD, nosso trabalho aborda o ensino do léxico

sob uma perspectiva pragmática, funcionalista e sociointeracionista da língua, ou seja, o léxico em uso.

Acontece que embora já tenhamos orientações mais concretas sobre como ensinar a LP, o ensino do léxico ainda permanece ancorado a práticas antigas que prendem as palavras a um sentido ilhado, sem que haja qualquer relação delas ao meio onde elas se realizam. Pensamos então, que nosso trabalho trouxe importantes contribuições a esse respeito, à medida que apresenta uma proposta de ensino do léxico e análise vocabular contextualizados à realidade de nossos alunos. Levando em conta os pressupostos teóricos sobre o léxico e seu ensino, focamos em desenvolver um trabalho mais prático e de fácil execução nas salas de aulas das escolas públicas, haja vista as múltiplas problemáticas que fazem parte do cotidiano escolar brasileiro.

Acreditamos que nossa pesquisa cumpriu sua função principal, já que instigamos reflexões sobre o emprego adequado da linguagem em situações diversas de uso dos alunos, inerentes tanto ao ambiente escolar quanto fora dele. Assim, em concordância a Bagno (2007, p.130), cremos que “usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequabilidade e o da aceitabilidade” e, deste modo, poderemos minimizar ruídos da comunicação e ocorrências do preconceito linguístico. Ademais, foi possível desenvolver uma reflexão junto aos alunos sobre os termos levantados, levando em conta a realidade em que esses mesmos termos foram utilizados. Vale destacar que o contexto foi elemento determinante para ajudar na análise, já que muitos vocábulos estão diretamente ligados ao universo da violência urbana, realidade comum às periferias das grandes cidades como Fortaleza. Estimular a reflexão por parte dos discentes sobre como e quando usar as palavras fez parte de toda nossa proposta de trabalho, já que as palavras são “como lugares comuns da nossa categorização do mundo, denunciam os mitos, os medos e as esperanças que nos envolvem” (VILELA, 1999, p.94) e, portanto, plausíveis de pré-julgamentos.

Outro aspecto de grande relevância de nossa pesquisa foi a escolha de desenvolver as atividades como parte de um processo maior, a ação, que levou em consideração não só a realização das tarefas pelos alunos, mas também o aprendizado destes em um movimento contínuo e cíclico, ancorado na proposta de ação de Tripp (2005), direcionando o aprendente ao ponto inicial, porém, a cada volta, mais embasados, sob o ponto de vista teórico, para compreender e interpretar com mais clareza as situações mostradas a priori. Dada a dinamicidade e a instabilidade de nossa língua, o enfoque que demos ao ensino do léxico ligado a um gênero textual que agrada a maioria dos sujeitos envolvidos nesse processo, as letras de *funk*, foi ponto chave para despertar o interesse dos alunos.

De tal maneira, entendemos que nossos objetivos de pesquisa foram contemplados, uma vez que conseguimos atingi-los na totalidade: a) conseguimos coletar 55 itens lexicais utilizados por nossos alunos e pertencentes também às letras musicais analisadas; b) identificamos os principais processos formativos e variacionais desses itens lexicais, o neologismo e o estrangeirismo; c) analisamos os elementos demarcadores de identidade socioculturais e que, possivelmente, seriam geradores do preconceito linguístico sofrido por nossos alunos. Isto posto, acreditamos ter alcançado a todos os nossos objetivos de pesquisa.

Sabemos que o léxico constitui um rol de possibilidades linguísticas que estão disponíveis aos falantes de uma língua. Ele vive num constante movimento de transformações e de renovações em que vocábulos aparecem, desaparecem e reaparecem; podem ter seus sentidos modificados ou reiterados, a depender da utilização que os falantes fazem de sua língua. Assim, o léxico se renova e se amplia à mercê das relações sociointeracionistas que, ao mesmo tempo que as limita também é limitado por elas, num jogo em que “os sentidos e intenções a serem expressos até a natureza dos espaços e eventos sociais em que a atividade discursiva se insere, tudo é determinante para a seleção das palavras” (ANTUNES, 2012, p.53). Colocamos em prática, então, atividades que pudessem ajudar nossos alunos a compreenderem esse movimento inerente à língua e que facultasse a eles o uso mais consciente da linguagem, já que quando interagimos fazemos uso das palavras não só por seus significados, mas também pelas intenções de fala do enunciador e nossas escolhas lexicais constituem verdadeiras marcas de uma identidade social (ANTUNES, 2012, p.46). Despertar o uso consciente da língua foi um dos propósitos desse trabalho e achamos tê-lo alcançado.

Outro ponto que observamos ter sido de grande valia foi quanto à realização da última atividade proposta nesta pesquisa, elaboração do glossário, que, muito embora não tenha sido o alvo principal do nosso trabalho, revelou-se também muito positiva, uma vez que os alunos foram levados a produzir, ainda que de maneira simples, o gênero textual verbete. Nesse aspecto, a competência escrita do verbete foi avaliada de forma positiva, principalmente por fazer uso de textos multimodais em ambiente digital, e isso proporcionou aos alunos uma atividade mais prazerosa já que foi realizada num espaço que lhes é afeto. Fica aqui a observação para que, em uma aplicação desta ação a posteriori, outros professores possam dar um enfoque melhor a atividade 8(oito), por se tratar de uma proposta de atividade bastante atual e enriquecedora para o ensino do léxico. Deste modo, a reaplicação poderia aprofundar e detalhar melhor a elaboração do verbete, conferindo ao aluno um melhor embasamento técnico sobre a construção desse gênero textual, especificamente, agregando à atividade as ferramentas

multimodais tão em voga na atualidade para as aulas em geral. Reconhecemos que neste ponto em específico nosso trabalho foi falho, uma vez que a atividade da elaboração de um glossário requeria um enfoque de maior destaque.

Findamos aqui concluindo que nossa pesquisa trouxe importantes contribuições tanto para a escola, enquanto ambiente formador, quanto para nós, enquanto profissionais do ensino. Assim, no que tange à escola, ela deve estar em constante evolução para acionar mecanismos didáticos que proporcionem ao aluno uma aquisição de conhecimento em situações que envolvam os saberes trazidos pelos discentes aos saberes apreciados pela escola, favorecendo o desenvolver de um olhar crítico e uma reflexão comunicativa por parte dos aprendentes. Já no que tange a nós, profissionais do ensino e agentes pesquisadores, tal trabalho trouxe avultosos aprendizados, haja vista a transformação profissional e pessoal que ela nos proporcionou, nos fornecendo mais aprofundamento teórico e nos fomentando a ampliar a pesquisa aqui realizada.

Reiteramos ainda, a necessidade da escola brasileira de reformular suas práticas didáticas para que se tornem mais atuais e coerentes à realidade social do aluno, permitindo assim que este se sinta parte do processo de ensino-aprendizagem e que compreendam o objetivo das atividades as quais são submetidos, inserindo-o em todo ciclo de construção do saber; e desta maneira, levá-lo a refletir sobre sua realidade e a sentir-se parte enquanto agente transformador desta realidade. Por fim, almejamos que outros profissionais da educação anseiem a expandir o ensino do léxico, no intuito de ampliar e aprofundar os pontos que não foram favorecidos por nossa pesquisa.

6 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. de. **Ensinar português?**. In GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Anglo, 2014.

ALVAREZ, Teodoro. **Didáctica del texto en la formación del profesorado**. Madri: Síntesis, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **[A Palavra]**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EH0A30jZ4yo>>. Acesso em: set de 2019.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Transposição didática de gêneros discursivos: algumas reflexões. **Desenredo**, Passo Fundo, v. 6, n. 2, p. 198-214, jul./dez. 2010.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico** – o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

BAGNO, M. **Norma linguística**. São Paulo: Loyola, 2001.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007

BAGNO, M. Norma linguística, hibridismo & tradução. **Revista Traduzires 1** –Maio 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** / Mikhail Bakhtin [tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. — 2º ed. — São Paulo. Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. (1ª edição). 176p.

BARBOSA, Mara Aparecida. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. Caderno de Terminologia, 1. p. 23-46.

BARBOSA, Maria Aparecida. Grupo de Trabalho de Lexicologia e Lexicografia do XXXV Seminário do GEL – Apresentação”. In : Estudos Linguísticos XVII. **Anais de Seminários do GEL**. São Paulo, USP/GEL, 1989.

BARBOSA, Maria Aparecida. Aspectos Semânticos da Produtividade Léxica. **Língua e Literatura**, nº 8, p.165 – 183, 1979.

BARBOSA, M. A. — “Aspectos da dinâmica do neologismo” In: **Língua e Literatura**, nº 7, São Paulo, FFLCH-USP, 1978, pág. 185-208.

BATISTA, Marcelo. **[Preconceito Linguístico na redação do Enem]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LXtca9UKPPs>>. Acesso em: ago de 2019.

BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Condições para aquisição de vocabulário**. In: 8º Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, 1998, São Paulo. Caderno de Resumos. São Paulo: PUC-SP, 1998. v. 1. p. 81-82.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas**. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 2, p. 81-118, 1998.

BIDERMAN, M. T. C. **Léxico e Vocabulário Fundamental**. Alfa, São Paulo, v. 40, p. 27-46, 1996.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>> acessado em 14 de jan de 2019 às 09h00min.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental. MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Com direito à palavra: dicionários em sala de aula** / [elaboração Egon Rangel]. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

BUTTI, Cassiano. **Léxico e cognição: as representações de mundo por meio de designações infantis**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007, p. 161.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.

CEBRID - Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. **VI Levantamento Nacional sobre o Consumo de Drogas Psicotrópicas entre Estudantes do Ensino Fundamental e Médio das Redes Pública e Privada de Ensino nas 27 Capitais Brasileiras**. UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo 2010. SENAD - Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas, Brasília – SENAD, 2010. 503 p.

CHEVALLARD, Yves. **La Transposicion Didactica: Del saber sabio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique, 1991.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 16. ed. São Paulo: Ática, 2007.

COMITÊ CEARENSE PELA PREVENÇÃO DE HOMICÍDIOS NA ADOLESCÊNCIA. Cada Vida Importa. Relatório Final. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará; Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, UNICEF, Instituto OCA, 2018. Disponível em https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_final.pdf. Acesso em 19 ago. 2019.

DIAS, M.P. de Lima. **Organização de critérios para registro de termos**. [S.L.] 2005, p. 201-218.

Dicionário infopédia de Inglês - Português [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. [consult. 2020-07-20 14:28:50]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/ingles-portugues/vibe>

DURAN, Guilherme Rocha. As concepções de leitura e a produção do sentido no texto. **Revista Prolíngua** – ISSN 1983-9979. Volume 2, número 2 – Jul./Dez. De 2009.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Estrangeirismo: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. Empréstimos e neologismos: uma breve visita histórica. In: **Revista ALFA**. São Paulo, 2001, p. 131-148.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **Introdução à semântica de contextos e cenários: de la langue à lá vie**. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FROMM, G. Obras Lexicográficas e Terminológicas: definições. *Revista Factus*, Taboão da Serra, n. 2, 2004.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2002.

GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 1 ed. São Paulo: Anglo, 2014.

GÓMEZ MOLINA, J. R. (2004c). Las unidades léxicas en español, **Carabela**, 56: 27- 50.

GUERRA, Míriam Martinez, ANDRADE, Karylleila de Santos. O léxico sob perspectiva: contribuições da lexicologia para o ensino de línguas. **Domínios de Linguagu@gem. Revista Eletrônica de Linguística**, v.6, n.1, p. 226-241, 2012.

HASSUM, Leandro. **[Nós na fita – Falar difícil]**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I_AW8nUTWVI>. Acesso em: set de 2019.

HENRIQUES, C.C. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do Léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2002.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. 2ª edição, São Paulo: Contexto, 2011.

ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (2007). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

KRIEGER, Maria da Graça. Dicionários escolares e ensino de língua materna. **Estudos Linguísticos**. São Paulo: v. 41, p. 169-180, 2012.

KRIEGER, Maria da Graça. Heterogeneidade e dinamismo do léxico: impactos sobre a lexicografia. *Confluência*, n. 46, p. 323-334, 2014.

KRUG, Flávia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. *REI. Revista de Educação do IDEAU*, v. 10, p. 1-14, 2015.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LEFFA, Vilson J. **Perspectivas no estudo da leitura: Texto, leitor e interação social**. In:

LEFFA, Vilson J.; PEREIRA, Aracy E. (Orgs). **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas, RS: Educat: 1999.

LEITE, Marli Quadros. **Preconceito e intolerância na linguagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Minha Faculdade [Linguística: Significado e Significante]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UvM4HPapnRk>>. Acesso em: ago de 2019.

NERUDA, Pablo. [A Palavra]. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PBKnmANUP8M>>. Acesso em: set de 2019.

PAIVA, J. **A construção de relações de sentido no processo de utilização de hipônimos e hiperônimos por alunos do ensino fundamental** [Internet]. 2009.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é, como se lê**. Fortaleza: Ed. UECE, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

FROMM, G. Obras Lexicográficas e Terminológicas: definições. **Revista Factus**, Taboão da Serra, n. 2, 2004.

RANGEL, E. O; BAGNO, M. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2006.

REGINA, Gisele. [Vídeo Aula – Preconceito Linguístico]. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=j6r7cZQG-6w>. Acesso em: ago de 2019.

ROMERO, Márcia. Gramática operatória e ensino do léxico em língua portuguesa: fundamentos para uma prática reflexiva. **Estudos Linguísticos/Linguistic Studies**, 5, Lisboa, Edições Colibri/CLUNL, p. 339-352, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 28ª. ed. - São Paulo: Cultrix, 2012.

SEIDE, M. S.; HINTZE, A.C. O ensino do léxico na disciplina de Português – língua materna, no ensino fundamental brasileiro. **Linguagem & Ensino**, v.18, n.2, p. 403-424, 2015.

SEIDE, Márcia Sipavicius; HINTZE, Ana Cristina. O ensino do léxico na disciplina de português—língua materna, no Ensino Fundamental brasileiro. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 18, n. 2, p. 403-424, 2016.

SILVA, A. S. Palavras, significados e conceitos: o significado lexical na mente, na cultura e na sociedade. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição**, v.41, p.27-53, 2010.

SIVERIS, D.; PETRI, V. O dicionário e a sala de aula: possíveis relações. In: PETRI, V. **Um outro olhar sobre o dicionário: a produção de sentidos**. Santa Maria: UFSM, PPGL-Editores, 2010. p. 39-50.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TRIPP, D. (2005). Pesquisa-ação: uma introdução metodológica (p. 446). **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466.

VIEIRA, Karina. Tirinhas para se divertir com a Língua Portuguesa. **Blog da Professora Karina – Língua Portuguesa**, São Paulo, 11 nov. 2012. Disponível em: <https://profekarina.wordpress.com/2012/11/11/tirinhas-para-se-divertir-com-a-lingua-portuguesa/>>. Acesso em: ago de 2019.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

VILELA, M. **O ensino da língua na encruzilhada das normas**. Revista do GELNE, v. 1, n. 2, p. 91-104, 1999.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

YUNES, Eliana. **A provocação que a leitura faz no leitor**. In: AMARILHA, Marly (Org.) **Educação e Leitura: redes de sentido**. Brasília: Liber Livro, 2010.

ZILLES, A. M. S.; GARCEZ, P. M. Estrangeirismos: desejos e ameaças. In: FARACO, Carlos A.. (Org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001. p. 15-36

7 ANEXOS

ANEXO A – TERMO DE ANUÊNCIA

Termo de Anuência

Eu, XXXXXXXXXXXXXXXX, diretor da EEFM XXXXXXXXXXXX, autorizo a realização da pesquisa “***Funk: do cantar ao falar – Coleta e análise lexical de jovens da periferia de Fortaleza***” a ser realizada pela pesquisadora Karlena Raquel Ferreira Unias, que será realizada no segundo semestre do ano letivo de 2019.

Autorizo a pesquisadora a utilizar o espaço da EEFM XXXXXXXXXXXX para a realização da proposta de intervenção e coleta de dados escritos pelos alunos do 9º ano do ensino fundamental. Afirmando que não haverá qualquer implicação negativa aos alunos que não queiram ou desistam de participar do estudo.

Fortaleza, 27 de junho de 2019.

Diretor da Escola

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

TERMO DE ASSENTIMENTO A ESTUDANTES (MENORES DE 18 ANOS)

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “**“Funk: do cantar ao falar – Coleta e análise lexical de jovens da periferia de Fortaleza”**”. O objetivo desse estudo é analisar se a intervenção do professor contribui para a melhoria da reflexão linguística e adequação léxica por parte dos alunos. Caso você consinta, irá participar de sete atividades que contribuirão reflexão lexical e para a construção de um pequeno glossário.

A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir de sua colaboração. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a EEFM XXXXXXXXXXXXXXXX. Tudo foi planejado para minimizar os riscos de sua participação, tais como manifestar oralmente sua opinião sobre as temáticas debatidas, sentir dificuldade ou desconforto na realização das atividades. Caso tenha algum desinteresse durante as práticas, informe ao pesquisador para que ele possa avaliar com você a sua permanência na pesquisa. Caso esteja ciente do seu desconforto, poderá interromper a sua colaboração.

Você não receberá remuneração pela participação. Em estudos parecidos com esse, os participantes têm como potenciais benefícios a melhoria em seu desempenho na produção de textos, orais ou escritos. As suas produções não serão divulgadas de forma a possibilitar a sua identificação. Além disso, você está recebendo uma cópia deste termo, onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Pesquisador Responsável: Karlana Raquel Ferreira Unias

Telefones para contato: (85) 98791.3185

E-mail: karlenaunias@hotmail.com

Instituição: Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – Pau dos Ferros

Eu, _____ declaro que
entendi os objetivos, riscos e benefícios da minha participação, sendo que:

() aceito participar

() não aceito participar

Fortaleza, _____ de _____ de 20____.

Assinatura

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA MENORES DE IDADE

Caro responsável / Representante legal,

Seu filho (a) _____ está sendo convidado (a) a participar como voluntário na pesquisa intitulada “***Funk: do cantar ao falar – Coleta e análise lexical de jovens da periferia de Fortaleza***” do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN – Unidade de Pau dos Ferros.

A pesquisa é de natureza exploratório-qualitativa, ou seja, o pesquisador irá explorar prováveis dificuldades quanto ao uso do léxico e propor oficinas de intervenção. Após essa etapa, o pesquisador fará a análise subjetiva dos dados obtidos.

O objetivo central desse estudo é analisar se a intervenção do professor contribui para a melhoria da comunicação dos alunos.

No meio escolar, leitura e produção de texto, dada a complexidade de seus processos, constituem-se atividades em que os alunos demandam mais tempo para desenvolvê-las. Uma pesquisa-ação e com propósito interventivo é de alta relevância para a ciência da linguagem e para os participantes.

Para atingir tal objetivo, o pesquisador irá realizar com os participantes da pesquisa os seguintes passos metodológicos:

- ✓ Esclarecer aos alunos sobre a importância da pesquisa;
- ✓ Propor a reflexão inicial sobre o processo comunicativo;
- ✓ Realizar atividades de leitura e interpretação de textos para que os participantes desenvolvam habilidades linguísticas a favor de seus propósitos;

- ✓ Propor uma atividade final de seleção lexical com apresentação de respectivos significados.

Aos participantes estão assegurados os seguintes direitos:

- ✓ Conhecer todos os procedimentos da pesquisa;
- ✓ Ter sua identidade resguardada;
- ✓ Dialogar com o pesquisador, caso se sinta desconfortável durante a realização das atividades;
- ✓ Desistir de sua participação a qualquer momento que desejar;
- ✓ Ter garantia de que sua relação com o pesquisador e com a escola não sofrerá prejuízo, caso ele venha a desistir da participação.

Em pesquisa dessa natureza, o risco dos participantes é mínimo, tendo em vista, os direitos assegurados e os procedimentos metodológicos assumidos.

Em relação aos potenciais benefícios, o pesquisador espera que as atividades desenvolvidas contribuam efetivamente para a melhoria no processo comunicativo dos alunos, considerando as etapas inicial e final de tal processo.

Desde já, agradecemos sua atenção e participação e colocamo-nos à disposição para maiores informações.

Você ficará com uma cópia deste Termo e, em caso de dúvidas ou esclarecimentos sobre esta pesquisa poderá entrar em contato com o pesquisador:

Pesquisador Responsável: Karlana Raquel Ferreira Unias

Telefones para contato: (85) 98791.3185

E-mail: karlenaunias@hotmail.com

Eu, _____, portador do
RG nº _____ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da
participação do meu filho (a) _____,
portanto
() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe

Fortaleza, _____ de _____ de 20____

(Assinatura do responsável ou representante legal)

Eu, _____, obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento livre esclarecido da pesquisa do representante legal do menor _____ para a participação da pesquisa.

Assinatura da pesquisadora

ANEXO D – LETRAS DAS MÚSICAS UTILIZADAS NA PESQUISA

Música 1

Realidade Do Mundão

Mc Jx Boladão

Tem que ser persistente otimista e braço forte
Nunca temer o perigo só ser parado pela morte
Estude vá pra escola garanta o seu futuro
Assim quem sabe um dia você não conquiste o mundo

Moleque zica, tá treinado mesmo com a pouca idade
Sabe mandar umas letras cantando a realidade
Que sempre acontece nos bairros de periferia
Dizendo a realidade do nosso dia a dia

Eu canto sou mc mais não é pelo dinheiro
É por amor ao funk tenho orgulho de ser funkeiro
E os caras que sempre foram descriminados
Hoje tão forgando e dando volta de camaro

Pra você que fala mal sem saber a realidade
O funk consciente é o funk que passa mensagem
Na escuridão da noite entre becos e vielas
Vejo vidas sendo destruídas por causa de uma pedra

Jovens sem rumo sem esperança pro futuro
Encostados no muro e sozinhos no mundo
Coisas que não dá mais pra aceitar
De funk consciente na tv nunca vi falar

Não tão aceitando que o nosso som está crescendo
Atá na casa de rico é o que mais tá tendo
Agora eu vou falar e vê se eu não tô certo
O felipe boladão tem mais homenagens
Que o michael jackson

É o jx boladão, realidade do mundão
Liberdade pro irmãos
Cantem comigo esse refrão

Deus deu o dom do amor que pra gente se amar
 Mais as mina vacila não sabe valorizar
 Hoje em dia tá difícil de arrumar uma verdadeira namorada
 Aquela que é fiel e que não te troca por nada

Pai e mãe brigando a criança tá chorando
 Os vizinhos ao invés de separar
 Só ficam olhando e fofocando
 Jovens e crianças indo pra quadra jogar bola
 Enquanto outros tão ali na ilusão da marola

Invejoso? lá é o que mais tem
 Não pode te ver com alguma coisa que já vai te quer ver sem
 Talento, anhh é claro que eu tenho
 Mas não vou desperdiçar atoa
 Isso é perda de tempo

Mina bonita?
 Meu parça já tive algumas mina feia que se acha
 É que não falta nessa rua
 Mais sem esculachar ninguém cada um tem o seu valor
 Tenha fé que um dia tu acha o seu verdadeiro amor
 É a realidade do mundão que vai entrando na sua mente
 Mc jx boladão mais um do funk consciente

É o jx boladão, realidade do mundão
 Liberdade pros irmãos
 Cantem comigo esse refrão

Música 2

Quer Andar de Meiota *MC Kekel e MC Gão*

Hoje o bonde deu o papo
 Ela não quis entender
 Quer de moto ou de carro
 Quer estica pro role
 Brizou na minha XJ
 E gostou da minha CB
 Ta olhando pra meiota
 Já vou logo te dizer

(Refrão)

Quer andar de meiotá?
 Senta na minha _____
 Quer andar de meiotá?
 Senta na minha _____

Hoje o bonde deu o papo
 Ela não quis entender
 Quer de moto ou de carro
 Quer estica pro role
 Brizou na minha XJ
 E gostou da minha CB
 Tá olhando pra meiotá
 Já vou logo te dizer

(Refrão)

Hoje o bonde deu o papo
 Ela não quis entender
 Quer de moto ou de carro
 Quer estica...

Música 3

Pimenta

Valesca Popozuda

É diferente
 Fica ciente que o negócio aqui é quente
 Mexe com a mente hipnotiza muita gente
 Tem o poder de te fazer pirar
 Ai que vontade que me dá

Dá uma loucura
 É viciante, ela é feita de açúcar
 Na rua é santa, mas em casa ela é maluca
 É impossível não se apaixonar
 Agora eu quero ver parar

Tá gamadinho na minha treta
 Ela é mais quente que pimenta malagueta
 Tá viciado no chazinho aqui da preta
 Agora vai comer na mão aqui da nega, nega
 Tá gamadinho na minha treta
 Ela é mais quente que pimenta malagueta
 Tá viciado no chazinho aqui da preta
 Agora vai comer na mão aqui da nega, nega!

Agora ele

Manda mensagem todo dia, toda hora
 Se eu digo não, já beicinho, quase chora
 Já não consegue mais se controlar
 Vai fazer o que eu mandar

Enquanto isso
 Vou provocando, vou deixando a coisa louca
 Atrás da gata, eu escondo uma louca
 Já tá virando o meu brinquedinho
 Que peninha, coitadinho!

Tá gamadinho na minha treta
 Ela é mais quente que pimenta malagueta
 Tá viciado no chazinho aqui da preta
 Agora vai comer na mão aqui da nega, nega
 Tá gamadinho na minha treta
 Ela é mais quente que pimenta malagueta
 Tá viciado no chazinho aqui da preta
 Agora vai comer na mão aqui da nega

Música 4

Evoluiu (part. Sodré)

MC Kevin o Chris

Evoluiu! Ritmo agressivo, 150 fluiu
 Levando levadas que você nunca ouviu
 Eu sou o Rio!
 Vai, brisa na vibe do Kevin O Chris
 Do tamborzão que te faz mexer
 Seja no Lins ou no PPG
 Pode começar a descer
 Vai, brisa na vibe do Kevin O Chris
 Do tamborzão que te faz mexer
 Seja no Lins ou no PPG
 Pode começar a descer
 Habilidosa, ela vem jogando
 Abre e fecha, quicadinha
 Passa em mim sensualizando
 Eu dou aquela sarradinha
 Habilidosa, ela vem jogando
 Abre e fecha, quicadinha
 Passa em mim sensualizando
 Eu dou aquela sarradinha
 Fim de semana é de lei
 Que os cria vai ficar suave

Se nós chamar, sei que elas vem
 Pra baile de comunidade
 Já avisei pro Kevin O Chris
 Pra soltar couro de verdade
 Que se foda a minha ex
 Hoje tem baile da gaiola
 Arrasta a pepeca no chão
 Se envolveu com os cria certo e é só catucadão
 Se envolveu com os cria certo e é só catucadão
 Se envolveu com os cria certo e é só catucadão

Música 5

Funk da Mega Ultra Ostentação

MC Dudu

Eu tô que tô
 Eu tô na pista
 Eu tô ostentando mais do que o Eike Batista

E o fim de semana chegou
 Nós vai dar um rolê com o primo
 Nós vai pra baixada andar de submarino

Se liga aí moleque
 Você não manja nada
 Tu compra camarote e eu compro toda a balada
 Na rima nós é doido
 Os mulekes têm o dom
 Comprei o polo norte pra gelar o meu Chandon

Eu tô que tô
 Eu tô na pista
 Eu tô ostentando mais do que o Eike Batista

Nós não gosta de Camaro
 Tô falando a real
 Nosso bonde é pesadão de foguete espacial
 De Buggy nós tá
 De rolê nas Dunas
 Cordão de sete quilos que travou a minha coluna
 É mega ostentação, é mega ostentação
 É o Dudu que vem curtindo o verão

Se liga aí moleque
 Vou mandando boladão

Se esse vídeo não bombar eu compro visualização

É nós, finalizô, finalizô, finalizô
 Eu tô que tô
 Eu tô na pista
 Eu tô ostentando mais do que o Eike Batista

Música 6

Favela Consciente

Menor do Chapa

Mais sem neurose, sem k.o.
 Muita fé no coração
 Favela consciente
 Então escute o nosso som, não
 Não adianta falar
 Que eu faço apologia
 Eu trago toda a real
 No que acontece no dia-a-dia
 Esse é o papo reto
 Liberdade do sofrimento
 O rap é nossa força,
 Nossa arma e o nosso talento
 Pode falar, discriminar
 Nosso som vai imperar
 Diretamente da favela
 Vô sempre representar
 Humildemente no Brindão
 Liberdade sem k.o.
 Represento a família do morro do Turano
 Se liga comédia otário meu papo é reto e não é de mancada
 Agito na pureza boladão menor do chapa
 Ouça bem o que eu te falo mano vê se não esquece
 Aqui a idéia é forte e a verdade prevalece
 Pode falar, discriminar, nosso som vai imperar
 Diretamente da favela vou sempre representar...

Música 7

Pente e Rala

Romario a nova cara do Funk Melody

O que é isso fera
 Veja que gata malhada
 Pena que o lance dela é só um pente e rala

O que é isso fera
 Essa mina só maltrata
 Depois que foi traída
 Seu lema é um pente e rala

Ela não quer mais com ninguém se envolver
 Porque amou demais um leque que a fez sofrer
 Ela deu amor e não foi amada
 Ela deu valor e foi enganada
 Foi iludida, humilhada e traída
 Agora escaldada não vacila na pista
 Não tem pente certo esqueceu o romance
 Seu lema é só lance
 Acabou a fila andou

Papo de amor com ela não vai rolar
 Agora ela nos usa e diz que é um pente e rala
 Ela é escaldada codorninha danada
 Agora ela quem diz que é um pente e rala...

Música 8

Luxo e Camarote

[Mc's Samuka e Nego](#)

Luxo e camarote, black e red bull, gelo de água de coco,
 Pra ficar sussu, estoura o Chandon, brinda que elas vem,
 Cada qual com seu no bolso só nota de 100 2x

Mete a beta da new era, no pé calça o puma disc,
 Tá de Hurley, de Lacoste, Armani, Abercrombie Fitch,
 E o cordão que as gata enxerga de longe,
 Não é por simpatia, nem por interesse mas quer viver bem,
 E quer fechar com o bonde, a equipe é consciente,
 O funk é revolução, moradores da favela,
 Portadores da visão,
 Pro nosso lado é só fiel, sem falsidade,
 Nós parte pro baile, invade os camarote,
 Que as mesa se entorta, Com o tanto de balde,
 Jack Daniels tá na mesa, que a gold subiu pra mente,
 A fumaça bem prensada deixa a família contente,
 Acompanhante é só as top de elite, perfume exalando,

Os mano tá bombando com as mina do pano,
Tá naquele pique

Luxo e camarote, black, red bull, gelo de água de coco,
Pra ficar sussu, estoura o Chandon, brinda que elas vem,
Cada qual com seu no bolso só nota de 100

Música 9

Portando Um 3 Oitão

[Hugo CNB](#)

Elas viajando e brisando no meu som
E até perguntando se isso é funk proibidão
Ti li li li li li li li, tô com beck na mão
Ti li li li li li li li, portando um 3 oitão

(Refrão)

Pra partir pro crime tem que ter disposição
Mente do Escobar e coração de vilão
Sem pagar de louco, sem diferenciar irmão
E no meio das ideias sempre passa uma visão

Vai que essa é a fita, elas brisando na rima
Vem seguindo a melodia
e eu vou seguindo com a vida mano
Eu tô tranquilo, eu tô tranquilo
tô fumando do verde, e levantando o oitão

(Refrão 2x)

Pra partir pro crime tem que ter disposição
Mente do Escobar e coração de vilão
Sem pagar de louco, sem diferenciar irmão
E no meio das idéias sempre passa uma visão
Vai que essa é a fita, elas brisando na rima
Vem seguindo a melodia
e eu vou seguindo com a vida mano
Eu tô tranquilo, eu tô tranquilo
tô fumando do verde, e levantando o oitão

(Refrão)

Música 10

Um Velho Ditado

[Mc Rodolphinho](#)

Hoje eu joguei a Xj na pista
Enrolei o cabo dela
E parti para Copacabana
Cabelo ao vento
Sente a adrenalina
A nave nós que domina
E a vida Deus comanda

Lembra daquela ruiva Cinderela
Que sempre fechou comigo
Independente da missão
Andava de mão dada na favela
E hoje é a garupa do meu foguetão

Um recado para aqueles recalcados
Que só desacreditou
E hoje quer colar
É tchau para eles fui abençoado
E nós tá voando baixo
Em outro patamar

É tchau para eles fui abençoado
E nós tá voando baixo
Em outro patamar

Mundão girou, ô, ô, ô
E agora vários quer chamar de amigo
Mundão girou, ô, ô, ô
Mas se eu moscar age igual inimigo

Tranquilo eu sigo igual velho ditado
Só vai beber da minha água
Quem passou sede comigo

Tranquilo eu sigo igual velho ditado

ANEXO G – INSTRUMENTAIS COLETADOS – EQUIPE 2

Instrumental	
Alunos: Equipe 2	
Palavras ou Expressões	Significados
1) Braço forte	É uma pessoa legal secundária amigo.
Conquistar o mundo	gêneros na vida.
mulheres zica	um menino que se veste estilo funk.
Já Balada...	é uma pessoa que tem o sentimento de minha por lá preso a muito tempo
mina	eles chamam de mina uma menina
fiel	varilona.
2) Deu o papo	fiel é a atual a esposa
Briço na minha x/	Falso
meiela	gostou da minha mãe
	gostou
3) Fica fieta	Fica esperto
Tia, goma de lã na	gostou da minha pegada
minha treta	pegada da preta
Chazinho da preta	uma forma também de ela falar com
Da bilfinho	ela.
4) Ritmo Agressivo	uma música com mais batida
Levando na vida	quala da som
Levando que se nunca	Músicas que não nunca ouvia.
outra	donde
mezer	Seu no baile ou no outro.
Sala no dia ou no ppg	Seu uma pessoa que sabe dançar.
hailidipa, ela vem jogando	é certo
é de lei	Traficantes
eria	músicas legais
ouro de verdade	
5) Tô que tô	Tô bem
Tô na pista	Tô solteiro
Baixando	Favela
Sulmarino	carro
Bonde	meninos em grupo
Se liga vai	fica esperto
nao mania	nao manda
nós é idêntico	nós é bem
Foguete especial	mole
obstáculo	pessoa que tem dinheiro
semlon	fica joia
6) Sem K.O	6) Sem mentir
Real	verdade
Família do morto	população da morte

ANEXO H – INSTRUMENTAIS COLETADOS – EQUIPE 3

Instrumental	
Alunos: Equipe 3	
Palavras ou Expressões	Significados
1 muleque zica	Ganota bem ventido.
1 fongando	tem condições, não gostei de trabalhar
1 Boladão	Pessoa que está com raiva
1 Maneta	macaneta, pessoa de boca.
1 mina	Uma ganota
1 Padua	suma, obscuro
1 Ilusão	Pernamento que não acontece
1 Parça	Amigo, Puxadinho
1 Esculachar	Coloca a pessoa pra baixo
2 Papo	conversa, ideia
2 Bonda	um grupo de amigos
2 Brizau	Gostei
2 Meleta	uma mata xj
2 Role	Daí uma volta
3 Pisan	Se gostamos Fica?
3 Feito de Agucar	Algo gostoso(a)
3 Gasmadinho	Gosta de alguém
3 teta	Briga
3 Viado no chuzinho	um tipo de draga
3 Baicinho	uma forma de chama a pessoa
3 Gata	Pessoa Bonita demais
4 Ritmo Agressivo	Grave Fonte de som
4 Cotucado	Coisa sexual
4 Sau o Rio	Nome de uma cidade
4 Briza	Isa pela cabeça de outro
4 viba	Algo bom
4 tamborão	Som
4 limo ppg	Comunidade do Rio de Janeiro.
4 quicadinha	mulher dançando
4 Sumu	De Boca
4 Confirde verdade	música de verdade
5 pista	Isa cultura
5 estintando	Isa cantando com muito dinheiro
5 multi	Sair para curtir com amigos, beber.
5 Baixada	Tipos em locais privados dila.
5 manja	Isa em moda.
5 pesadão	bonda de confusão, manda tudo.
6 murese	usuários ruins
6 apologia	Coisa que incentiva
6 discriminan	desrespeito

ANEXO I – INSTRUMENTAIS COLETADOS – EQUIPE 4

Instrumental	
Alunos: Equipe 4	
Palavras ou Expressões	Significados
① muleque zica gorgoneio narrar sem estar ouvindo mimo aluno da unidade	garoto sem vestido okio de dinheiro narrar sem estar ouvindo gorgoneio aluno da unidade
② mudo Sorriso Soy de Sordi, da e papa	sem uma coisa sorriso da unidade Soy de Sordi, da e papa
③ bon cinto bona pira gorgoneio Sorda	bona pira ti, duca, suca gorgoneio Sorda
④ Sorda Soy de Sordi, da e papa bona pira gorgoneio	Sorda comunidade de um de Sordi Soy de Sordi, da e papa bona pira
⑤ muleque Soy de Sordi, da e papa bona pira gorgoneio Sorda Soy de Sordi, da e papa bona pira	Gorgoneio Soy de Sordi, da e papa bona pira gorgoneio Sorda Soy de Sordi, da e papa bona pira
⑥ muleque Soy de Sordi, da e papa bona pira gorgoneio	Soy de Sordi, da e papa bona pira gorgoneio Soy de Sordi, da e papa
⑦ Sorda Soy de Sordi, da e papa bona pira gorgoneio	Sorda Soy de Sordi, da e papa bona pira gorgoneio

ANEXO J – INSTRUMENTAIS COLETADOS – EQUIPE 5

Instrumental	
Alunos: <i>Equipe 5</i>	
Palavras ou Expressões	Significados
1º: Jernem	ter medo
Realidade	uma coisa real
Moleque zica	que tem um estilo próprio
Fogando	quer dizer folgar
entre becos e vielas	rua estreita e curta
rumo	Direção que segue
Fiel	que dá mostrão de lealdade
Fofocando	uma informação que é distribuída
manola	onda pequena
mundão	mundo grande
2º: estica	puxar
Brizou	muito doido
meiotá	uma moto XT
deu o papo	conversa
3º: ciente	esperto e atencioso
gamadinho	sazonado
trêta	briga
4º: brimsa na vibe	apreciar algo tranquilo
5º: manja	uma pequena rabia
6º: neu morse	pequena murcha
K.O.	mocete ou mentira
Papo reto	coisas verdadeiras
hepementam	levar algo para fora
Brindão	estilo de vida
mançada	comportamento errôneo
boladão	surpresa e confusão
ideia	informação
7º: pente	—
riala	mesmo que mandar sair fora
legue	menino
vacila na pista	errou em algo
lema	uma palavra
Fila andou	tarde demais
8º: Summu	tranquilo
bonde	grupo
Vimão	animar
mino	mulher
pique	correr
camarote	ver de perto

Instrumental	
Alunos: <u>Equipe 5</u>	
Palavras ou Expressões	Significados
1º Jemen	ter medo
realidade	uma coisa real
moleque zica	que tem um estilo próprio
forçando	quer dizer falar
entre becom e vielam	rua estreita e curta.
rumo	Direção que segue
fiel	que dá motivos de lealdade.
fotocando	uma informação que é distribuída.
mamola	onda pequena
mundão	mundo grande
2º emfoca	puxar
Brizou	muito doido
meiote	uma moto XT
deu o papo	conselho
3º ciente	esperto e atencioso
gamadinho	sossegado
meta	briga
4º brinca na vibe	apreciar algo tranquilo
5º manja	uma pessoa maliciosa
6º neu morce	palavras murmuradas
K.O.	moralte ou mentira
Papo reto	missas verdadeira
me prementam	levar algo para fora.
Brindão	estilo de vida
mancada	comportamento errôneo
boladão	suspeito e confuso
ideia	informação
7º pente	—
rala	mesmo que mandar sair fora.
leque	menino
vacila na pinta	errou em algo
tema	uma palavra
Fila andou	tarde demais
8º Summu	tranquilo
bonde	grupo
virão	animar
mina	mulher.
piave	correr
camarote	ver de perto.

ANEXO K – INSTRUMENTAIS COLETADOS – EQUIPE 6

Instrumental	
Alunos: Equipe 6	
Palavras ou Expressões	Significados
1- Fartado	cheio de dinheiro
2- MULEKE ZICA	MENINO BEM VESTIDO
3- MAROLA	MACONHA
4- MUNDÃO	MUNDO DAS PERFEITAS ex: gostei no mundo e fui dar o primeiro beijo quando eu era do mundo.
BOLADÃO	LOUCO, PENSATIVO
TEXTO 2	
DEU O PAPO	FALOU
PRIZOU	he encontrou, gostou
TEXTO 3	
TRETA	PESSOA DIFÍCIL
o de lei	Gratuito - Certo
PEPECA	VAGABUNDA
TEXTO 4	
ROLÊ	SAIR
SUBMARINO	CARRO DO ANO
MANITA	GABE
REAL	VERDADE
PESADÃO	FOTIA, LEGAL
TEXTO 5	
NEUROSE	UMA COISA QUE VEMO CRIA NA MENTE PENSAMENTOS DE COISAS MALICIAS
PAPO REPO	VERGONHA
BRINDÃO	Pessoa ma
TEXTO 6	
Pente e muito	- só um (Figa) beijo
leque -	- MULEKE, MENINO, as tuas de casacas.
TEXTO 7	
SUSU-	suspiro, que etc.
PALE-	Homossexual
TEXTO 8	
BECK-	Drugs
Gratão	- REUSAR
MENTE DO EXOBAR	- Ser uma Pessoa (Fria/Sem V
vende	macemba

ANEXO L – INSTRUMENTAIS COLETADOS – EQUIPE 7

Instrumental	
Alunos: Equipe 7	
Palavras ou Expressões	Significados
1. Multidão zica	um carnêto com muitos funkceiros
2. São desanimados	Sustentos na vida/ desanimados
3. Realidade dos moradores	Como os moradores estão vivendo em dia
4. Mais os meus amigos	mais os meus amigos
5. Juntos eles moram	se dividindo com os outros
6. Meu bairro	Amigos / irmãos
7. Sem reconhecimento	sem reconhecimento umas pessoas
8. Quer entrar pro né	Quer entrar
9. Muita	Muito
10. Abande deu o papo	Esclarecer algo
11. Comodinho	condição na construção
12. Camisa na mão	Sua dominado
13. Injando meu brinquedinho	sendo usado
14. Braba na vida	Se jogar na dança
15. O tamborão que te fez mexer	sem / dança
16. Que os cria vai ficar suave	Vai aparecer o final de semana
17. Baile da gracinha	Balada / festa
18. Rolê	Festa / saída com os amigos
19. Baixada	LARGO
20. Seliga	Fica atento
21. Vive não manja nada	NÃO INTENDE NADA
22. Mancada	FAZER BESTEIRA
23. Leque	MULEQUE / DAPA 2 / CAIDA
24. Ficar sussu	FICAR TRANQUILLO / DE BOA
25. Fechar com o bende	TOPAR SAIR
26. Se as top de elite	MULHER BONITA
27. Fumada do verde	MARCAVA
28. Dita	TIPO DE ADAMA
29. De sempre fechou comigo	SEMPRE ESTEVE COMIGO
30. Munda girou	AS COISAS MUDARAM

ANEXO M – GLOSSÁRIO ELABORADO PELOS ALUNOS – FRENTE

Dedicamos nosso trabalho a todos os colegas da turma do 9º ano C – Tarde, pela grande parceria.

Dedicamos também a nossa professora de português Karlena, por ter nos ajudado a entender melhor a nossa língua e o nosso “falar”.

Agradecemos à Gestão Escolar por apoiar esse trabalho.

Agradecemos ainda o apoio do professor de Informática Régis, por ajudar na formatação desse trabalho.

Este glossário é resultado de um trabalho desenvolvido no ano de 2019 pela professora Karlena Unias nas aulas de Língua Portuguesa, na turma de 9º ano C, turno tarde, da escola Santo Amaro, localizada no bairro Bom Jardim.

🎵 Funk: do cantar ao falar 🎵

Glossário de palavras e expressões utilizadas pelos jovens do Bom Jardim



Trabalho da Turma de 9º ano C – Tarde – Escola Santo Amaro – Profª Karlena Unias - 2019

ANEXO M – GLOSSÁRIO ELABORADO PELOS ALUNOS – VERSO

**Se liga aí, galera!**

Bater a real - dizer a verdade

Beque - cigarro de maconha

Boladão - desconfiado, cismado, surpreso

Bombar - ficar conhecido, famoso

Bonde - grupo de amigos

Braço forte - aquele que é leal, amigo

Brisa na vida - gostar, curtir

Brizou - gostou

Catucadão - saber envolver amorosamente

Colar - ficar junto

Couro - música que agrada a todos

Deu o papo - falou, avisou

É de lei - algo que acontece com frequência

Esculachar - desmoralizar, insultar

Geticar pro molô - ir pra festa

Fechar - fazer acordo, estar junto

Ficar ciente - ficar esperto, ficar sabendo

Ficar suave - ficar tranquilo

Ficar suzu - ficar tranquilo

Foguete - problema

Foguete espacial - motocicleta de grande porte

Forgando - cheio de dinheiro

Gamadinho - apaixonado

K.o. - mentiras

Lance - ideia, conversa

Leque - moleque

Mancada - erro, deslize

Manjar - saber

Marola - sobre efeito de drogas

Meiote - motocicleta

Moleque zica - garoto que tem estilo próprio

Mozcar - não estar atento, estar de vacilo

Nave - carro ou moto de alto valor

Os cria - garoto de favela, criminosos, traficantes

Ostentando - exibindo ter dinheiro

Papo reto - falar diretamente, ser franco

Parça - companheiro, amigo

Ralar - sair rapidamente

Se liga aí - fica atento

Sem neurose - sem mentiras, falsidades

Submarino - carro do ano

Tá na pista - tá solteiro

Tamborzão - música alta com ritmo forte

Treta - problema, confusão